



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS E HUMANAS
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

NELTER TALISON CARDOSO DE AZEVEDO

CHAI: PROPOSTA DE UM ANTEPROJETO DE UM CENTRO CULTURAL DE
HISTÓRIA JUDAICA PARA A CIDADE DE CATOLÉ DO ROCHA – PB.

PAU DOS FERROS

2022

NELTER TALISON CARDOSO DE AZEVEDO

**CHAI: PROPOSTA DE UM ANTEPROJETO DE UM CENTRO CULTURAL DE
HISTÓRIA JUDAICA PARA A CIDADE DE CATOLÉ DO ROCHA – PB**

Monografia apresentada a Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Profa. Dra. Anna Cristina Ferreira Andrade

.

PAU DOS FERROS

2022

© Todos os direitos estão reservados a Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. O conteúdo desta obra tomar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

A994c Azevedo, Nelter Talison Cardoso de.
Chai: proposta de um anteprojeto de um centro cultural de história judaica para a cidade de Catolé do Rocha - PB. / Nelter Talison Cardoso de Azevedo. - 2022.
178 f. : il.

Orientadora: Anna Cristina Andrade Ferreira.
Monografia (graduação) - Universidade Federal Rural do Semi-árido, Curso de Arquitetura e Urbanismo, 2022.

1. Centro Cultural. 2. História. 3. Cultura. 4. Memória. I. Ferreira, Anna Cristina Andrade, orient. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada por sistema gerador automático em conformidade com AACR2 e os dados fornecidos pelo autor(a).

Biblioteca Campus Pau dos Ferros
Bibliotecária: Erlanda Maria Lopes da
SilvaCRB: 1115

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pelo Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo (USP) e gentilmente cedido para o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (SISBI-UFERSA), sendo customizado pela Superintendência de Tecnologia da Informação e Comunicação (SUTIC) sob orientação dos bibliotecários da instituição para ser adaptado às necessidades dos alunos dos Cursos de Graduação e Programas de Pós-Graduação da Universidade.

NELTER TALISON CARDOSO DE AZEVEDO

**CHAI: PROPOSTA DE UM ANTEPROJETO DE UM CENTRO CULTURAL DE
HISTÓRIA JUDAICA PARA A CIDADE DE CATOLÉ DO ROCHA – PB**

Monografia apresentada a Universidade
Federal Rural do Semi-Árido como requisito
para obtenção do título de Bacharel em
Arquitetura e Urbanismo.

Defendida em: 16 / 11 / 2022.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Anna Cristina Andrade Ferreira (UFERSA)
Presidente

Profa. Dra. Rafaela Santana Balbi (UFERSA)
Membro Examinador

Profa. Dra. Monique Lessa Vieira Olímpio (UFERSA)
Membro Examinador

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Joaquim Batista de Azevedo e Edilene Cardoso de Azevedo, pelo apoio incondicional a todas decisões da minha vida, obrigado por todas as vezes que abdicaram de algo para proporcionar a melhor educação possível para mim e meu irmão Elder.

Agradeço à minha querida madrinha Francinilda, pelo apoio durante essa jornada e pelo cuidado de mãe que teve comigo desde meu nascimento.

Agradeço à minha querida Maria Jamilly pelo companheirismo durante esse processo de graduação, pelo amor e pelo incentivo.

Agradeço aos amigos André Victor, André Viana, Gustavo Cardoso, Rennan Linhares, Erivan Brunno, Daniel Oliveira, João Gabriel, Pedro Gil, Thalys Fabrizio, Everton Santiago, Marçal Terceiro e Leonardo Santiago, pela irmandade.

Agradeço à minha querida orientadora professora Anna Cristina, que teve fundamental importância durante toda minha graduação, obrigado, pelo suporte, pelos vastos ensinamentos durante todos esses anos de curso e pela oportunidade de ter sido seu orientando, a senhora é um exemplo de profissional.

Agradeço aos professores do curso de Arquitetura e Urbanismo que me acompanharam durante essa jornada.

Agradeço aos colegas de curso que contribuíram para minha formação, em especial a Leticia Shelly e Ian Kennedy.

Agradeço a todos que direta ou indiretamente contribuíram para minha formação.

RESUMO

O objetivo principal será propor o anteprojeto de um Centro Cultural de história judaica para a cidade de Catolé do Rocha – PB, a fim de difundir e resgatar a memória antepassada do povo judeu, e ao mesmo tempo alcançar os objetivos específicos necessários para tal, como historiar o contexto da imigração judaica e o processo de apagamento da cultura judaica; identificar em quais aspectos socioculturais do Nordeste brasileiro podem ser observados a influência da cultura judaica; entender a dinâmica e a finalidade dos centros culturais; conhecer as características locais da cidade de Catolé do Rocha – PB, do ponto de vista físico, social e cultural, visando a elaboração adequada do anteprojeto do Centro Cultural e criar um espaço que auxilie na difusão da cultura judaica, com espaços didáticos, interativos, inclusivos e acessíveis.

Palavras-chave: Centro Cultural, História, Cultura, Memória.

ABSTRACT

The main objective will be to propose the preliminary project of a Cultural Center of Jewish History for the city of Catolé do Rocha - PB, in order to disseminate and rescue the ancient memory of the Jewish people, and at the same time achieve the specific objectives necessary for this, such as history the context of Jewish immigration and the process of erasure of Jewish culture; identify in which sociocultural aspects of the Brazilian Northeast the influence of Jewish culture can be observed; understand the dynamics and purpose of cultural centers; to know the local characteristics of the city of Catolé do Rocha - PB, from the physical, social and cultural point of view, aiming at the adequate elaboration of the Cultural Center preliminary project and to create a space that helps in the diffusion of the Jewish culture, with didactic, interactive spaces, inclusive and accessible.

Keywords: Cultural Center, History, Culture, Memory.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -Homem judeu utilizando um talit katan	24
Figura 2 -Homem judeu utilizando uma quipá.....	25
Figura 3 -Expulsão dos judeus de Portugal aquarela por Roque Gameiro, 1917.....	29
Figura 4 -Capela do Engenho Santo André.....	30
Figura 5 -Center National d'Art et Culture Georges Pompidou.....	33
Figura 6 -Centro Cultural de Jabaquara.....	34
Figura 7 -Centro Cultural de São Paulo	34
Figura 8 -Mapa com a localização da Paraíba e Catolé do Rocha	36
Figura 9 -Igreja Nossa Senhora do Rosário.....	37
Figura 10 -Casa do pobre	38
Figura 11 -Colégio Leão XIII.....	38
Figura 12 -Sede da antiga prefeitura de Catolé do Rocha – PB	39
Figura 13 -Sobrado de Sergio Hermenegildo Maia.....	39
Figura 14 -Processo inquisitorial de Luis Nunes da Fonseca.....	41
Figura 15 -Processo inquisitorial de Maria de Valença e Clara Henriques.....	42
Figura 16 -Processo inquisitorial de Antonio Fonseca Rego	43
Figura 17 -Manoel Alves Maia, conhecido como o poeta.	44
Figura 18 -Casal Francisco Hermenegildo Maia de Vasconcelos e Herminia Alves Maia.	45
Figura 19 -Casal Sergio Hermenegildo Maia de Vasconcelos e Otilia Idalina Maia de Vasconcelos.	45
Figura 20 -À esquerda Padre Américo Sergio Maia e à direita seu irmão José Sergio Maia. .	46
Figura 21 -Árvore Genealógica da família Maia partido do casal Luis Nunes e Maria Thomas.	47
Figura 22 -Letra Hebraica <i>Shin</i>	49
Figura 23 -Exemplo de oratório com a letra Shin gravada.....	50
Figura 24 -Brasão da cidade de Boa Vista – PB.	52
Figura 25 - Localização do terreno.....	59
Figura 26 -Terreno da proposta, monte Tabor ao fundo	60
Figura 27 - Vista da rua Edenida Cavalcante	61
Figura 28 - Vista para o interior do terreno.....	61
Figura 29 - Mapa do entorno do terreno.....	62
Figura 30 - Dimensionamento do terreno.....	62

Figura 31- Topografia do terreno.	63
Figura 32 - Perfil topográfico do terreno, sem escala.	63
Figura 33 - Mapa de zonemanto bioclimático brasileiro.	64
Figura 34 - Grafico de temperaturas de Catolé do Rocha - PB	65
Figura 35 - Simulação do solstício de verão, às 7:00 horas.	66
Figura 36 - Simulação do solstício de verão, às 12:00 horas.	66
Figura 37 - Simulação do solstício de verão, às 17:00 horas.	67
Figura 38 - Simulação do equinócio de outono, às 7:00 horas.....	67
Figura 39 - Simulação do equinócio de outono, às 12:00 horas.....	68
Figura 40 - Simulação do equinócio de outono, às 17:00 horas.....	68
Figura 41 - Simulação do solstício de inverno, às 7:00 horas.	69
Figura 42 - Simulação do solstício de inverno, às 12:00 horas.	69
Figura 43 - Simulação do solstício de inverno, às 17:00 horas.	70
Figura 44 - Simulação do equinócio vernal, às 7:00 horas.....	70
Figura 45 - Simulação do equinócio vernal, às 12:00 horas.....	71
Figura 46 - Simulação do equinócio vernal, às 17:00 horas.....	71
Figura 47 - Gráfico de ventilação da cidade de Catolé do Rocha - PB	72
Figura 48 - Gráfico de precipitação mensal de chuvas.....	73
Figura 49 - Corte esquemático do passeio principal do projeto, sem escala.....	75
Figura 50 - Perspectiva 3D, passeio principal.	76
Figura 51 - Exemplo de banheiro acessível da NBR 9050.....	77
Figura 52 - Ilustração com indicativos de alturas da NBR 9050.....	77
Figura 53 - Banheiro acessível do projeto, sem escala.....	78
Figura 54 - Palco do auditório com plataforma elevatória vertical.....	79
Figura 55 - Corte esquemático da bancada de recepção, sem escala.	79
Figura 56 - Vista do Centro de interpretação da cultura judaica Isaac Cardoso.	80
Figura 57 - Planta baixa do primeiro pavimento	81
Figura 58 - Planta baixa do segundo pavimento	81
Figura 59 - Vista interna da edificação.....	82
Figura 60 - Vista da fachada principal do Centro Cultural Midrash	83
Figura 61 - Planta baixa pavimento térreo.	84
Figura 62 - Planta baixa primeiro pavimento.	85
Figura 63- Planta baixa segundo pavimento.	86
Figura 64 - Planta baixa terceiro pavimento.	87

Figura 65 - Planta baixa quarto pavimento.	88
Figura 66 - Vista do detalhe da fachada principal.	89
Figura 67 - Vista do Museu do Holocausto e dos Direitos Humanos de Dallas	89
Figura 68 - Planta baixa primeiro.	90
Figura 69 - Planta baixa segundo pavimento.	91
Figura 70 - Planta baixa terceiro pavimento	92
Figura 71 - Vista interna do museu.	93
Figura 72 - Sala de reflexão.....	93
Figura 73 - Vista geral do museu.	94
Figura 74 - Vista da fachada principal do museu	95
Figura 75 - Planta baixa primeiro pavimento	96
Figura 76 - Planta baixa segundo pavimento.	97
Figura 77 - Planta baixa terceiro pavimento	98
Figura 78 - Planta baixa quarto pavimento.	99
Figura 79 - Zoneamento	105
Figura 80 - Fluxograma do projeto.....	105
Figura 81 - Palavra hebraica <i>Chai</i>	106
Figura 82 - Ideia de setorização do projeto	107
Figura 83 - Vista superior de maquete eletrônica do projeto do centro cultural.	108
Figura 84 - Planta baixa do projeto	109
Figura 85 - Layout do projeto.....	110
Figura 86 - vista superior da edificação.	111
Figura 87 - Vista para o auditório.....	112
Figura 88 - Entrada principal.....	113
Figura 89 - Inscrições na parede de vidro.	113
Figura 90 - Vista da recepção e estar.....	114
Figura 91 - Vista para a biblioteca.	115
Figura 92 - Vista interna da biblioteca.	115
Figura 93 - Vista do jardim central.	116
Figura 94 - vista para o letreiro.	117
Figura 95 - Vista para o setor administrativo.	117
Figura 96 - Vista para o estacionamento.	118
Figura 97 - Vista para o estacionamento, sentido muro.	119
Figura 98 - Vista para área externa.....	120

Figura 99 - Vista passeio da área externa.	120
Figura 100 - vista para fachada norte.	121
Figura 101 - Vista para entrada secundária.	121
Figura 102 - Entrada para o auditório.....	122
Figura 103 - Vista de um exemplar de exposição.	122
Figura 104 - Exposição exemplificativa de uma torah.	123
Figura 105 - Expositores com totem em braile.	123
Figura 106 - Expositores com totem.	124
Figura 107 - Exemplar de exposição de objetos históricos.	124
Figura 108 - Expositor audiovisual.	125
Figura 109 - Expositor dinâmico.....	125
Figura 110 - Perspectiva geral da do projeto.....	126
Figura 111 - Vista para fachada principal.	127
Figura 112 - Telha isotérmica de poliuretano.....	130
Figura 113 - Calha metálica.	130
Figura 114 - Cumeeira para isotelha	131
Figura 115 - Laje pré-moldada EPS 12 cm	132
Figura 116 - Laje de EPS em estrutura metálica.	132
Figura 117 - Aberturas zenitais do projeto.	133
Figura 118 - Perspectiva da cobertura do projeto.....	133
Figura 119 - Pergolado da biblioteca.	134
Figura 120 - Perspectiva da marquise da entrada principal.....	135
Figura 121 - Placa de gesso	135
Figura 122 - Rolo de lã de rocha	136
Figura 123 - Placa de gesso acartonato.	136
Figura 124 - Construção em drywall	137
Figura 125 - Placa cimentícia	138
Figura 126 - Janela de correr duas folhas	138
Figura 127 - Janela do tipo maxim-ar	139
Figura 128 - Janela do tipo fixa.....	139
Figura 129 - Entrada principal do centro cultural.	140
Figura 130 - Janela de vidro fixa.....	140
Figura 131 - vista da esquadria da biblioteca.	141
Figura 132 - exemplar de vidro duplo.	141

Figura 133 - Exemplo de porta utilizada no projeto.....	142
Figura 134 - Porta de alumínio.....	142
Figura 135 - Porta de vidro de correr.	143
Figura 136 - Porta de vidro de abertura convencional	143
Figura 137 - Porta de correr, 4 folhas.....	144
Figura 138 - Paleta de cores dos revestimentos, à esquerda interno e à direita externo.	145
Figura 139 - Porcelanato esmaltado bege cereal.....	145
Figura 140 - Piso de alerta e condução.....	146
Figura 141 - Piso de alerta e condução em alumínio.	146
Figura 142 - Piso drenante.....	147
Figura 143 - Exemplar de estrutura metálica.	148
Figura 144 - Oliveira.	149
Figura 145 - Tamareira.	149
Figura 146 - Pé de romã	150
Figura 147 - Parreira.....	150
Figura 148 - Murta	151
Figura 149 - Samambaia.....	151
Figura 150 - Lantana- chorão.	152
Figura 151 - Lilás da Califórnia	152

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Tabela resumo de objetivos e procedimentos metodológicos	19
Tabela 2 - Tabela de zoneamento do uso do solo urbano	73
Tabela 3 - Tabela resumo de soluções projetuais	100
Tabela 4 - Pré-dimensionamento do projeto.....	103
Tabela 5 - Tabela de taxa de ocupação	127
Tabela 6 - Tabela de consumo predial diário	128

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 CONCEITUAÇÃO TEMÁTICA.....	21
2.1 Memória, memória coletiva, cultura e identidade.....	21
2.2 Memória coletiva	21
2.3 Cultura e identidade.....	25
2.4 Diáspora judaica: da Península Ibérica ao Brasil.	28
3. CATOLÉ DO ROCHA/PB: HISTÓRIA E FORMAÇÃO URBANA	36
4. ANTEPROJETO DE UM CENTRO CULTURAL JUDAICO PARA A CIDADE DE CATOLÉ DO ROCHA – PB	59
4.1 Localização do terreno	59
4.1.2 Dimensionamento do terreno.....	62
4.2 Condicionantes físicos e ambientais.....	63
4.2.1 Topografia	63
4.3 condicionantes climáticas.....	64
4.4 condicionantes legais	73
4.4.1 soluções de acessibilidade	75
4.5 Referências projetuais.....	80
4.5.1 Centro de interpretação da cultura judaica Isaac Cardoso.....	80
4.5.2 Centro Cultura Midrash	82
4.5.3 Museu do Holocausto e dos Direitos Humanos de Dallas	89
4.5.4 Museu da história dos judeus poloneses.....	94
4.6 Programa de necessidades e pré-dimensionamento.	101
4.7 Zoneamento e Fluxograma	104
4.7 Partido arquitetônico	106
4.6 Análise projetual.....	108
4.8 Reservatórios de água	127

4.9 Cobertura	129
4.10 Paredes, esquadrias e revestimentos.....	136
4.11 Pisos	145
4.12 Estrutura	147
4.13 Paisagismo	148
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	153
REFERÊNCIAS	155
APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS MEMBROS DA COMUNIDADE JUDAICA DA PARAÍBA.....	161
APÊNDICE B – ENTREVISTA COM JOSEMBERG CARVALHO	162
APÊNDICE C – ENTREVISTA COM MONALIZA GEOVANA.....	166
APÊNDICE D – ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM RABINO OFIR DE VAVOHO	169
APÊNDICE E –ENTREVISTA COM RABINO OFIR DE VAVOHO.	170

1 INTRODUÇÃO

No que concerne ao povo brasileiro a diversidade é uma das características mais marcante, tanto étnica quanto cultural. Ao longo da história vários povos migraram, alguns por vontade própria como os imigrantes europeus, sobretudo portugueses; outros de forma compulsória sequestrados de sua pátria para realização de trabalhos forçados, como os povos africanos; além daqueles fugindo de conflitos e perseguições em seus países, e. Além disso, havia povos indígenas locais, habitantes originários do país, cujas etnias e costumes também auxiliaram na formação indenitária do povo brasileiro, ou para Gilberto Freyre a “miscigenação” étnico-cultural (CARVALHO, 2014, p.293).

Dentre as questões culturais, uma que sempre se sobressaiu, desde os primórdios da história do país, foi a religiosa. Segundo Somanin (2012, p.2), no Brasil existem registradas mais de 15 religiões com número significativo de adeptos. Destaca-se a predominância da religião católica apostólica romana, seguida das comunidades evangélica e espírita. Além dessas, há diversas ramificações cristãs, religiões de matrizes africanas, tradições esotéricas, tradições indígenas, religiões orientais, múltiplos pertencimentos e também os irreligiosos. Este trabalho foca no estudo a cultura judaica brasileira, seus dogmas, costumes próprios, símbolos e história.

O termo “Judeu” é uma expressão que transcende o aspecto religioso, podendo ser definido como grupo étnico, cultural ou mesmo uma raça, como considera DeMar (2019, p.2-3), originados nas doze tribos de Israel, de acordo com Amorim (2003, p. 1), e com a historiografia bíblica.

No Brasil, de acordo com os dados do censo demográfico de 2010, realizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, existem cerca de 107.329 judeus distribuídos pelo país, contudo, há um grande desconhecimento por parte da população acerca da ancestralidade judaica advinda dos cristãos-novos ou B’nei Anussim¹, que como relata Filgueira (2011, p.11-12) foram judeus expulsos da Espanha e de Portugal no século XV logo após sua conversão forçada ao catolicismo, que passaram a habitar o Brasil colonial, sobretudo o Nordeste. Segundo Oliveira (2012, p.14), muitos dos convertidos pararam com as práticas judaicas e passaram a assimilar a religião católica fazendo com que a religião, costumes, descendências e ascendências judaicas fossem esquecidos ou dissimulados. Logo é difícil

¹B’nei Anussim é um termo hebraico que significa filhos dos forçados, refere-se aos judeus sefarditas habitantes da Espanha e Portugal convertidos à força para o catolicismo e expulsos desses países no século XV, vindo estes refugiados para o Brasil, o termo cristãos-novos também é usado como referência a esse grupo.

mensurar a real quantidade da população descendente dos povos israelitas no território brasileiro.

Dessa maneira, a questão norteadora desse trabalho surgiu a partir dos relatos históricos acerca dos B'nei Anussim e pela notória ausência de informações sobre esse povo, que participou da formação do território nordestino, mas teve sua memória apagada ou dissimulada.

Como também se baseia na carência de conhecimento por parte da comunidade nordestina acerca dos seus antepassados judeus e a falta de meios que possam disseminar a história desse povo, sendo assim, surgem questionamentos importantes:

- Como preservar, e ao mesmo tempo difundir, a história dos B'nei Anussim para a comunidade nordestina?
- Como preservar a memória cultural judaica presente no Nordeste?

Segundo dados da plataforma governamental MuseusBR², há apenas três registros de museus que abordam a temática judaica, espalhados em território nacional, demonstrando que são poucos os espaços, extra religiosos que tratem especificamente da cultura judaica, diante do exposto é notória a necessidade da produção de instrumentos que permitam a disseminação e preservação da história esquecida do povo judeu do Nordeste, além disso, há uma grande carência de instituições, além das sinagogas, que tratem especificamente desta temática. Logo, diante do exposto, que justifica o desenvolvimento desta temática, o presente trabalho consiste em propor um Centro Cultural judaico para a cidade de Catolé do Rocha – PB, como espaço de resgate da memória, exposição de artefatos e preservação de registros relacionados à história dos cristãos-novos do interior do Nordeste brasileiro, como também, um ambiente de difusão e preservação cultural e patrimonial, apoio social e educacional.

Outro aspecto que justifica esse trabalho, são meus atributos pessoais, pois, assim como vários nordestinos, possuo ligações com raízes judaicas hibericas, e acredito que a arquitetura pode ser um importante instrumento de difusão e preservação dessa história. Acredito que diversos dos meus ancestrais, por parte de minha trisavó, *in memoriam*, Maria Candida do Nascimento, tiveram suas origens no povo israelita, dentre os quais também podem ser lembrados os nomes de: Isabel Mendes, nascida em 1547, citada no processo inquisitorial número 12.967 do santo ofício de Lisboa e Beatriz Furtado, antepassada de 15º geração, nascida em 1530, filha de Marcos Afonso e Ines de Xêrez, advinda de uma linhagem de judeus

² A plataforma MuseusBR foi instituída por meio da portaria N° 6 de 9 de janeiro de 2017, do Ministério do Turismo.

espanhóis, a qual ao passar dos anos, chegaram ao Seridó nordestino, como mostra a obra de Luiz Fernando Pereira de Melo, *Um Ramo Judaico dos Medeiros do Seridó* (2020).

Segundo Novinsky (2009, p.4), entre os séculos XVII e XVIII, cerca de 30% da população branca e livre do Brasil provinha de origem judaica, porém, essa ancestralidade é desconhecida pela população na maior parte dos casos. Assim, resgatar e difundir a história do povo judeu e seus impactos na formação do Nordeste e do povo nordestino significa suprir uma necessidade, da comunidade sertaneja, em ter um espaço no qual seja contada a história dessa parcela desconhecida.

Diante disso, é necessário um espaço com estrutura suficiente para abarcar a temática da cultura judaica, seus objetos, símbolos e celebrações, por isso a ideia, que será aqui apresentada, se baseia em propor um Centro Cultural de história judaica, com espaço de exposição de artefatos que tenham ligação com o povo judeu, mas também possua espaços que ajudem a contar os fatos e acontecimentos relevantes para a história desse povo e dar o suporte necessário para o conhecimento acerca da ancestralidade do povo nordestino.

Assim, o objetivo principal será propor o anteprojeto de um Centro Cultural de história judaica para a cidade de Catolé do Rocha – PB, a fim de difundir e resgatar a memória antepassada do povo judeu, e ao mesmo tempo alcançar os objetivos específicos necessários para tal, como historiar o contexto da imigração judaica e o processo de apagamento da cultura judaica; identificar em quais aspectos socioculturais do Nordeste brasileiro podem ser observados a influência da cultura judaica; entender a dinâmica e a finalidade dos centros culturais; conhecer as características locais da cidade de Catolé do Rocha – PB, do ponto de vista físico, social e cultural, visando a elaboração adequada do anteprojeto do Centro Cultural e criar um espaço que auxilie na difusão da cultura judaica, com espaços didáticos, interativos, inclusivos e acessíveis.

Os procedimentos metodológicos seguiram por uma abordagem de cunho qualitativo, no qual foram analisadas as características culturais e históricas para produção de um anteprojeto de um Centro Cultural com foco na história judaica para a cidade de Catolé do Rocha – PB. No primeiro momento, realizou-se uma pesquisa bibliográfica e documental sobre temas relacionados à história judaica, afim de aprofundar e compreender temática tão específica, além dos outros temas aqui mencionados. Foram realizadas algumas entrevistas, não estruturadas, com membros da comunidade judaica na Paraíba, com o intuito de se entender melhor os símbolos e costumes da cultura judaica, e a história das famílias que vivem, ou viveram, no estado. Ao mesmo tempo iniciou-se a análise e diagnóstico da área de intervenção por meio de visitas ao local, levantamento fotográfico, análise topográfica e de análise dos

condicionantes projetuais, na qual foi levado em conta condições do terreno, urbanísticas, paisagísticas e climáticas para a conseguinte produção do programa de necessidades e do estudo de viabilidade. Com essas informações já pode ser iniciada a produção dos textos e do anteprojeto aqui apresentados. Para os estudos preliminares de pré-dimensionamento dos ambientes, fluxograma e zoneamento e para auxiliar na definição do partido e o desenvolvimento do projeto arquitetônico, foram feitos estudos de projetos correlatos, com a mesma temática, observando os principais aspectos que norteiam os tópicos definidos, e o levantamento da legislação vigente e das normativas que rodeiam a temática.

Tabela 1-Tabela resumo de objetivos e procedimentos metodológicos

Objetivo geral	Objetivos específicos	Procedimentos metodológicos	Fontes de pesquisa
Propor o anteprojeto de um Centro Cultural de história judaica para a cidade de Catolé do Rocha – PB, a fim de difundir e resgatar a memória antepassada do povo judeu.	Historiar o contexto da imigração judaica e o processo de apagamento da cultura judaica.	Revisão bibliográfica.	Artigos, teses, dissertações, sítios eletrônicos, livros.
	Identificar em quais aspectos socioculturais do Nordeste brasileiro podem ser observados a influência da cultura judaica.	Pesquisa bibliográfica e entrevistas.	Artigos, teses, dissertações, sítios eletrônicos, livros e informações colhidas da comunidade.
	Entender a dinâmica e a finalidade dos centros culturais	Revisão bibliográfica	Artigos, teses, dissertações, sítios eletrônicos, livros.
	Conhecer as características locais da cidade de Catolé do Rocha – PB, do ponto de vista físico, social e cultural, visando a elaboração adequada do anteprojeto do Centro Cultural	Visita <i>in loco</i> , levantamento fotográfico, levantamento ambiental e revisão bibliográfica.	Artigos, teses, dissertações, sítios eletrônicos, livros, normas e legislações brasileiras.
	Criar um espaço que auxilie na difusão da cultura judaica, com espaços didáticos,	Ensaio projetual.	Projetos de arquitetura de centros culturais, museus e memoriais, normas técnicas e espaço de intervenção. Utilização

	interativos, inclusivos e acessíveis.		dos softwares AutoCad, SketchUp e Lumion, para produção das peças gráficas do projeto arquitetônico.
--	---------------------------------------	--	--

Fonte: Autor (2022)

O trabalho foi estruturado com base nos objetivos geral e específicos e nos tópicos pesquisados, sendo dividido em quatro capítulos:

O **primeiro** capítulo do presente trabalho é a introdução ao tema abordado seguido dos objetivos gerais, objetivos específicos e justificativa do tema.

O **segundo** capítulo terá como foco o referencial teórico que servirá de aporte para a pesquisa, apresentando temáticas relacionadas aos centros culturais, à memória, à história, à cultura e à identidade, além disso, apresentará um resgate histórico acerca da importância do povo judeu para a formação do Nordeste. Ainda será apresentado acerca da importância da proposição de centros culturais como instrumentos de preservação da memória de povos.

O **terceiro** capítulo será composto pelos estudos acerca da cidade de Catolé do Rocha – PB, levando em conta as características físicas, sociais e locais e analisando traços da cultura judaica presentes na cidade, além disso, será iniciado o desenvolvimento gráfico do projeto arquitetônico com os estudos dos espaços e ambientes, levando em conta a funcionalidade, a setorização de atividades e o fluxograma do projeto, para auxílio do desenvolvimento do partido arquitetônico e estudos de volumetria e implantação.

Por fim, o **quarto** capítulo, compreenderá estudos de referência abordando projetos que tenham a temática de centros culturais ou museus, sobretudo os que possuem a temática judaica ou religiosa, também, será finalizado o desenvolvimento projetual, por meio da produção das peças gráficas e volumetria do projeto arquitetônico para apresentação final do trabalho.

2 CONCEITUAÇÃO TEMÁTICA

2.1 Memória, memória coletiva, cultura e identidade

Em um primeiro momento, é fundamental compreender os conceitos que envolvem a temática de um Centro Cultural. Aborda-se desse modo, questões relativas à memória coletiva, à história e à identidade, a fim de, entender o diálogo sociocultural com a arquitetura.

Conforme Lowenthal (1981, p. 75), a memória configura-se enquanto uma consciência passada na qual é possível observar construções ideológicas e percepções sociais, confirmando vivências, bem como refletindo acerca do presente. Concordando com Chauí (1995, p. 125) a memória se caracteriza como um fator humano que retém e guarda acontecimentos passados, evitando assim o seu esquecimento e preservando imagens históricas.

Desse modo, os objetos com aspecto expositivo e informativo, como os centros culturais, podem trazer interpretações relacionadas a diferentes memórias sociais em um campo de debate revestido por significados. Nesse segmento, Motta (2014, p. 181) aponta que, estas são acontecimentos intrínsecos ao homem, narrados e apresentados de forma ordenada. Outrossim, o autor verifica que essa linearidade produz uma organização coesa para análise da história que, por sua vez, tem o conceito voltado ao distanciamento, à problematização e à reflexão da memória passada abordando-a de maneira crítica.

Segundo Delgado (2009, p. 13), os acontecimentos e o tempo se configuram em uma sucessividade, uma das bases da história. As épocas de valor histórico são caracterizadas pelas suas particularidades, ou, para o autor, pelo substrato de um tempo, onde é possível encontrar os aspectos culturais e os modos de vida da comunidade, podendo assim explicar o que marcou um determinado período, como, por exemplo, uma profunda religiosidade ou um grande ceticismo. Por meio do substrato temporal também é possível afirmar uma memória, difundi-la e analisá-la.

2.2 Memória coletiva

O conceito de memória coletiva estabelecido por Maurice Halbwachs³, segue pelo princípio de que, as memórias de um indivíduo são diretamente influenciadas pelo convívio e pelas interações sociais que ocorreram em sua vida. Para ele o ato de recordar necessita da “capacidade de nos lembrar quando nos colocamos no ponto de vista de um ou mais grupos” (HALBWACHS, 1990, p. 36).

³Maurice Halbwachs foi um sociólogo da escola durkheimiana que desenvolveu o conceito de memória coletiva, foi morto em 1945 em um campo de concentração nazista na Alemanha Silva (2013, p.247).

Ao abordar a respeito da perpetuação das memórias coletivas o autor explica que não é necessário que o indivíduo presencie diretamente os acontecimentos para que seja gerada uma recordação, afinal, um indivíduo está em constante contato social, e desta interação nascem as mais diversas memórias, para isto, o autor aponta: “para confirmar ou recordar uma lembrança, as testemunhas, no sentindo comum do termo, isto é, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível, não são necessárias” (HALBWACHS, 1990, p. 27). Nesse contexto, Consentino (2013, p. 34) complementa o ponto de vista de Halbwachs ao afirmar que as memórias de um sujeito permanecem com o *status* de coletiva ainda que realizadas de forma solitária, pois, ao praticar o ato, o cerne do sujeito está impregnado com as características adquiridas de um grupo, apresentando assim um aspecto em comum entre indivíduo e o grupo,

Mas nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nos vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. (HALBWACHS, 1990, p. 26).

Embora a forte ligação estabelecida entre a memória individual e a memória coletiva, estas são distinguidas por Pollak (1992, p. 201), compreende-se que a memória individual se restringe a fatos vividos de forma personalíssima, já a e memória coletiva, é dada como acontecimentos “vividos por tabela”, ou seja, são fatos vivenciados e costumes praticados pelo grupo, o qual o sujeito pertence, e que são internalizados pelo indivíduo, importantes ao ponto que: embora o sujeito não tenha vivenciado tais acontecimentos, estes são projetados na sua vida, fazendo com que a pessoa se identifique com esse passado, o autor também utiliza o termo “memória quase herdada” para se referir ao assunto.

Ao se traçar um paralelo entre a memória e identidade Pollak (1992, p. 204) indica que surge o debate acerca da imagem do indivíduo, o autor aponta a imagem que uma pessoa adquire de forma externa durante sua vida, a que ela constrói, a que ela tem de si próprio e a que ela apresenta para a comunidade, ele também explica que o processo de construção de uma identidade é um fenômeno que faz referência ao grupo a que pertence tendo como premissas a aceitabilidade, a admissibilidade e a credibilidade adquiridas na convivência.

Contribuindo para essa linha de pensamento, Rodrigues (2012, p. 5) compreende memória coletiva como um fenômeno social que pode sofrer processos de mutação, o que implica na seletividade de registros entre gerações. Nessa linha temporal, um grupo realiza diversas ações referentes a construção de memórias e, por conseguinte, sua identidade, gerando coesão interna no grupo e sentimento de pertencimento, o autor ainda exemplifica o sistema simbólico religioso como um artefato preservado pela memória social.

Ao se analisar grupos religiosos e a memória coletiva de forma conjunta, Halbwachs mais uma vez levanta sua tese da memória como um fator social, uma vez que relata que, a prática religiosa projeta suas origens, fusões e migrações de povos, reformas, práticas e dogmas à luz das sociedades que a praticava de forma pioneira, embora determinadas práticas realizadas nos primórdios desses grupos tenham perdido o significado, ou destes que a sociedade conseguiu sistematizar, é possível que essas ações passem por processos de interpretações extensivas e até mesmo alteração de significados na busca do sentido para tal memória (HALBWACHS, 2002, p. 131-134).

Desse modo, é levantada a discussão acerca fatores religiosos e as implicações sociais geradas a partir da construção de memórias, para exemplificar, o autor expõe fenômeno do reavivamento de tradições religiosas antigas, ao explicar o insucesso em suprimir tais práticas pela religião dominante, nesse processo, a sociedade utiliza de sua memória passada e tradições familiares para evocar memórias apagadas das antigas religiões e a tornam elemento de culto novamente de maneira extra social (HALBWACHS, 2002, p. 136-137).

Outro exemplo histórico acerca do disposto anteriormente, é o embate entre as religiões antigas da Itália, de culto aos deuses patrícios, e o surgimento e implantação da filosofia pitagórica, a qual tem estreitos laços com superstições e cultos primitivos italianos, o autor explica que o processo de introdução da filosofia em contrapartida a religião oficial, predominante entre as mais classes abastadas da sociedade daquela época, como um processo externo, que fez com que praticas consideradas antigas, abolidas ou assimiladas ressurgissem “não é apenas a memória de velhas crenças que reaparece, são as velhas crenças que permanecem” (HALBWACHS, 2002, p. 135).

Direcionando-se para a temática-tese desta pesquisa, ou seja, adentrando-se no projeto do centro cultura judaico e os nuances desta religião, Le Goff (1990, p. 444) afirma que “O povo hebreu é o povo da memória por excelência”, segundo o autor, memória e religião estiveram intrinsecamente ligadas em culturas antigas, a exemplo das religiões judaico-cristãs, que historicamente e teologicamente são caracterizadas como religiões de recordação, essa característica é perpetuada pelos ensinamentos que são repassadas aos adeptos, por meio da pratica ritualística religiosa como também pelos livros sagrados.

Atos divinos de salvação situados no passado formam o conteúdo da fé e o objeto do culto, mas também porque o livro sagrado, por um lado, a tradição histórica, por outro, insiste, em alguns aspectos essenciais, na necessidade da lembrança como tarefa religiosa fundamental LE GOFF (1992, p. 443).

Para exemplificar seu ponto de vista Le Goff (1990, p. 444) apresenta passagens da Toráh, que regem a prática religiosa judaica. A essência das mensagens contidas no livro de Deuteronômio, relacionadas a prática da memória constante a Deus, demonstram essa característica do constante processo de recordação no cotidiano do praticante do judaísmo dentre estas o autor cita: "Guarda-te de esqueceres Yahveh teu Deus negligenciando as suas ordens, os seus costumes e as suas leis[...]" (Deuteronômio 8, versículo 11).

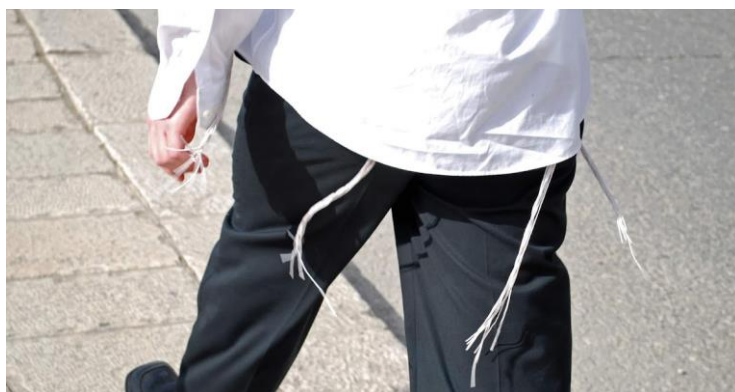
Dentre os aspectos da religião judaica é notória a característica de rememorar os símbolos, utilizados nas práticas ritualísticas e carregados nos corpos dos fiéis, esses instrumentos se remetem ao constante lembrete religioso da presença superior de Deus ou aos preceitos descritos e ordenados no livro sagrado da Torá.

Dentre esses está o *tzitzit*, um conjunto composto por quatro fios, que se duplicam em oito e nesses há cinco nós, os quais os homens praticantes desta religião utilizam no xale de orações chamado *talit*, utilizado nas preces diárias, ou em uma roupa especial chamada *talit katan*, Figura 1, que carregam diariamente em seus corpos, esse adorno é um mandamento contido no livro de Números e contém um simbolismo ligado aos 613 preceitos da religião judaica, também chamados de *mitzvot*, e tem como intenção lembrar ao praticante da religião de segui-los e obedece-los em seu cotidiano (FELDMAN, 2013 p. 9).

Feldman (2013, p. 9) apresenta o mandamento da utilização do *tzitzit* citando o capítulo quinze do livro de Números, que justifica a inserção desta vestimenta na tradição judaica:

E falou o Eterno a Moisés dizendo: fala aos filhos de Israel e dize-lhes que façam franjas nos cantos dos seus vestuários, por suas gerações, e nas franjas dos cantos porão um cordão azul celeste. Ser-vos-á por franjas e as vereis, e vos recordareis de todas as prescrições do Eterno, e as fareis, e não seguireis após as inclinações dos vossos corações e dos deleites dos vossos olhos, após os quais vós andais pecando. (Números 15, versículo 38).

Figura 1-Homem judeu utilizando um talit katan



Fonte: Cultura hebraica (2018)

Outro símbolo tradicionalmente utilizado pelos praticantes da religião judaica é a quipá, Figura 2, também conhecido como solidéu, é uma cobertura utilizada pelos homens na cabeça como símbolo de temor ao divino e para lembra-lo em seu cotidiano que Deus sempre está acima do homem (BALEEIRO, 2020, p. 152).

Figura 2-Homem judeu utilizando uma quipá.



Fonte: Revista News (2019)

Dado o exposto, é notória a importância que a memória coletiva desempenha na perpetuação de fatos ocorridos em grupos sociais, as nuances desenvolvidas por grupos sociais ao longo de suas histórias como os costumes, os acontecimentos e o desenvolvimento de suas respectivas culturas, e que são repassadas e vividas entre gerações, encontram na memória coletiva de forma a dar continuidade do passado no presente, como também explicar e complementar o que ocorre no hoje de grupos sociais sobre a ótica do passado.

2.3 Cultura e identidade

Cultura é um termo que se relaciona com as tradições de um determinado grupo, como explica Santos (1983, p.4-5) é “tudo aquilo que caracteriza uma população humana”, ele conceitua a cultura com base no desenvolvimento dos grupos humanos, mais precisamente das tendências que esses grupos adotaram e nos destinos que os acometeram, levando em conta a organização e o convívio social. Ainda de acordo com ele nesse processo de constatação de tendências não é possível fixar uma linha cronológica que explique a adoção de determinados costumes, pois, a cultura é formada tanto pela história do indivíduo quanto pelo seu contato com outras culturas.

Seguindo a mesma linha de pensamento, Cuche (2002, p.28) apresenta cultura relacionada ao progresso e educação, as ideias relacionadas à cultura também estão ligadas à razão como também à detenção de determinado saber, o autor também utiliza da concepção

alemã acerca do tema “um conjunto de características artísticas, intelectuais e morais que constituem o patrimônio de uma nação, considerado como adquirido definitivamente e fundador de sua unidade”.

Desta maneira, ao discutir sobre cultura, Tilio (2009, p.36) explica que não existe uma cultura única independente do grupo a ser analisado e a dimensão deste, pois, os participantes do grupo possuem identidades sociais distintas, além disso, a pluralidade cultural faz com os que indivíduos convivam em uma variedade de culturas, o autor também aponta que ao analisar um indivíduo devem ser levados em conta todos os grupos culturais dos quais ele faz parte e o grau de influência que esses exercem sobre ele.

O autor também apresenta a visão universalista de Edward Burnett Tylor acerca do conceito de cultura, apontando-a como “a totalidade da vida social do homem”, além desse conceito também é apresentado a visão do teórico Franz Boas acerca do conceito de cultura, designada como o ponto de divergência entre os indivíduos, sendo esses iguais apenas no quesito biológico (TILIO, 2009, p. 39).

Levando-se em consideração esses aspectos e observando as mais diversas abordagens acerca do é cultura, é perceptível um ponto em comum, a convergência de características que rodeiam e determinam uma comunidade, e que a diferencia de demais grupos, por meio desse conjunto particularidades é notório a surgimento da identidade desse grupo social como também dos indivíduos que o compõe.

Castells (2018, p. 54) apresenta o conceito de identidade como “a fonte de significado e experiência de um povo” o significado de identidade também se remete a atributos culturais correlacionados, esses, devem desempenhar um papel simbólico para o indivíduo influenciando em seu comportamento. O autor aponta que no processo de formação de identidades as bases históricas, as geográficas, as biológicas, os cultos religiosos e o âmago do indivíduo desempenham um papel fundamental, assim, o indivíduo e o grupo social internalizam determinados aspectos e geram significados a partir das tendências sociais e culturais, as quais vão sendo enraizadas em seus grupos sociais.

Ele expõe que o fundamentalismo religioso é um dos muitos princípios da construção de uma identidade, apontando características dos indivíduos fundamentalistas, os quais tem forte ligação com o passado e se empenham em afirmar e defender suas identidades mantendo assim o “status quo” do grupo (CASTELLS 2018, p. 61).

A identidade também pode ser entendida como a busca de uma unidade subjetiva em um grupo de indivíduos, por meio dos padrões, os quais se apresentam de forma frequente na comunidade, nesse processo, o indivíduo deve buscar o equilíbrio entre aquilo o que ele é e o

que o grupo espera que ele seja, desenvolvendo sua identidade a partir do autoconhecimento, auto avaliação e auto aprovação do indivíduo em sua interação social, “a identidade constitui uma tentativa de explicação do conceito de si, sendo fruto de uma construção psicológica” Machado (2003, p. 53-54). Nesse sentido, a memória é uma ferramenta importante no processo da construção da identidade, por meio das características subjetivas e posição social do indivíduo, ele irá selecionar aspectos que julgue importantes para construção da sua identidade, por meio desse autoconceito, o indivíduo selecionará memórias que o idealizam como um ser (MACHADO, 2003, p. 54).

Em se tratando de identidade social Machado (2003, p. 55), compreende esse fenômeno pelo auto definição de um indivíduo a partir de um grupo do qual pertence, a identidade de um grupo é posta pela unidade que o grupo elegeu que a diferencia dos demais grupos, assim, o autor aponta que identidade social é composta tanto pelo grupo social do qual o indivíduo faz parte e como também pela interação com grupos diferentes, levando em conta os aspectos que os diferenciam.

Visto que identidades e grupos sociais estão intrinsicamente interligados, Rodrigues (2012, p. 3) explica que identidades geram coesão em um grupo, por meio dessa, é gerado o sentimento de pertencimento, para ele a identidade surge por meio das interações entre indivíduos, o que gera uma grande mutabilidade com o tempo. O autor também estabelece que “a sociedade (e/ou grupo) constrói e reproduz a sua identidade através do apego constante ao seu passado, mitológico, histórico e, principalmente, simbólico-religioso”.

Esse ponto de vista é complementado por Galinkin (2008, p. 88) ao explicar a ligação entre identidade e a pertença a um grupo social, como família, religião, partido político, desse modo, o papel social que o indivíduo desempenha dentro de um grupo corrobora diretamente na construção de sua identidade social, a autora também explica que nesse processo de criação de identidades sociais os indivíduos desenvolvem características que criam suas distinções em relação a outros grupos, possibilitando assim a sua autoafirmação.

A autora ainda apresenta identidade sobre a perspectiva Weberiana, definindo-a sobre princípios étnicos, nos quais a identidade do indivíduo sofre influência do habitat, origem da comunidade e as crenças que está possui, nesse contexto, a autora define a identidade judaica como étnica, seguindo as premissas culturais que rodeiam esse povo como: a origem bíblica do povo, a crença em um só Deus, obediência às leis mosaicas e demais ideais, ritos e crenças que circundam o povo judeu (GALINKIN 2008, p. 89).

A identidade entendida como um conjunto de características que assemelham os indivíduos em um contexto interno e os singulariza de maneira externa advinda de um grupo

social, e a identidade construída por meio da ética, de experiências e de anseios pessoais adotada por um indivíduo de forma personalíssima, são importantes produtos para autoafirmação pessoal como também de povos, possibilitando ao homem entender o seu eu e quais fatos e ações aconteceram para que essa construção fosse possível.

2.4 Diáspora judaica: da Península Ibérica ao Brasil.

Para o desenvolvimento do conhecimento acerca da memória e da história e a formação cultural, é imprescindível analisar as fontes que possibilitaram o desenvolvimento dos acontecimentos. O Brasil possui uma vasta diversidade étnica e cultural, que Gilberto Freyre define pelo termo “miscigenação” étnico-cultural (CARVALHO, 2014, p. 293). Jesus e Silva (2021, p. 3) afirmam que as identidades culturais dos povos colonizadores eram inerentes ao seu país de origem, dando início ao processo da criação indenitária dos indivíduos descendentes de forma desordenada e violenta. Os autores também explanam que não só os povos lusitanos tiveram destaque na influência cultural do país, mas também os povos africanos, trazidos ao Brasil como mão-de-obra escrava, os índios nativos, os franceses e os holandeses tiveram grande importância na agregação cultural. Eles expõem que esse misto das características culturais dos povos africanos, europeus e indígenas, ainda pode ser percebido na sociedade contemporânea (JESUS e SILVA, 2021, p. 3-5).

Dentre essa diversidade de povos, há um grupo esquecido e que teve grande influência na construção cultural do país, os judeus sefarditas, denominados cristãos-novos e B’nei Anussim, que foram convertidos à força ao catolicismo e expulsos da península ibérica, vindo a migrar para o Brasil no século XV (NAHMIAS, 2009 p. 553).

Quanto à história da presença dos judeus sefarditas no Brasil, Ragusa (2011, p. 82), relata que no século XV houve uma grande imigração de judeus para o Brasil, esquivando-se de perseguições dos governos português e espanhol, na Espanha, pois a partir do ano de 1390, houve um processo massivo de conversões forçadas ao catolicismo, fato esse que originou a comunidade marrana⁴, e no ano de 1492 foi decretado a expulsão dos marranos das terras espanholas. Já em Portugal, Ragusa (2011, p. 83) apresenta que a comunidade cristã-nova foi originada no ano de 1496, época marcada pelos batismos forçados, nos quais grupos de judeus eram concentrados em determinados locais e convertidos ao cristianismo de pé, por ordens do rei D. Manuel.

⁴ O termo comunidade marrana é utilizada como referência aos B’nei Anussim.

Figura 3-Expulsão dos judeus de Portugal aquarela por Roque Gameiro, 1917.



Fonte: Descobrir Portugal (2018)

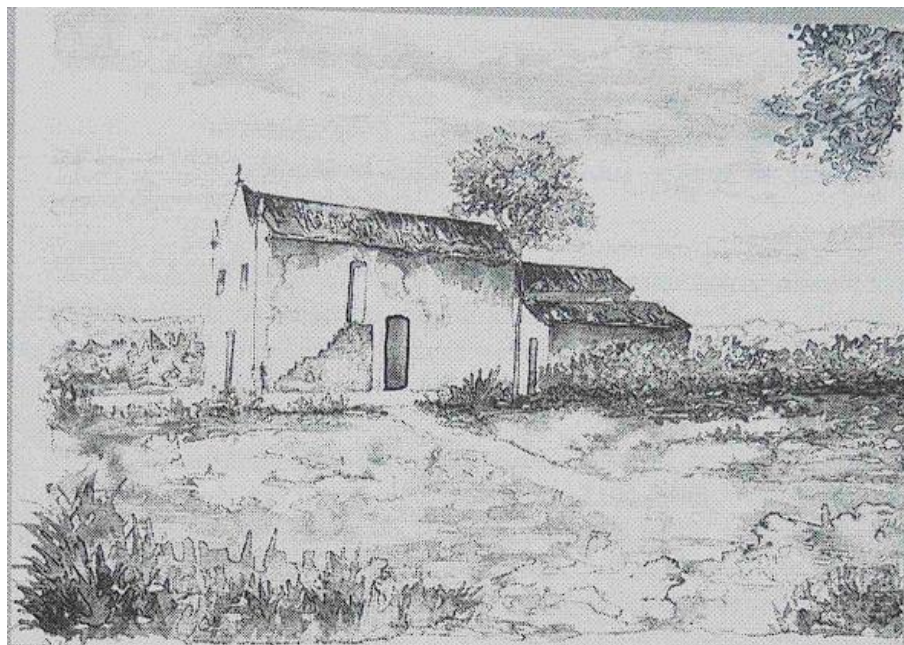
Para a compreensão da expulsão dos judeus sefarditas de Portugal e Espanha, Filgueira (2011, p. 11) explica que entre os anos de 900 a 1200 d.C. na Espanha os povos judeus detinham um grande conhecimento em escrita e linguística, conhecimentos esses que grande parte da população não possuía, devido tal fato, os judeus passaram a ocupar cargos e profissões de destaque, além disso, embates religiosos ligados à figura de Jesus Cristo causaram descontentamento por parte da população cristã para com a comunidade judaica, alimentando assim a ideia da expulsão dos povos semitas da península ibérica.

Convertidos todos os judeus, através da violência, ao Catolicismo, muitos deles procuraram chegar ao Novo Mundo, em busca de um sonho de liberdade. Vieram atrás deste velho sonho, que desde a destruição de Jerusalém e da perda da sua pátria, lhes foi negado por todas as nações: a liberdade (NOVINSKY, 2009, p. 2).

Com relação às terras brasileiras, Miele (2008, p. 543) apresenta que os judeus recém-chegados se deslocavam para as capitanias que hoje constituem os estados de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte, ocupando sobretudo terras de cultivo de cana de açúcar, a autora também aponta que “em 1639, dez dos 166 engenhos do Brasil pertenciam a judeus assumidos, e um número ainda maior de engenhos pertenciam a cristãos-novos que mantinham o judaísmo em segredo. ” Seguindo essa linha de pensamento, Pinto (2006, p. 259) apresenta alguns engenhos, em sua maioria situados às margens do rio Paraíba, onde foram capturados cristãos-novos, situados na região que atualmente se localiza João Pessoa – PB: Engenho do meio,

Engenho velho, Inobim, Poxim, Santo André, visto na Figura 4, Sítio das Maré, Forte velho, Cabedelo e outros.

Figura 4-Capela do Engenho Santo André.



Fonte: Pinto (2006, p.277)

Sobre o início da chegada dos cristãos-novos no Brasil, Filgueira (2011, p. 8) aponta que muitos deles continuaram a judaizar, mesmo que de forma oculta, como relatado nos documentos da visitação do Tribunal do Santo Ofício ao Brasil. Ele também afirma que, devido a prática oculta da tradição judaica, várias gerações passaram a ter uma lembrança vaga acerca de sua ancestralidade, fazendo com que diversos costumes judeus presentes no seu cotidiano não apresentassem uma razão específica.

Ragusa (2011, p. 85) relata que o período colonial foi marcado por um sincretismo religioso, no qual os povos habitantes estavam em constante contato com diversas crenças, além disso, a autora informa que as relações entre cristãos-novos e demais habitantes foram se fortalecendo, fazendo com que alguns fossem se afastando dos costumes e tradições e outros praticassem de forma particular ocasionando o cripto-judaísmo, que é a prática da religião judaica em segredo.

Com relação ao território aqui estudado, Silva (2008, p. 1) mostra que a Paraíba recebeu cristãos-novos entre os séculos XVI e XVII, fazendo assim com que judeus sefarditas fizessem parte da ocupação das terras paraibanas e formassem uma comunidade de judeus conversos

com características singulares e marcantes de caráter religioso, como o respeito pelo Shabbat⁵, respeito às regras dietéticas Casher⁶ e prática da reza dos salmos. Silva (2008, p. 1) também apresenta que devido à inquisição imposta pelo Tribunal do Santo Ofício, no ano de 1726, cinquenta pessoas foram presas e enviadas para Portugal para serem julgadas pela prática judaica, destas, oito morrem no cárcere e duas foram condenadas à morte.

Ainda segundo Silva (2008, p. 1-2) os judeus da Paraíba, após a expulsão dos holandeses do Brasil, se deslocaram para o sertão paraibano, povoando essa terra até então erma, ocupando engenhos situados às margens do rio Paraíba. Nesse processo, as comunidades apresentavam características sociais como a monogamia, boas condições financeiras e uma comunidade fechada. O autor também caracteriza a manifestação religiosa da comunidade judaica sefardi da Paraíba em dois pontos: o sentimento de pertencimento e a prática de rituais.

Dado o exposto, é perceptível que o povo judeu, vindo para o Brasil no período colonial, desempenhou um importante papel na construção do país, sobretudo na construção do nordeste brasileiro, dando destaque a produção agrícola e desenvolvimento econômico da época, aos diversos trabalhos realizados, dos braçais aos intelectuais, como também, como peças fundamentais para criação e consolidação da cultura local, por meio dos seus costumes e tradições ligadas à prática religiosa, ora realizada livremente e ora realizada às escondidas.

2.5 Centros Culturais

Ao discutir o que é de fato um centro cultural, Neves (2012, p. 2-3) aponta que não há uma concepção firmada acerca desses espaços, inclusive, as suas definições são comparadas ao significado de cultura, termo esse que apresenta diversas perspectivas e teorias distintas, porém, para a autora, o conceito de centros culturais está ligado diretamente ao uso e às atividades exercidas nesses espaços como: leitura, realização de ações de aprendizado e exposições audiovisuais, podendo ainda ser um espaço especializado ou de múltiplo uso.

A autora ainda explica que esses espaços são caracterizados pela concentração de atividades diversificadas que atuam de maneira interdependente e multidisciplinar, transmitindo aos seus usuários a capacidade de vivenciar experiências significativas, para tanto, a autora aponta a necessidade que os centros culturais têm de se adequarem à cultura e acontecimentos da comunidade para geração de vínculos NEVES (2012, p. 3).

⁵ Shabbat, refere-se ao sábado no calendário gregoriano, é o dia sagrado para a religião judaica que vai do pôr do sol da sexta-feira ao do sábado, é marcado pelo descanso e dedicação religiosa.

⁶ Casher ou Kosher, são regras dietéticas bíblicas as quais os praticantes da religião judaica seguem a finco, são exemplos o não consumo de carne suína e frutos do mar.

Os centros culturais são instituições criadas com o objetivo de se produzir, elaborar e disseminar práticas culturais e bens simbólicos, obtendo o status de local privilegiado para práticas informacionais que dão subsídios às ações culturais. São espaços para se fazer cultura viva, por meio de obra de arte, com informação, em um processo crítico, criativo, provocativo, grupal e dinâmico. NEVES (2012, p. 2).

Outro autor que parte do princípio da não especificidade da definição exata de centros culturais é Milanesi (1997, p. 12), corroborando com a ideia da dificuldade da compreensão do que circunda a cultura, para a autora centro cultural “é um prédio, um teatro, uma biblioteca, um museu, um arco do triunfo, é uma forma com função imprecisa”, o modelo de centros culturais no Brasil é tão diverso ao ponto de ser comparado a um “caleidoscópio de possibilidades” (MILANESI, 1997, p. 180).

Ramos (2007, p. 2) apresenta um olhar institucionalizado sobre esses espaços, ao definir centro cultural como espaços que concentram atividades de natureza cultural, nos quais, pode-se criar, refletir e distribuir bens culturais, a autora entende esses espaços como um “território privilegiado da ação cultural e da ação informacional na Sociedade da Informação e do Conhecimento”.

Dentre os objetivos dos centros culturais estão: incentivo educacional, melhoria da atmosfera cultural e melhorias no sistema de ensino, esses objetivos são alcançados a partir das atividades exercidas nesses espaços como: espetáculos teatrais, debates, oficinas de ensino e exposições artísticas, além disso, é fundamental para esses espaços a busca e o incentivo da divulgação e a prática de culturas regionais (SILVA, 1995, p. 42). Silva (1995, p. 17) explica que as primeiras ideias que circundam as origens dos centros culturais surgiram nas sociedades antigas, para ela, esses espaços estão intimamente relacionados a museus e a bibliotecas. Na antiguidade ciência, filosofia e artes eram áreas do saber conjuntas, historicamente, a prática dessas ciências se dava em um mesmo espaço, como exemplo desses locais a autora aponta a biblioteca de Alexandria, na antiga Grécia, local este que reunia cultura, artes e diversas ciências, o “Mouseion” como também era conhecido, funcionava também como um espaço de adoração, estudos filosóficos, astronômicos, botânicos e biblioteca.

Na Grécia, esses conglomerados de atividades culturais ocorriam na Ágora, ambiente símbolo da democracia grega, este local que era uma junção de praça pública e ambiente de comércio, um local que concentrava um grande número de pessoas, e por conseguinte, diversas interações sociais, esse ambiente contava com lojas, teatros, altares religiosos e diversos outros espaços de uso diverso, para sociedade grega este local não era necessariamente entendido como uma instituição, haja visto que não havia distinção de público e privado (SILVA, 1995, p. 18).

A origem dos centros culturais, como são conhecidos hoje, é explicado por Ramos (2007, p. 4-5), ela relata que tiveram origem na França, sendo concebidos inicialmente como espaços destinados ao lazer, por incentivo de empresas desse país, que procuravam criar áreas de convivência, espaços esportivos e centros sociais para aperfeiçoar as relações trabalhistas da classe operária. Esse processo cominou na construção do Center National d'Art et Culture Georges Pompidou em 1977, Figura 5, tendo este modelo servido de base para obras nesse segmento.

Figura 5-Center National d'Art et Culture Georges Pompidou



Fonte: Archdaily (2022)

Já no o Brasil, os centros culturais começaram a surgir em meados dos anos 1980, dentre os percussores desse movimento no país estão: o Centro Cultural de Jabaquara (Figura 6) e o Centro Cultural de São Paulo(Figura 7), no país, esse tipo de espaço tem apresentado um constante crescimento devido às leis de incentivo à cultura e investimentos por órgão públicos para construção de espaços culturais (NEVES, 2012, p. 4-5).

Figura 6-Centro Cultural de Jabaquara



Fonte: Archdaily (2022)

Figura 7-Centro Cultural de São Paulo



Fonte: Pinterest por Wagner Terzi (2022)

Milanesi (1997, p. 172) explica que no processo de concepção dos centros de cultura devem ser levados em conta três verbos: informar, discutir e criar. O primeiro verbo, informar, é o que se faz mais presente no cotidiano desses espaços, ele é entendido como o conjunto de procedimentos que trazem informações aos usuários desses espaços, sobre discutir, o autor informa que está intrinsicamente ligado como verbo anterior, pois a partir dos meios

informativos são gerados os meios reflexivos nas suas palavras “no momento em que as ideias são expostas e os conflitos surgem, a busca de novas informações passa a ser uma necessidade” (MILANESI, 1997, p. 178-179), por fim, o verbo criar, é o que dá sentido aos outros dois apresentados, parte da ideia de que os espaços de debates e os espaços informativos devem estar ao lado dos espaços de criatividade, esse verbo toma forma quando os usuários expressam seus discursos, de forma escrita, falada ou até mesmo gestual, o criar, fruto das atividades realizado nos centros culturais, deve estar associado à comunidade na qual está inserida, mantendo assim “uma permanente trocar entre as partes” (MILANESI, 1997, p. 180-181).

Neves (2012, p. 5-6) complementa esse ponto de vista ao explicar que os ambientes devem ser pensados e propostos levando em conta o informar, o discutir e o criar. Para o verbo informar a autora exemplifica espaços como bibliotecas, cinemas e exposições, já para o discutir a autora apresenta auditórios e locais de convivência social, e por fim, o termo criar está ligado aos ateliês e às oficinas de aprendizado.

Junto à teoria dos três verbos, a autora ainda indica que os centros culturais devem buscar a junção com três campos de trabalho cultural que são: a criação, a circulação e a preservação. A criação está voltada a produção cultural por meio das atividades de oficina e cursos, a circulação está ligada a movimentação de bens culturais em eventos promovidos nesses locais e a preservação está associada a manutenção da memória da comunidade (NEVES, 2012, p. 5).

Atualmente, nesses espaços, são notórias as diversidades de atividades e a presença de tecnologias, proporcionado a criação de ambientes interativos, gerando uma “espetacularização da cultura e da arte”, fenômeno que proporciona atração popular para espaços como esses, ligados à cultura, como também, dando segmento ao intuito com o qual os centros culturais foram criados, ser um contraponto ao ambiente tradicional, um modelo alternativo e atrativo (RAMOS, 2007 p. 6).

Ao analisar a diversidade de ideias que rodeiam os centros culturais, percebe-se um aspecto em comum, a democratização da cultura, a possibilidade que esses espaços proporcionam da comunidade entrar em contato com diversas manifestações culturais, permite o desenvolvimento do senso crítico, o incentivo educacional e a expressão criativa, auxiliados pelas diversas fontes de informações que podem ser implantadas, e por meio da multidisciplinaridade de atividades interativas que esses espaços comportam.

3. CATOLÉ DO ROCHA/PB: HISTÓRIA E FORMAÇÃO URBANA

A cidade de Catolé do Rocha fica localizada no interior do estado da Paraíba, na região do alto sertão paraibano, está inserida na região intermediária de Patos – PB, mais precisamente na região geográfica intermediária Catolé do Rocha – São Bento. De acordo com dados do ano de 2021 do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) a cidade atualmente possui uma população de 30.819 pessoas e uma área de 551.765Km².

Figura 8-Mapa com a localização da Paraíba e Catolé do Rocha



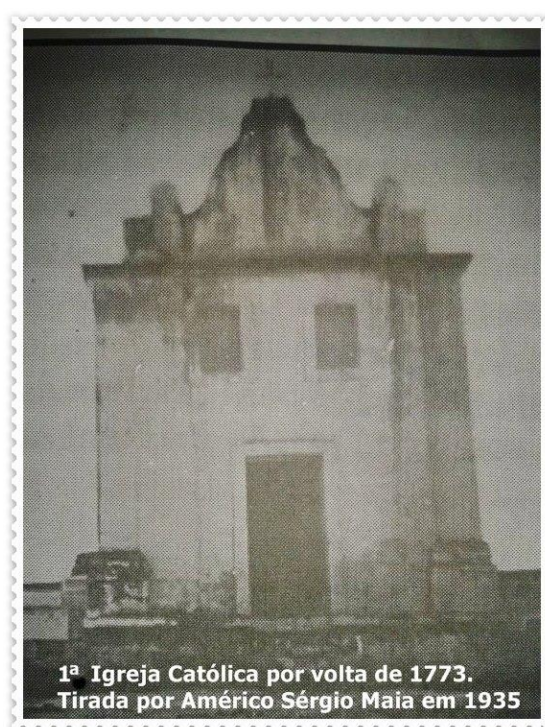
Fonte: autor (2022).

Em sua circunvizinhança estão localizados os municípios de Brejo dos Santos – PB, Brejo do Cruz – PB, Belém do Brejo do Cruz – PB e Riacho dos Cavalos – PB, além de outros situados na divisa com o estado do Rio Grande do Norte tendo como Alexandria – RN, João Dias – RN e Patu – RN.

De acordo com o Medeiros (2022) os relatos históricos acerca do município de Catolé do Rocha remontam que a região era originalmente habitada pelos povos indígenas Pegas, Coyacus e Cariris, no século XVII, e que no processo das expedições bandeirantes, capitães paulistas dizimaram esses povos, dentre estes capitães estão registrados os nomes: Rocha Pita, Oliveira Ledo e Garcia D'Ávila.

No ano de 1700 já havia registros de habitantes em fazendas de gado na cidade, até 1769 houve o processo de pleito por essas terras ao governo da época, sendo os requerimentos deferidos e as terras apropriadas a pessoas como Clara Espinola e Bento Araújo (MEDEIROS, 2022). Em 1774 Francisco da Rocha Oliveira, definido como fundador da cidade, e sua esposa Dona Brásida Maria da Silva estabelecem morada na região, as margens do riacho Agon, nos primeiros anos de sua chegada na região de Catolé do Rocha – PB, o fundador Rocha, como assim é conhecido na cidade, dedicou-se à exploração das terras, à criação de gado e ao plantio, concomitante a construção das primeiras residências, a história relata que após a construção de uma capela dedicada à Nossa Senhora do Rosário (Figura 9) a cidade passou a ter uma grande expansão urbanística e populacional (MEDEIROS, 2022).

Figura 9-Igreja Nossa Senhora do Rosário



Fonte: Página do Facebook Catolé do Rocha Antigamente por Jean Vieira (2020)

O século XVIII foi marcado pelo início do desenvolvimento da cidade, principalmente urbanístico, dentre as edificações que marcaram essa época está a fundação da casa dos pobres, depois o colégio Leão XIII, Figura 11, a sede da antiga, Figura 12, prefeitura e o sobrado de Américo Maia, Figura 13, a qual originalmente pertencia a Sergio Hermenegildo Maia. (MEDEIROS, 2022).

Figura 10-Casa do pobre



Fonte: Página do Facebook Catolé do Rocha Antigamente por Jean Vieira (2020)

Figura 11-Colégio Leão XIII



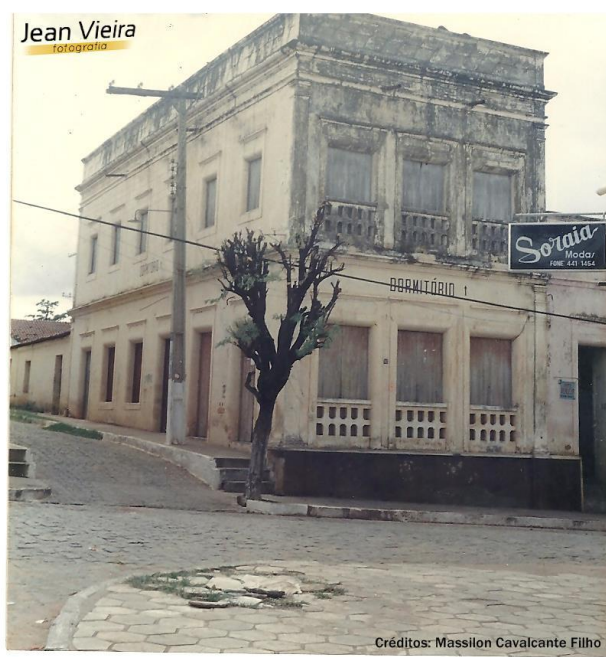
Fonte: Página do Facebook Catolé do Rocha Antigamente por Jean Vieira (2020)

Figura 12-Sede da antiga prefeitura de Catolé do Rocha – PB



Fonte: Página do Facebook Catolé do Rocha Antigamente por Jean Vieira (2020)

Figura 13-Sobrado de Sergio Hermenegildo Maia



Fonte: Página do Facebook Catolé do Rocha Antigamente por Jean Vieira (2020)

Atualmente, a cidade de Catolé do Rocha desempenha um papel de polo econômico para região onde se encontra, contando com um constante processo de industrialização, principalmente na produção de alumínio e calçados, além disso, a cidade funciona como polo

educacional para região contando, além das escolas públicas e privadas, com o Instituto Federal da Paraíba (IFPB) e com a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

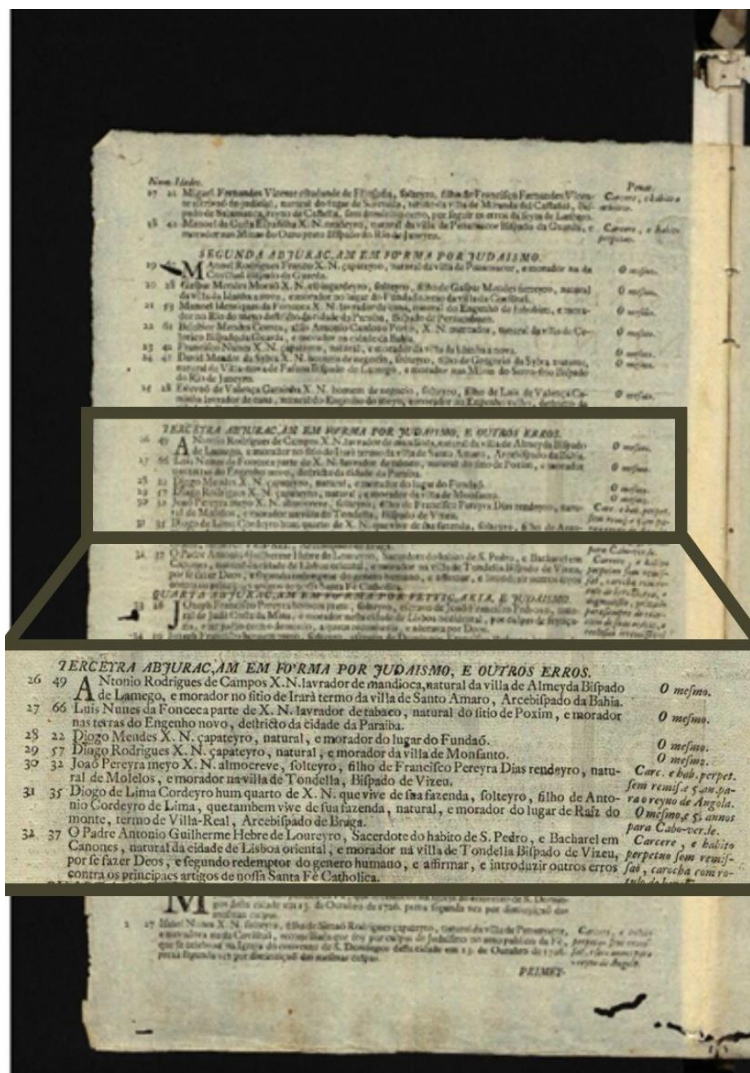
Adentrando na temática abordada no trabalho, na cidade Catolé do Rocha há relatos da presença de cristãos-novos, refugiados no interior da Paraíba devido a perseguição da santa inquisição neste estado, os quais tiveram uma importância significativa para o desenvolvimento da cidade por meio de seus descendentes.

3.1 Judeus em Catolé do Rocha

De acordo com Pinto (2006, p. 279) parte da história dos Judeus na cidade de Catolé do Rocha tem origem com o casal Luís Nunes da Fonseca e Maria Thomas, ele um cristão-novo nascido no Reino e morador do engenho da Pindoba, ela uma cristã-nova nascida no Pernambuco e que residida na Paraíba, este casal deu origem a linhagem da família Maia da região da cidade estudada. Ao longo deste tópico será apresentada a genealogia de algumas famílias, como forma de traçar uma parte da diáspora dos cristãos-novos pela região Nordeste.

A prova dessa afirmação encontra-se no manuscrito do processo inquisitorial do auto-de-fé de 17 de junho de 1731, da cidade de Lisboa Figura 14, que condenou Luis Nunes da Fonseca ao cárcere perpetuo, aos 66 anos de idade, a sua condenação está elencada na seção “terceira abjuração em forma de judaísmo e outros erros” em seu processo ele está descrito: “27 66 Luis Nunes da Fonceca parte de X. N. lavrador de tabaco, natural do sitio de poxim, e morador das terras do Engenho novo, destricto da cidade da Paraiba”.

Figura 14-Processo inquisitorial de Luis Nunes da Fonseca



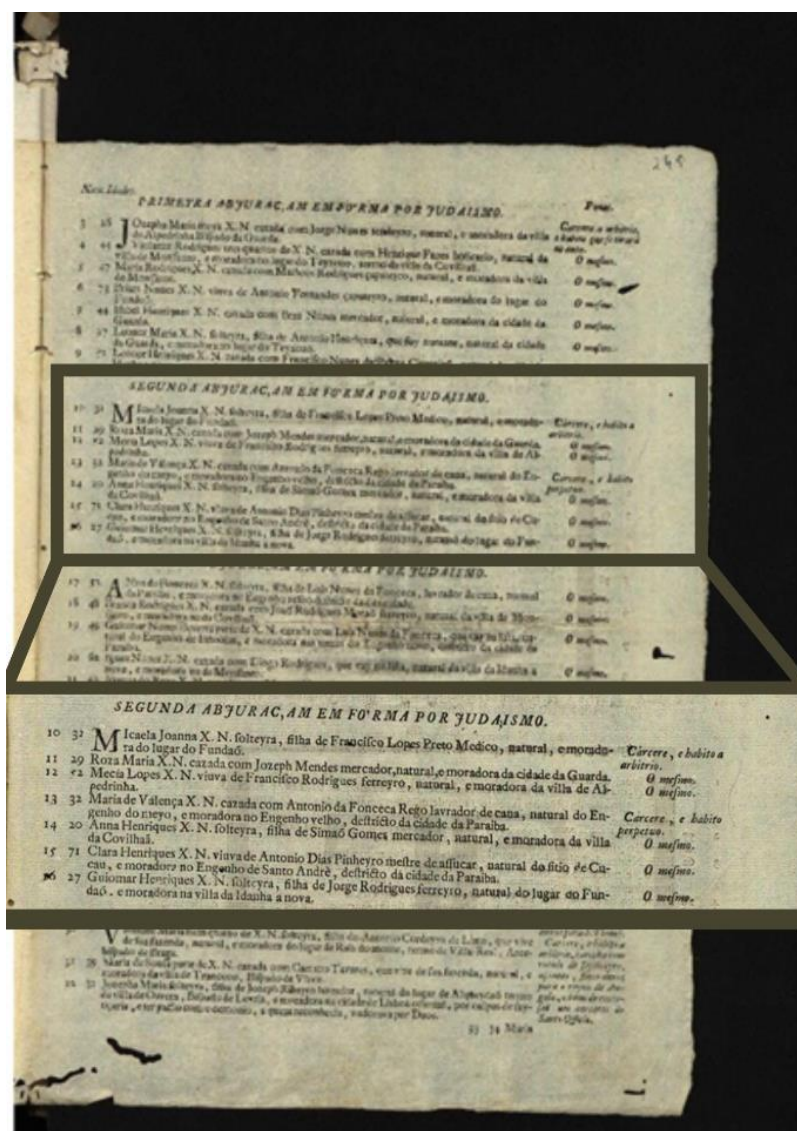
Fonte: Arquivo Torre do Tombo, adaptado pelo autor (2022)

Dentre os filhos do casal está Clara Henriques, condenada à prisão perpetua pelo tribunal do santo ofício, aos 71 anos de idade, que foi casada com Antonio Dias Pinheiro, eles são pais de Antonio da Fonseca Rego, também condenado a prisão perpétua pela inquisição aos 50 anos de idade, ele teve um casamento consanguíneo com sua prima materna Maria de Valença (PINTO 2006, p. 279-280)

A Figura 15 apresenta o manuscrito do processo inquisitorial, auto-de-fé de 17 de junho de 1731, o qual condenou Clara Henriques, aos 71 anos de idade, e Maria de Valença, aos 32 anos de idade, suas condenações estão elencadas na seção “segunda abjuração em forma de judaísmo”, ambas foram postas em prisão perpetua, no processo de Maria de Valença está descrita: “13 32 Maria de Valença X. N. cazada com Antonio da Fonceca Rego lavrador de cana, natural do Engenho do meyo, e moradora no Engenho velho, districto da cidade da

Paraíba. ” Na descrição de Clara Henriques consta: “15 71 Clara Henriques X. N. viúva de Antonio Dias Pinheiro mestre de assucar, natural do sitio de Cucau, e moradora no Engenho de Santo Andre, destricto da cidade da Paraíba”.

Figura 15-Processo inquisitorial de Maria de Valença e Clara Henriques

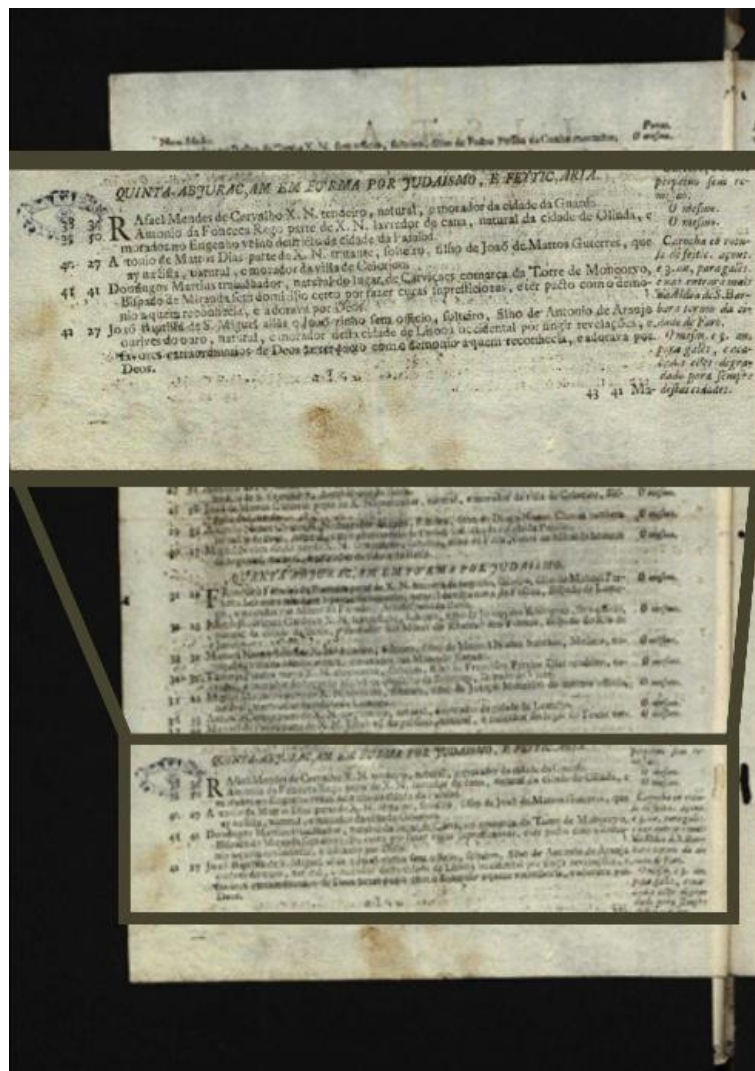


Fonte: Arquivo Torre do Tombo, adaptado pelo autor (2022)

Outra fonte aqui apresentada, na Figura 16, é o manuscrito do processo inquisitorial referente a condenação de Antonio Fonseca Rego, aos 50 anos de idade, à cárcere perpetuo, por quinta abjuração em forma de judaísmo e feitiçaria no auto-de-fé de 6 de julho de 1732, descreve o citado como: “39 50 Antonio da Fonseca Rego parte de X. N. lavrador de cana, natural da cidade de Olinda e morador do Engenho velho destricto da cidade da Paraíba”. Um fato importante relatado pela autora, é que Maria de Valença Pinto provavelmente teria sido a delatora da própria família perante o tribunal do santo ofício, devido as torturas sofridas, ela

entregou ao tribunal da inquisição o próprio filho de nome Simão Rodrigues da Fonseca e o seu marido (PINTO, 2006, p. 280).

Figura 16-Processo inquisitorial de Antonio Fonseca Rego



Fonte: Arquivo Torre do Tombo, adaptado pelo autor (2022)

Antônio Fonseca Rego e Maria Valença, foram os pais de Joana Nunes da Fonseca, a qual foi casada com João Soares Filgueira, eles residiam na Serra de Martins – RN como forma de se esconderem da santa inquisição, o casal teve uma filha de nome Florencia Nunes da Fonseca, ela casou-se com o português Francisco Fernandes Pimenta, com quem deixou a cidade de Martins – RN para morar em Catolé do Rocha – PB, no início do século XIX (PINTO, 2006, p. 281). O casal que agora residia na cidade de Catolé do Rocha – PB teve três filhas chamadas: Cosma, Maria e Damiana Fernandes Pimenta, que se casou com Manoel Alves Ferreira Maia, e com ele teve o filho Manoel Alves Maia, conhecido como o poeta (Figura

17),este foi casado com Maria Olimpia do Amor Divino, que mais tarde tiveram uma filha de nome Herminia Alves Maia (PINTO, 2006, p. 282).

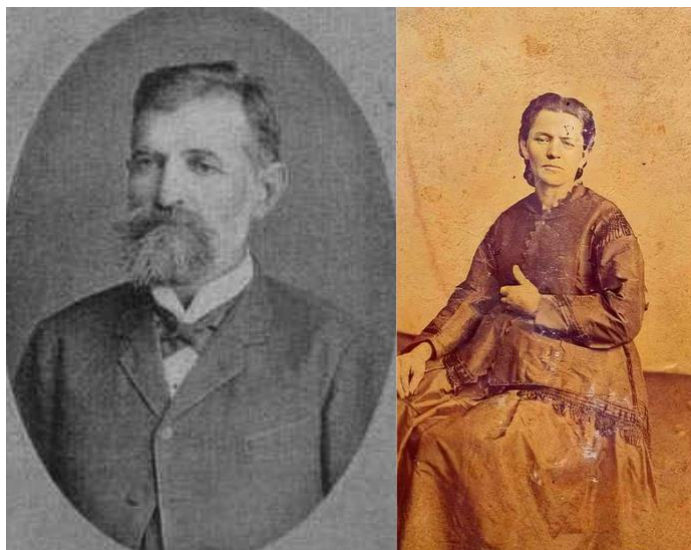
Figura 17-Manoel Alves Maia, conhecido como o poeta.



Fonte: Pinto (2006, p. 296).

Herminia casou-se com Francisco Hermenegildo Maia de Vasconcelos, o casal pode ser visto na Figura 18,e juntos são os pais de Sergio Hermenegildo Maia de Vasconcelos, casado com Otilia Idalina Maia de Vasconcelos(Figura 19), eles são os pais do professor Américo Sergio Maia e também de José Sergio Maia de Vasconcelos (PINTO, 2006, p. 282).

Figura 18-Casal Francisco Hermenegildo Maia de Vasconcelos e Herminia Alves Maia.



Fonte: Family Search adaptada pelo autor (2022).

Figura 19-Casal Sergio Hermenegildo Maia de Vasconcelos e Otilia Idalina Maia de Vasconcelos.



Fonte: Family Search adaptada pelo autor (2022).

Pinto (2006, p. 283) também apresenta um apontamento feito pelo Padre Américo Sergio Maia que dizia que “Grande parte dos membros da família Maia de Catolé do Rocha tem como herança o sangue dos hebreus que se perpetua através dos tempos em todas as partes do globo terrestre”. O recorte histórico e genealógico descrito refere-se à família Maia, bastante influente politicamente na cidade e na região, com figuras importantes para a história de Catolé do Rocha, fruto da descendência dos cristãos-novos perseguidos pela santa inquisição citados anteriormente, como José Sergio Maia, conhecido popularmente na cidade como Zé Sergio, Filho de Sergio Hermenegildo Maia de Vasconcelos e Otilia Idalina Maia de Vasconcelos, ele

foi um dos principais líderes políticos desta cidade, nasceu em 23 de abril de 1913 na zona rural da cidade, na fazenda Cametá, foi prefeito da cidade quatro vezes e presidente da câmara de vereadores, faleceu em Recife – PE em 09 de novembro de 1992 (CATOLÉ NEWS , 2013).

De acordo com o documentário “Um homem e sua cidade”⁷, José Sergio Maia, Figura 20, foi o responsável pelo expansionismo urbano da cidade durante seu período como prefeito de Catolé do Rocha, e também de algumas das cidades vizinhas, como Riacho dos Cavalos – PB, Jerico – PB, Bom Sucesso – PB, sendo, inclusive, o responsável por implantar a rede de fornecimento de energia elétrica, sistema de abastecimento de água e comunicação por telefonia, tanto no meio urbano quanto no meio rural. Seu irmão Padre Américo Sergio Maia, Figura 20, também foi uma figura importante para a cidade de Catolé do Rocha – PB, sendo padre da igreja matriz de Nossa senhora dos Remédios entre os anos de 1942 a 1945, e para a Paraíba sendo deputado estadual entre os anos de 1971 a 1986 (COISAS DE CAJAZEIRAS, 2018).

Figura 20-À esquerda Padre Américo Sergio Maia e à direita seu irmão José Sergio Maia.



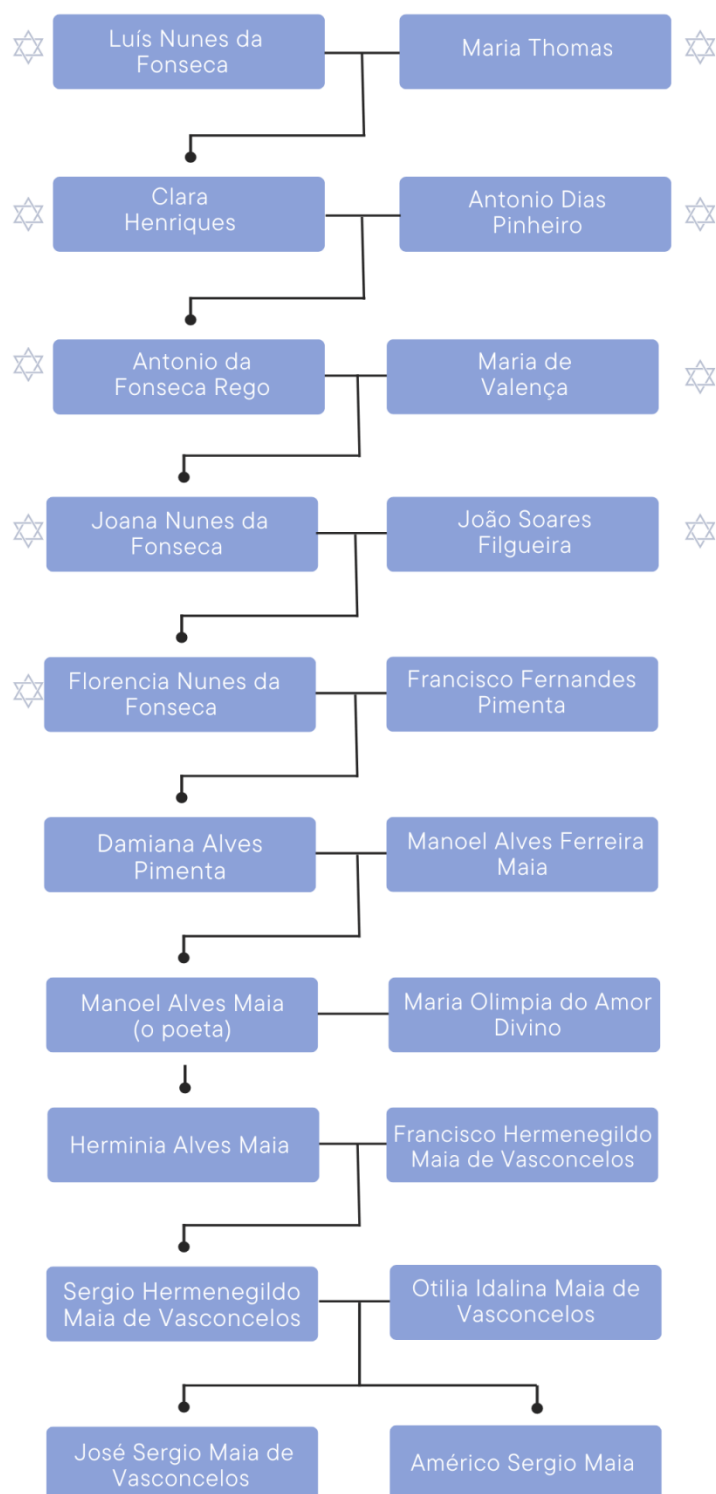
Fonte: Catolé News e Family Search adaptada pelo autor (2022).

Para facilitar a compreensão das ascendências e descendências citadas anteriormente foi produzida uma árvore genealógica, como mostra a Figura 21, na qual os nomes marcados com a estela de Davi representam cinco gerações de cristãos-novos que viveram na região e, de

⁷ O documentário “o homem e sua cidade” esta disponível no canal do YouTube Patrick Cavalcante, Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6k5_9JKzIPg.

alguma forma, foram citados nos processos inquisitoriais do tribunal do santo ofício, ou descende diretamente dos condenados.

Figura 21-Árvore Genealógica da família Maia partido do casal Luis Nunes e Maria Thomas.



Fonte: Dados de Pinto (2006, p. 279-282), imagem produzida pelo autor (2022).

Este recorte histórico e genealógico demonstrado aponta a importância direta ou indireta que os cristãos-novos e os seus descendentes tiveram para edificação do interior do Nordeste, no caso apresentado, a família Maia de Catolé do Rocha – PB a qual suas origens remontam a cristãos-novos presos perseguidos e fugitivos, é mais uma de dezenas de histórias similares espalhadas pelo sertão nordestino e que muitas vezes são esquecidas, necessitando assim de espaços como o proposto para perpetuação dessas memórias.

3.2 COMUNIDADE JUDAICA DA PARAÍBA

Para produção do presente trabalho, foram realizadas entrevistas com Anussins, membros ativos de comunidades judaicas da Paraíba, a fim de compreender os nuances da religião, a história de suas famílias e sua região de origem, os costumes judaicos que foram passados entre gerações, os fatores que os levaram a descobrir acerca dessa importante parte da história do Nordeste e a volta para a religião.

Dentre os entrevistados estão Monaliza Geovana, da cidade de Campina Grande – PB, que pertence a comunidade Sinagoga Sem Fronteiras; Josemberg Carvalho, da cidade de Santa Rita – PB, que pertence a Comunidade Nazebi; e o Rabino Ofir de Vavoho, líder da Comunidade Nazebi, da cidade de Santa Rita – PB. As conversas giraram em torno dos símbolos, costumes e elementos da cultura da religião judaica, seu modo de vida, os processos que levaram a ocupação do interior da Paraíba pelos cristãos-novos e como esse povo influenciou a comunidade dessa região e como por eles influenciada.

Ao ser indagada a quanto tempo é adepta da religião judaica, Monaliza Geovana explicou que, entre seus 5 aos 12 anos de idade, sua família não possuía religião certa, tendo nesse período inclusive, o seu pai estudado a bíblia sagrada afundo, e que só com 12 anos escolheu seguir a religião judaica. Já Josemberg Carvalho conta que é adepto da religião oficialmente há um ano, ele conta que no ano de 2009 um professor de sua universidade afirmou que ele possuía origem judaica, o que o levou a pesquisar acerca da temática, lendo artigos e consumindo outras fontes, e também a uma pesquisa genealógica familiar, além da procura por comunidades judaicas pela Paraíba, até achar a que faz parte atualmente.

Nesse sentido, foi perguntado aos entrevistados se eles descobriram alguma descendência judaica advinda de seus antepassados, onde Josemberg informou que iniciou a pesquisa genealógica a partir de seus sobrenomes, concluindo dois ramos familiares ligados à tradição judaica, a família Coutinho, da região de Serra Branca – PB e a família Carvalho, da

região do Seridó paraibano próximo ao Rio Grande do Norte, a partir daí ele cruzou suas informações com os registros da Torre do Tombo⁸.

Já Monaliza informou que após o seu *Giyur*⁹ veio a partir de conversas com outras pessoas da comunidade, que a fez observar pontos em comum relacionados aos costumes familiares, nesse processo de pesquisa a entrevistada informou sobre uma antiga propriedade rural que pertencia a sua família, a qual havia um lugar onde as pessoas tomavam banho para se purificar, e acreditam ter sido uma *mikve*¹⁰, esse espaço era utilizado principalmente pelas mulheres depois do seu período menstrual, além disso, as mulheres do local citado também se guardavam durante esse período, vestiam-se de forma recatada, cobrindo suas cabeças, e faziam uma quarentena após o parto. A entrevistada ainda relata que havia um antigo oratório com a letra hebraica *Shin* Gravada(Figura 22 e Figura 23), e que quando seu pai perguntava o porquê daquele símbolo no objeto era repreendido pela avó, que respondia “oxe menino não se meta em negócio de adulto não! Isso não é de sua conta não! ”, ela ainda encerra a resposta falando: “eu não fui pro judaísmo pelas minhas raízes, eu encontrei minhas raízes no judaísmo”.

Figura 22-Letra Hebraica *Shin*



Fonte: Istock (2022)

⁸ Torre do tombo é uma instituição arquivística histórica de Portugal, dentre os registros presentes, estão os documentos referentes a santa inquisição ocorrida no Brasil no período colonial.

⁹ *Giyur* é a nomenclatura em hebraico que se refere à conversão ao judaísmo.

¹⁰ *Mikve* é um espaço similar a um tanque de água utilizado nos rituais religiosos judaicos para fins de purificação.

Figura 23-Exemplo de oratório com a letra Shin gravada



Fonte: Poeta sefaradi (2006)

Sobre as cidades de origem de suas famílias, Monaliza informou que seus avós maternos são naturais de Santa Luzia – PB e São José do Sabugi – PB, mais precisamente dos sítios que rodeiam essa região, e seus avós paternos vieram de São Caetano – PE e foram residir em Campina Grande – PB. Josemberg informou que sua avó materna é natural da cidade de Monteiro – PB e cresceu em Serra Branca – PB, já sua avó paterna é da região de Nova Cruz – PB, próxima ao Seridó.

Nesse mesmo contexto, foi questionado aos entrevistados em que regiões do estado da Paraíba que se tem notícia da passagem e permanência dos cristãos-novos, Josemberg explicou que muitos ficaram localizados na região litorânea, principalmente na época de dominação holandesa na região, fato esse que possibilitou que a primeira sinagoga das Américas fosse fundada na cidade de Recife – PE, pois o governo holandês era permissivo em relação à prática das religiões, e que quando Portugal retomou o poder e os expulsou, as comunidades judaicas foram se deslocando para o sertão, pois onde estavam não poderiam mais professar sua religião livremente. À medida em que iam ocupando os sertões, formaram comunidades longe dos olhos da coroa portuguesa e da igreja católica, mantendo a tradição em suas casas, definido por ele pelo termo “criptojudeus”. Já Monaliza informou que a cidade de Santa Luzia – PB, e seus arredores, foram fundados por cristãos-novos.

O questionamento seguinte foi acerca de quais costumes da religião judaica permaneceram em suas famílias entre gerações, Monaliza contou que sua vó não permitia que se varresse a casa com um movimento no sentido de dentro para fora, pois realizar essa prática

era como ofender alguém da família, além disso, havia a prática de acender velas às sextas-feiras, ela também relata que sua trisavó era vendedora de doces, fazia um doce chamado espécie, além de doce de gergelim, e outro chamado chourisso, feito com sangue de porco, que não era consumido por sua trisavó, e ao ser questionada o porquê respondia que era “carregado e não fazia bem”, Monaliza também relata alguns costumes presentes no interior do Nordeste como a troca da água do pote quando alguém da casa morre e o casamento entre primos.

Josemberg respondeu a esse questionamento informando que em sua família haviam diversos costumes que ele considerava como estranhos, segundo ele isso ocorria pela mistura de religiões. Ele conta que suas duas avós eram católicas, porém realizavam práticas que pertencem ao judaísmo, a exemplo de sua vó materna, que ao limpar qualquer animal para consumo retirava o tendão da perna do animal, quando ele a perguntava o porquê daquilo ela respondia “minha avó e minha mãe tirava e dizia que tinha que tirar”.

O entrevistado também apontou que eram realizadas rezas em determinadas horas do dia, e que existia um apego a determinados símbolos específicos, ele relata que suas tias lhe contaram que o seu bisavô tinha uma religião diferente, que elas não sabiam explicar qual era, informaram também que os pais desse bisavô tinha vindo de fora e que os costumes praticados eram definidos como esquisitos pelas pessoas da região onde moravam, Nova Cruz – RN, além disso, Josemberg também relata que seus bisavós não tomavam banho às sextas-feiras, nem penteavam os cabelos, apenas faziam isso no anoitecer do dia seguinte, e quando perguntavam o porquê dessas práticas respondiam que faziam isso apenas por serem religiosos

Nessa perspectiva, o entrevistado também conta sobre determinados aspectos da cultura nordestina nos quais é possível observar influência judaica, apresentando o brasão da cidade de Boa Vista – PB (Figura 24), no qual é perceptível diversos símbolos ligados a religião, para pessoas que conhecem a tradição judaica, como uma *menorah*¹¹ em forma de cacto, uma estrela de Davi e um sol. Ele explica que diversos costumes sertanejos têm suas origens no judaísmo, e acabam por se confundir com os costumes da igreja católica, pelo motivo de terem sido incorporados, como exemplo ele cita um trecho de uma música do cantor Luiz Gonzaga que diz: “quando bate as seis horas, de joelhos sobre o chão” e explica que essa não é uma tradição católica e sim uma tradição católica do Nordeste.

¹¹ Menorah é um candelabro de 7 pontas utilizado em cerimoniais religiosas judaicas.

Figura 24-Brasão da cidade de Boa Vista – PB.



Fonte: Heraldry Wiki(2022)

Ao serem questionados acerca da comunidade a qual pertencem, quantos anussins fazem parte destas e alguns relatos acerca deles, Monaliza relatou que em Campina Grande existem algumas comunidades familiares que praticam o judaísmo internamente, entre elas está a família de Cicero, naturais de Juru – PB, que praticam alguns costumes, relatados por ela, como realizar a distinção rígida de utensílios de cozinha utilizados para leite e para carne, e também, enterrar o cordão umbilical de crianças embaixo de árvores. Ela também cita a família de Magda, também da cidade de Juru – PB, que possui costumes similares ao da família da entrevistada, como acender velas às sextas-feiras; e a Família de Sergio, cujo sobrenome é Moraes, possuindo um determinado grau de parentesco com a entrevistada, segundo os relatos sobre essa família, eles não faziam nada entre a sexta-feira e o sábado, realizavam a quarentena para as grávidas e o resguardo menstrual.

Ela também informou sobre a família Ribeiro, de Campina Grande – PB, cuja uma bisavó realizava uma brincadeira com as crianças que consistia em uma cantiga de sequência de memória que ia aumentando progressivamente, e havia vários outros costumes realizados por ela dos quais não explicava o motivo.

A comunidade da qual ela faz parte atualmente é a Sinagoga Sem Fronteiras, e informa que na cidade de Campina Grande – PB, há cerca de duas ou três comunidades de anussins que celebram festejos judaicos e *shabbat* entre si, além dessas comunidades, na cidade ainda há a Magen Davi e famílias como a Ribeiro e a Ramos.

Sobre esse questionamento Josemberg informa que a sua comunidade é pequena, pois foi montada há pouco tempo, segundo ele, há quatro anussins, e outros que não realizaram a

pesquisa genealógica, e também há não descendentes. Dentre os relatos ele conta que em suas famílias sempre houve a circulação de comentários acerca de uma religião que destoava, e informações acerca de familiares vindos de “fora”, e a partir daí eles pesquisaram afundo.

O último questionamento diz respeito a opinião dos entrevistados sobre a relevância deste trabalho de conclusão de curso e pontos que são indispensáveis para a proposição de um centro cultural judaico. Josemberg informou que o trabalho é importante, pois resgata a memória desse povo, que segundo ele “foi jogada para baixo da cama, debaixo do tapete, mas ela continua incomodando por assim dizer”, ele também complementa dizendo que nos sertões existe uma forte presença da simbologia judaica, como também o povo sertanejo carrega essa memória em seu próprio corpo, citando o nariz avantajado como uma característica semita. Como elemento indispensável, ele indica que é importante a disponibilização de cópias dos documentos da Torre do Tombo, tendo a maioria sido digitalizadas, pois eles contam bastante sobre essa história, como a de Branca Dias que se tornou um símbolo para os judeus que foram perseguidos e que tem sua trajetória documentada nesses arquivos.

Monaliza comentou que é importante manter a mentalidade de saber que essa história é viva, em suas palavras “tentaram extirpar todas as árvores, mas as sementes estavam brotando, estamos voltando com tudo”, ela complementa sua colocação comentando que essas sementes precisam de um espaço para falar e aprender, uma porta aberta para que as pessoas possam se conhecer e conhecer suas histórias.

Dentre os elementos importantes levantados por ela, estão: maneiras que possam associar sobrenomes a uma origem para facilitar a identificação, uma rede de dados como fichas documentais, facilitação ao acesso de documentos, dos quais a maioria está sobre domínio da igreja católica, e muitas vezes é de difícil acesso, exposição de materiais que eram construídos pelas famílias como as *Mezuzot*¹² e por fim, dados, relatos, fotos e materiais que remetam a pessoas influentes.

O outro entrevistado foi o Rabino Ofir de Vavoho, líder espiritual da comunidade Nazebi, da cidade de Santa Rita – PB, essa entrevista tem como objetivo analisar a história da diáspora judaica, ocorrida no período colonial, sobre a ótica rabínica, como também, promover o conhecimento acerca dos nuances da religião judaica.

Ao ser indagado acerca de como ocorreu e quais motivos levaram à diáspora judaica para o Brasil no período colonial, o rabino explica que vários motivos sociais, culturais,

¹² *Mezuzot*, plural de *Mezuzá*, consiste em um pergaminho com passagens específicas da Torah colocada no umbral da porta principal da residência pelos praticantes do judaísmo.

econômicos e políticos levaram à perseguição e expulsão do povo judeu da Espanha e de Portugal.

Ele explica as raízes dessa problemática, devido à inquisição, que desempenhou um importante fator de domínio sobre o povo daquela época, os povos israelitas se espalharam em diásporas para diversas partes do mundo como a Europa, o Oriente Médio e o Ocidente, nesses locais, devido à forte e assídua tradição mantida entre gerações de famílias judias, auxiliadas tanto pelo culto das escrituras sagradas, como pela literatura do *talmud*¹³, ocorreram fortes manifestações judaicas nos meios sociais, e quem por ventura apresentasse esses comportamentos era considerado herege e perseguido.

Outro fato considerado por ele é a disparidade religiosa, pois o judaísmo desempenhou um importante papel para o desenvolvimento do catolicismo, do nascimento dessa nova religião surgiu uma nova forma de visionar a Deus, e concomitante ao seu desenvolvimento forte e intensivo ao redor do mundo surgiu o sentimento de supressão de quem fizesse frente a esse conjunto de dogmas, embate esse bastante desenvolvido pelos praticantes do judaísmo devido seus costumes e interpretações das escrituras sagradas que divergem da doutrina católica, nas palavras do entrevistado o judaísmo representava “uma ameaça a consolidação do catolicismo no mundo.”

O segundo questionamento direcionado ao rabino foi o motivo pelo qual o povo judeu que migrou para o Brasil colonial buscou refúgio nos interiores do Nordeste, ele explica que esse povo já veio com o sentimento de refúgio, de encontrar uma nova oportunidade de vida sem perseguições, porém, nas terras brasileiras já estava sendo proliferada a santa inquisição, sendo assim esse povo teve de buscar um local que os favorecessem, neste caso os sertões, pois quanto mais longe da inquisição melhor para o povo.

Ao ser questionado acerca de quando surgiu a comunidade judaica paraibana o entrevistado explicou que dentre as várias formas de se ver o judaísmo, pode-se considerar que está religião surgiu na Paraíba no momento em que as primeiras pessoas, vindas das caravanas migratórias, trouxeram as tradições e ramificações judaicas para o local.

Ainda sobre esse questionamento o rabino explica que com o passar do tempo as tradições foram se debilitando ou sendo miscigenadas, como também divergiam em determinadas regiões, citando que, poderiam de acordo com cada localidade, os povos praticantes seguir ou não as 613 *mitzvot*, praticar o *yom kipur*¹⁴ e até mesmo trabalhar *shabbat*.

¹³ Talmud é um conjunto de livros, que pertencem a literatura rabínica, que versam sobre discussões inerentes à religião, à ética, aos costumes e à história do judaísmo.

¹⁴ Yom Kipur é o termo utilizado para o dia do perdão, realizado anualmente pelos praticantes do judaísmo.

Foi questionado ao Rabino como a comunidade judaica, daquela época, influenciou e como foi influenciada pelos povos da Paraíba, o entrevistado explica que os povos judeus imigrantes que chegaram no Brasil com suas tradições e formas de viver tinham determinado destaque no meio social, ele cita como exemplos a utilização de *peiyots*¹⁵, a prática das *brachot*¹⁶ e *shacharit*¹⁷, a forma melódica de realizar as orações, a partir disso, despertando muitas vezes a curiosidade popular e as pessoas que simpatizavam com esses costumes os adotavam e produziam, por muitas vezes, novas versões.

Ele ainda explica que é importante levar em consideração a vasta miscigenação de culturas e tradições presente no país, a exemplo da cultura africana fortemente presente no Nordeste, o que ocasiona que a determinadas práticas relacionadas ao judaísmo, citando como exemplo maneiras de varrer as residências, não atestas de fato que uma família tem ancestralidade israelita, em suas palavras, muitas vezes ocorria de “ter influenciado o povo sem querer sem intenção” além disso, nesse processo de miscigenação, haviam pensamentos convergentes e divergentes para com o judaísmo, fazendo com que parte das influências fosse indireta e imperceptível. Por outro lado, ele exemplifica as comunidades judaicas isoladas, que possuíam contato direto com outros grupos diversos, por meio do trabalho, relações interpessoais e casamentos, relacionavam e assimilavam a cultura principalmente quando se observa questões religiosas.

O próximo questionamento foi a respeito de como é possível identificar um *b'nei anussim*, Ofir di Vavoho informa que essa identificação pode ser elencada em diversas categorias, como: uma pessoa que simpatiza com a religião judaica e tem o nome advindo de uma raiz judia, fruto das trocas que nomes ocorridos no período colonial, como Oliveira, Pereira e Ferreira, e que possuem relatos de costumes judaicos, advindos da tradição familiar ou por influência e mantidos por benevolência, devendo, neste caso, ter que se investigar a fundo; por meio de documentos que comprovem a ancestralidade, muitos destes guardados em segredo por famílias judias com forte organização social; por meio percepção religiosa e espiritual do indivíduo, levando em conta como ele se sente perante à religião, cabendo a um rabino competente o auxílio, ele conclui sua resposta com a seguinte colocação “identificar um *anussim* não é fácil mas não é impossível.”

¹⁵ *Peiyots* é a palavra em hebraico que faz referência às laterais do cabelo, que segundo ordenamento da torah, não pode ser raspado

¹⁶ *Brachot* é o termo em hebraico que se refere às orações.

¹⁷ *Shacharit* é o termo em hebraico utilizado para nomear a oração da manhã.

Ao ser questionado sobre quais costumes do nordeste brasileiro é possível verificar elementos da cultura judaica, o entrevistado informa que definir um costume judaico analisando outros povos não é uma tarefa fácil, tendo em vista a diversidade de tradições existentes no Brasil, porém para uma pessoa experiente no judaísmo é possível realizar essa percepção, ele exemplifica contando acerca de suas experiências, ao contar que percebe em vários locais comportamentos judaicos nítidos como: forte devoção religiosa, maneira de viver, maneira de varrer casa entre outros.

Essas análises não são atestados de descendência direta, porém, são fortes resquícios observados na maneira de vida, deve ser levado em conta também, que várias pessoas que possuem raiz judaica apresentam um comportamento discreto, a exemplo dos antigos barões que existiam no país.

A segunda parte da entrevista foi destinada a conhecer um pouco mais acerca dos aspectos da religião judaica, tradições, costumes, símbolos, para isso, foi questionado quais os principais elementos da cultura judaica, como festas, alimentação e costumes.

O rabino começa respondendo a essa pergunta explicando que comunidades étnicas são reconhecidas e perpetuam perante suas tradições e costumes, como uma espécie de carimbo da comunidade, a celebração de festas como *pessach*¹⁸ e *yom kipur*, determinadas biblicamente, fazem com que essas tradições se perpetuem e se mantenham fortes no mundo judaico, além disso as 613 *mitzvot*, a reza de *shacarit* entre outros costumes promovem o fortalecimento do povo, pois devido ao entendimento das escrituras sagradas, o homem tende ao esquecimento, logo, a realização de ordenamentos bíblicos ,como os citados ,promovem também, a união, a congregação e a vivencia da cultura e tradição do povo judeu.

Nesse mesmo sentido, foi indagado quais os principais símbolos pertencentes a religião judaica, tanto os utilizados nos encontros religiosos quanto levados no corpo no cotidiano, o rabino explica que existem símbolos que pertencem ao judaísmo, mas que são de uso geral, como *magen david*¹⁹, *menorahs* e *mezuzas*, como também, há símbolos utilizados na liturgia por ordenamento da *torah*, como a *menorah*, que tem como objetivo promover o fortalecimento da espiritualidade do praticante da religião.

Ele explica que todos os principais símbolos utilizados pelos praticantes da fé judaica como: *menorah*, *mezuzá*, *hamsá*, *quipá*, *tzizit* e *talit*, possuem um motivo ligado à espiritualidade dos praticantes, ele cita também que existem símbolos desconhecidos como os

¹⁸ Pessach é o termo em hebraico utilizado para se referir à páscoa judaica.

¹⁹ Magen David é o termo em hebraico utilizado para se referir à estrela de david, um dos mais conhecidos símbolos do judaísmo.

amuletos de proteção contra *hashedim*²⁰, dos quais foram esquecidos e bastante velados devido as questões ocorridas com o povo judeu no período colonial.

O próximo questionamento dirigido ao rabino foi a respeito da diferença entre judaísmo histórico, religioso, cultural e assimilado, ele inicia explicando que no judaísmo histórico existem documentações e provas de fatos ocorridos no mundo judaico, como por exemplo a torah, como exemplo ele explica que a terminologia judeu não existe nos tempos de Adão, Noé, Abraão, só a partir do desenvolvimento da história bíblica do povo de Israel e do surgimento das tribos foi que surgiram relatos com esse título, além disso, está associado a esse tipo de judaísmo a arqueologia e as tecnologias que, de alguma maneira, estejam ligadas a elucidação de fatos.

Sobre o judaísmo religioso, este é compreendido como a vivencia religiosa, a adoção de símbolos e a prática dos mandamentos bíblicos, ou seja, toda a essência da mística judaica, das quais possuem um motivo religioso por trás, ele explica também que a vivencia religiosa pode variar entre comunidades, como por exemplo a interpretação das *mitzvot*.

O judaísmo cultural é explicado pelo rabino como uma informação adquirida no decorrer da vida, por meios familiares, grupais ou tribais, que são desenvolvidas pelo indivíduo, que envolve ética, dignidade, visão de mundo entre outros aspectos, ele informa que muitas comunidades guardam a cultura, mas não a tradição, outras guardam tradição e cultura, mas não o religioso.

O último item, o judaísmo assimilado, é explicado de forma exemplificada: um indivíduo que nasce em berço judaico e tem uma vida carregada de mitzvot muda de ambiente, para longe se sua comunidade, sua forma de viver irá se assimilar com seu novo lar. Muitas comunidades hoje em dia possuem essa característica, gerando pensamentos divergentes acerca da religião, ele também exemplifica essa problemática: a comunidade paraibana recebeu influência da comunidade de Recife, possuindo assim similaridade, porém, essa é diferente da comunidade de São Paulo ou do Rio de Janeiro, ou em outra visão, se houver determinado problema em uma sinagoga, que seja necessário um novo rabino, e ao se pedir a Israel um novo líder for enviado um do tipo ortodoxo para comandar, quando ele “tentar botar ordem na casa” ninguém vai gostar, mostrando assim as diferenças nas vivencias e tradições da religião.

As entrevistas produzidas neste trabalho auxiliaram a compreensão acerca da temática abordada, a história dos B’nei Anussim e as particularidades da religião judaica, como também auxiliaram no desenvolvimento da proposta do anteprojeto.

²⁰ Hashedim é o termo em hebraico utilizado para se referir a demônios bíblicos.

O elemento indispensável para proposição do centro cultural, informado pelo entrevistado Josemberg, a disponibilização de cópias dos documentos da Torre do Tombo, serviu como base para a proposição da biblioteca, na qual, pode-se ter acesso e se realizar a análise de documentos, livros e outros meios que estejam ligadas as documentações ligadas a inquisição que ocorreu no Nordeste, sobretudo na Paraíba, como também, de áreas expositivas específicas que mostrem ao público o relato documental dos fatos ocorridos naquela época.

Monaliza cita que “essas sementes precisam de um espaço para falar e aprender” essa colocação foi interpretada no processo projetual por meio da implementação de ambientes ligados a esses dois verbos, gerando no programa de necessidades: as salas de aulas, para realização de atividades de aprendizado, salas infantis, para proporcionar a crianças o ensinamento acerca do tema de maneira lúdica, auditório, para realização de palestras e discussões e também da biblioteca, como espaço de estudo e pesquisa.

As colocações feitas pelo Rabino auxiliaram no conhecimento acerca dos aspectos religiosos, por meio das informações repassadas, poderá ser proposto: exposições que apresentem à comunidade instrumentos utilizados na prática religião judaica, e que por ventura tenham valor histórico e tenham sido utilizados por famílias de cristãos-novos do sertão nordestino (como oratórios, mezuzás e menorás), e seus significados, exposições informativas sobre aspectos religiosos como orações e as *mitzot* e exposições informativas acerca dessa parte da história da formação do povo e do nordeste brasileiro.

4. ANTEPROJETO DE UM CENTRO CULTURAL JUDAICO PARA A CIDADE DE CATOLÉ DO ROCHA – PB

Neste capítulo será abordado o processo projetual do centro cultural, serão realizados: o diagnóstico da área de intervenção, análise topográfica do terreno, análise dos condicionantes projetuais (terreno, urbanísticas, paisagísticas e climáticas), programa de necessidades, pré-dimensionamento dos ambientes, fluxograma, zoneamento, definições do partido arquitetônico, análise de projetos de referência, análise de materiais construtivos e observações acerca da legislação vigente e normativas técnicas.

4.1 Localização do terreno

O terreno escolhido para o desenvolvimento projetual, localiza-se na cidade de Catolé do Rocha, no bairro do centro, o lote está inserido entre duas ruas, ao norte a Rua Monsenhor Constantino e ao sul a Rua Enedina Cavalcante, as ruas as quais o lote faz frente convergem para o centro da cidade, ao sentido oeste, fazendo assim com que o acesso à edificação seja facilitado, como pode ser observado na Figura 25.

Figura 25 - Localização do terreno.



Fonte: autor (2022)

O terreno, Figuras 26 a 28, foi escolhido nesta localidade da cidade devido ser uma área em expansão, logo, intervenções e proposições arquitetônicas são instrumentos importantes para o desenvolvimento do bairro, nesse sentido, o centro cultural proposto servirá também como suporte para população local.

Devido ao terreno estar inserido entre duas ruas, foi levado em conta no processo projetual o acesso pelas duas vias, sendo designado a Rua Enedina Cavalcante como o acesso principal e a rua Monsenhor Constantino como acesso secundário e de serviços, o estacionamento proposto interliga essas duas ruas fazendo com que o acesso ao espaço seja simplificado e integralizado com a edificação.

O terreno também conta com um entorno privilegiado, cercado por serras, dando destaque ao monte Tabor ao qual se localiza ao norte do terreno, principal ponto turístico da cidade de Catolé do Rocha – PB, que serve como um espaço de peregrinação religiosa, devido à capela da sagrada família no seu topo, como também, de mirante turístico.

Figura 26-Terreno da proposta, monte Tabor ao fundo



Fonte: autor (2022)

Figura 27 - Vista da rua Edenida Cavalcante



Fonte: autor (2022)

Figura 28 - Vista para o interior do terreno.



Fonte: autor (2022)

Apesar da proximidade com o centro da cidade, o terreno possui um entorno com predominância residencial, com alguns pontos de caráter comercial nas suas proximidades como: farmácia, banco e estúdio de fisioterapia, além disso, o terreno está próximo da igreja matriz de Nossa Senhora dos Remédios, da igreja evangélica do avivamento bíblico, e da praça Gerônimo Rosado, a qual fica de frente a igreja católica como pode ser visto na Figura 29.

Figura 29 - Mapa do entorno do terreno.



Fonte: autor (2022)

4.1.2 Dimensionamento do terreno

O terreno designado para elaboração do projeto do centro cultural possui uma área total de 3.764,36m², a fachada norte voltada para a Rua Monsenhor Constantino possui 61m de comprimento, a fachada sul voltada para a Rua Edenida Cavalcante tem 61,43m, a fachada oeste mede 62,14m e a fachada leste tem 60,89m, vide Figura 30.

Figura 30 - Dimensionamento do terreno



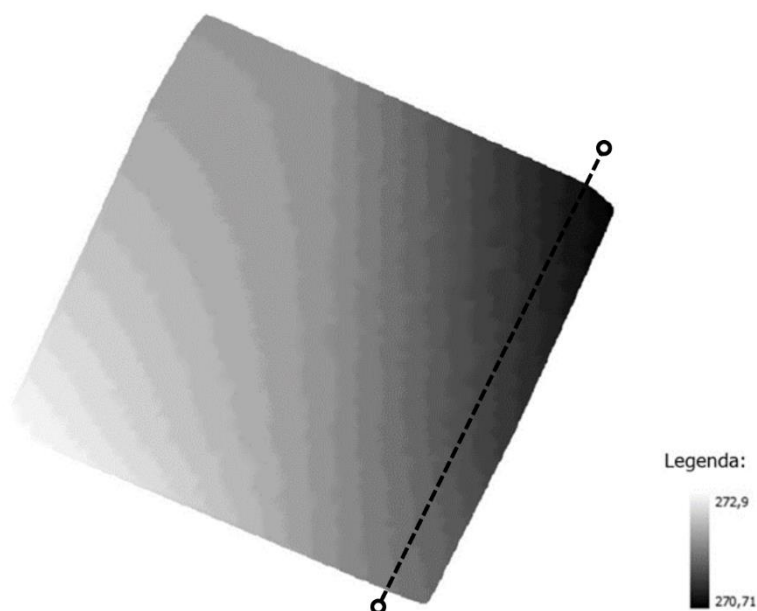
Fonte: autor (2022)

4.2 Condicionantes físicos e ambientais

4.2.1 Topografia

O terreno possui uma declividade 2,19m na direção nordeste e se acentua na direção sudoeste e sul, os níveis do terreno permanecem constantes em boa parte de sua extensão, como se pode observar na Figura 31, nesse sentido, a diferença de nível no espaço que irá receber o projeto é sutil e não proporciona empecilhos no processo projetual, sendo indicado a nivelação do terreno na etapa construtiva.

Figura 31- Topografia do terreno.



Fonte: autor (2022)

Para melhor compreensão do declive do terreno, também foi realizado um corte esquemático sentido norte a sul, do quadrante superior direito ao quadrante inferior esquerdo, para análise do perfil topográfico dá a área a qual apresenta maior declividade em relação a cota 0 (272,9m), como pode ser observado na Figura 32.

Figura 32 - Perfil topográfico do terreno, sem escala.

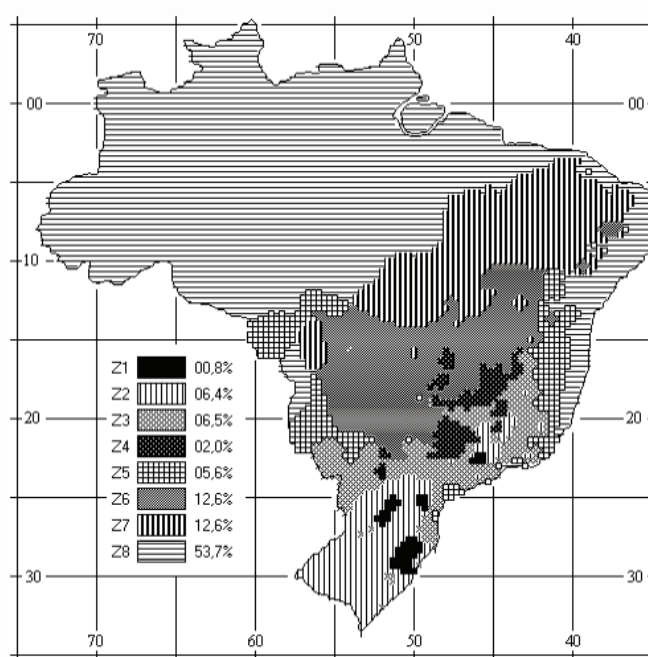


Fonte: autor (2022)

4.3 condicionantes climáticas

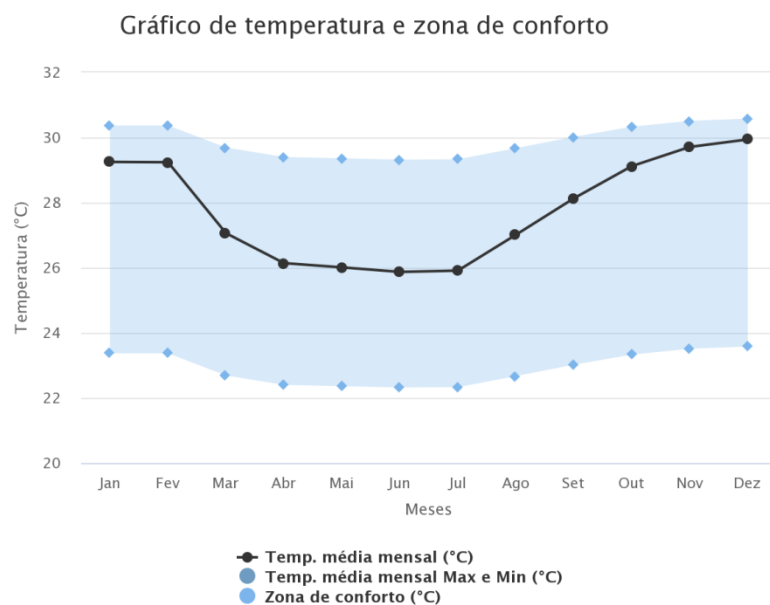
De acordo com a NBR 15220/2005, desempenhos térmicos de edificações, item 4, a cidade de Catolé do Rocha – PB está inserida na Zona bioclimática 7, vide Figura 33, a qual possui como característica principal o clima quente e seco, tendo em vista isso, de acordo com o item 6.7 desta norma, que versa sobre as diretrizes construtivas, é necessária a utilização de determinadas estratégias de proteção térmica como: brises, proteção e sombreamento das aberturas, estratégias de ventilação e técnicas de resfriamento das edificações.

Figura 33 - Mapa de zonemanto bioclimático brasileiro.



Fonte: NBR 15220 (2005, p. 2)

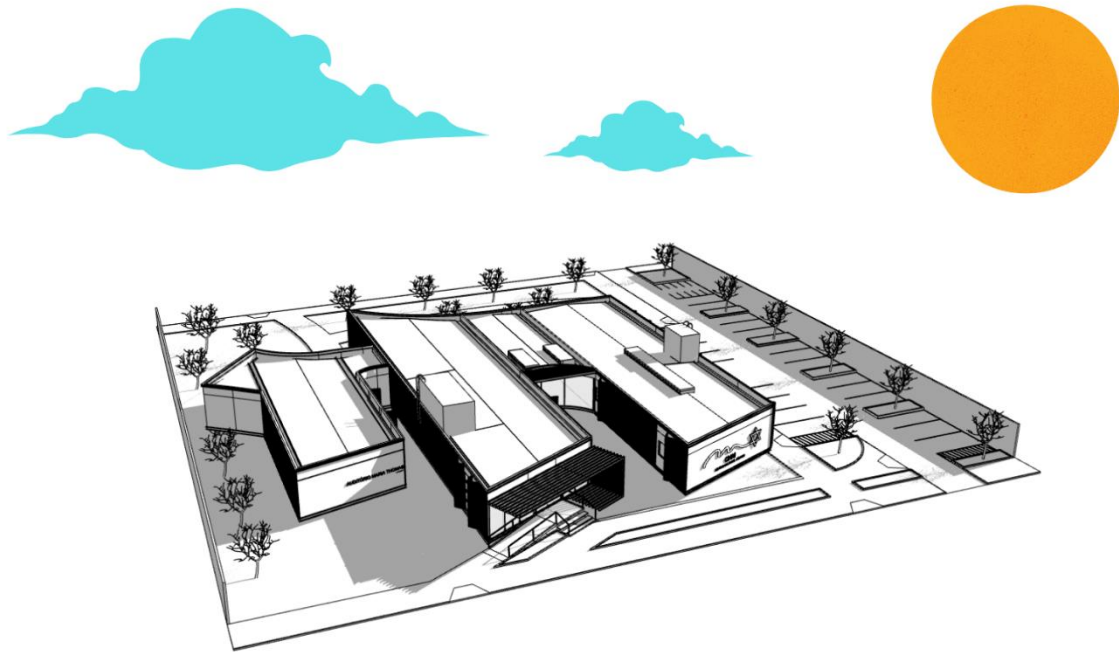
As temperaturas variam de acordo com o ano, como mostrado na Figura 34, os meses da abril a julho são os que apresentam menor índice de temperatura ao longo do ano, ficando em média 25,5°C, já os meses de agosto a dezembro apresentam uma elevação da temperatura 28,6°C.

Figura 34-Gráfico de temperaturas de Catolé do Rocha - PB

Fonte: Projeteer (2022)

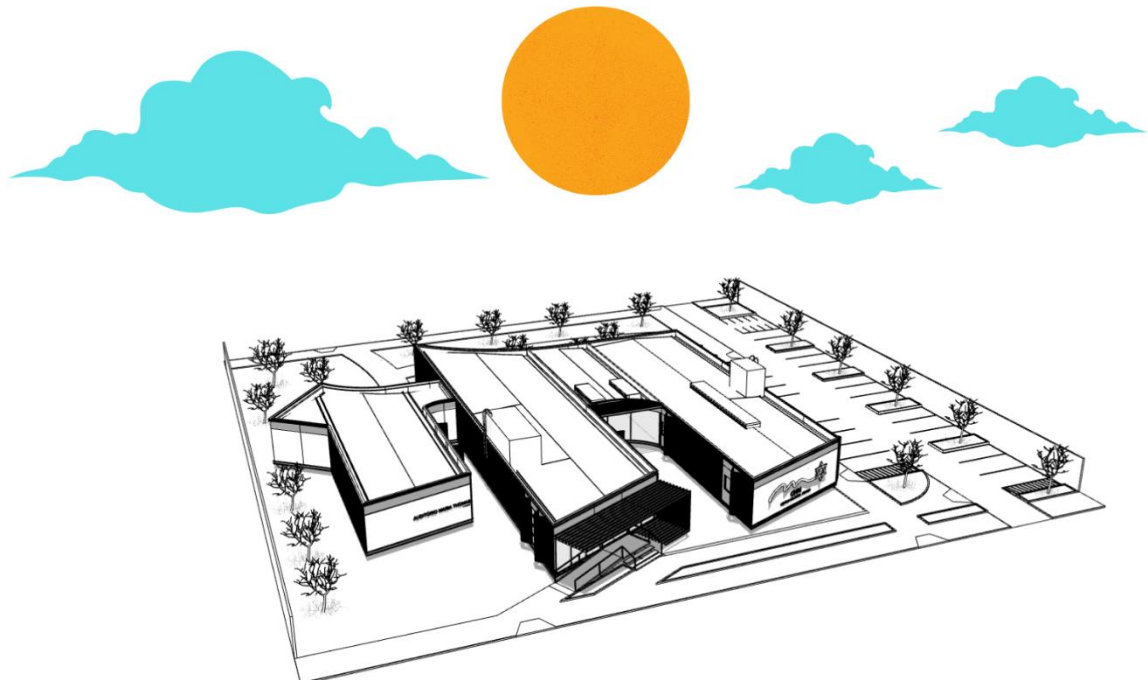
Tendo em vista esse importante fator descrito anteriormente, para compreensão das incidências solares na edificação foi realizada simulações em maquete 3D para estudo solar, a partir do software SketchUp, no qual foi utilizado os seguintes dados: a localização geográfica da cidade de Catolé do Rocha – PB, latitude: 6°20'28'' sul e longitude: 37°44'59 oeste e a angulação do terreno em 113° em relação ao norte, nesse segmento, foi realizada a análise solar para os períodos do solstício de verão, 21 de dezembro, do equinócio de outono, 21 de março, do solstício de inverno, 21 de julho e do equinócio de primavera, 20 março, para cada um desses períodos foi analisado a incidência solar em três horários distintos, sendo estes: 7:00 horas, 12:00 horas e 17:00horas, como se pode observar nas Figuras 35 a 46.

Figura 35 - Simulação do solstício de verão, às 7:00 horas.



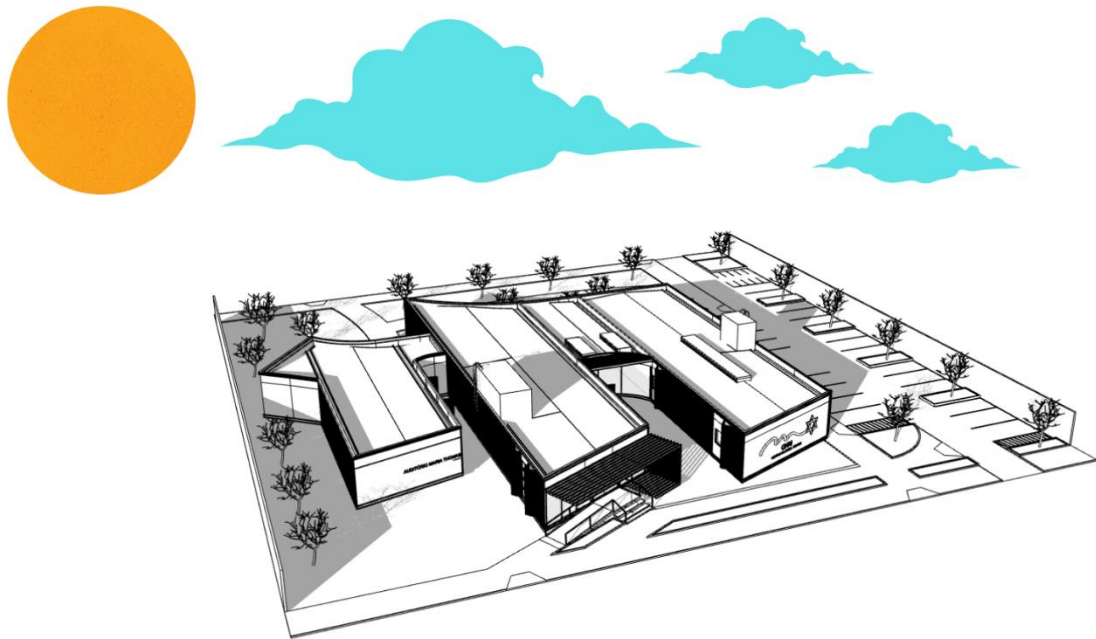
Fonte: autor (2022)

Figura 36 - Simulação do solstício de verão, às 12:00 horas.



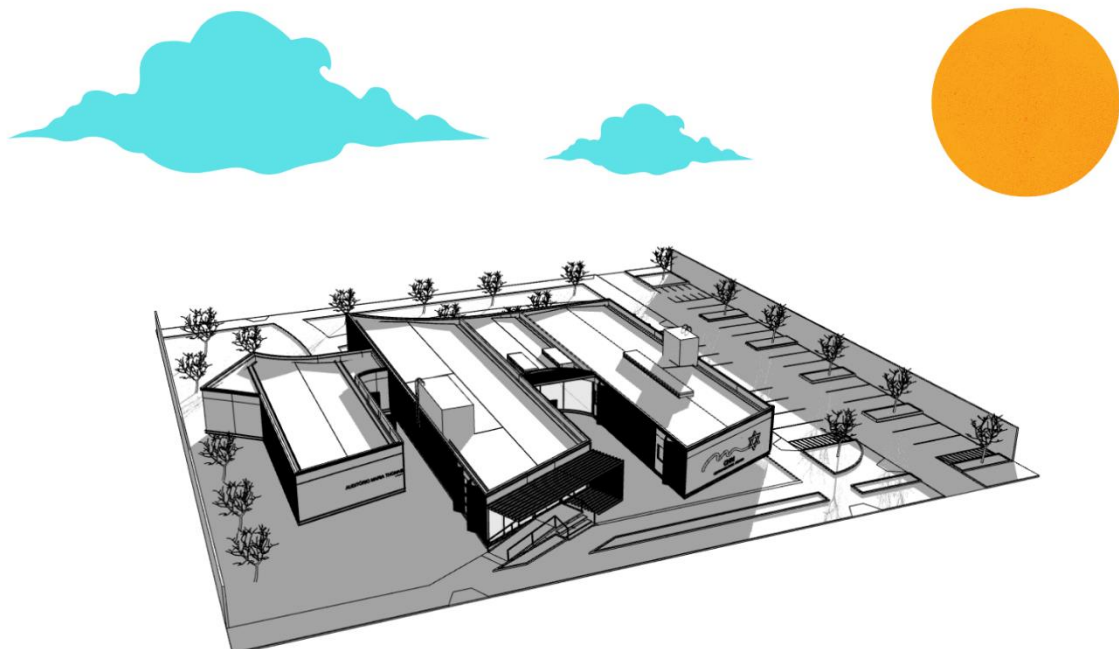
Fonte: autor (2022)

Figura 37 - Simulação do solstício de verão, às 17:00 horas.



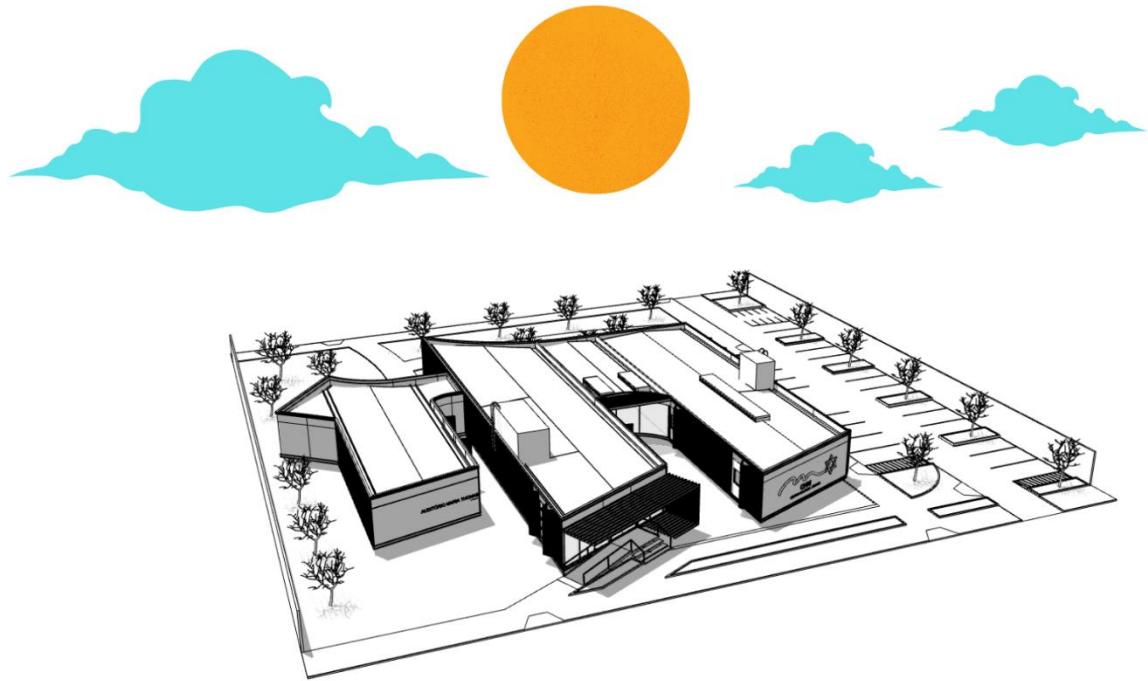
Fonte: autor (2022)

Figura 38 - Simulação do equinócio de outono, às 7:00 horas.



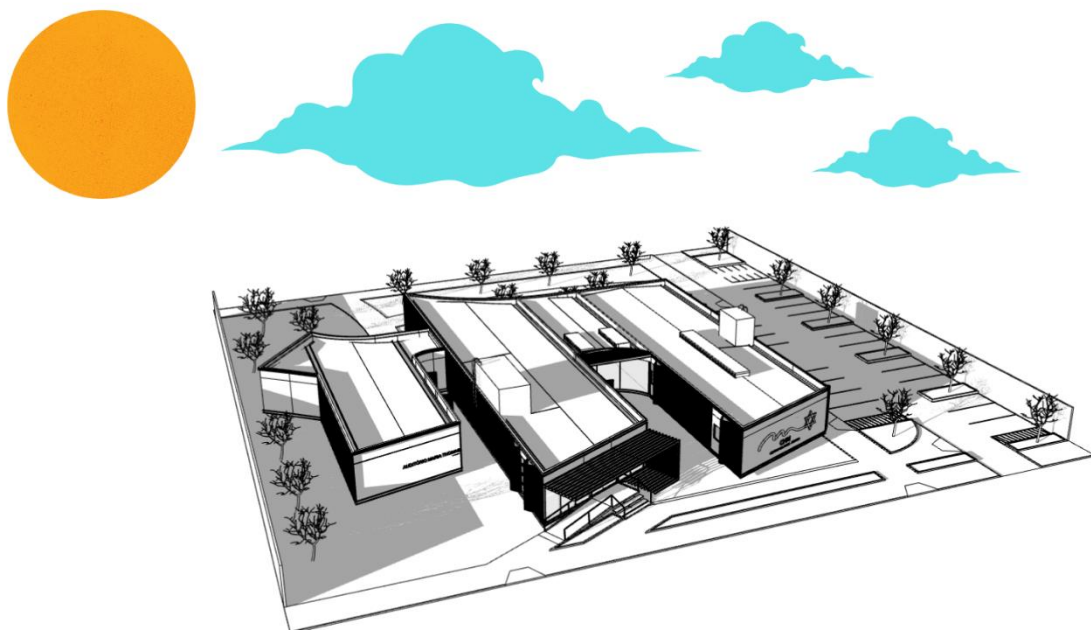
Fonte: autor (2022)

Figura 39 - Simulação do equinócio de outono, às 12:00 horas.



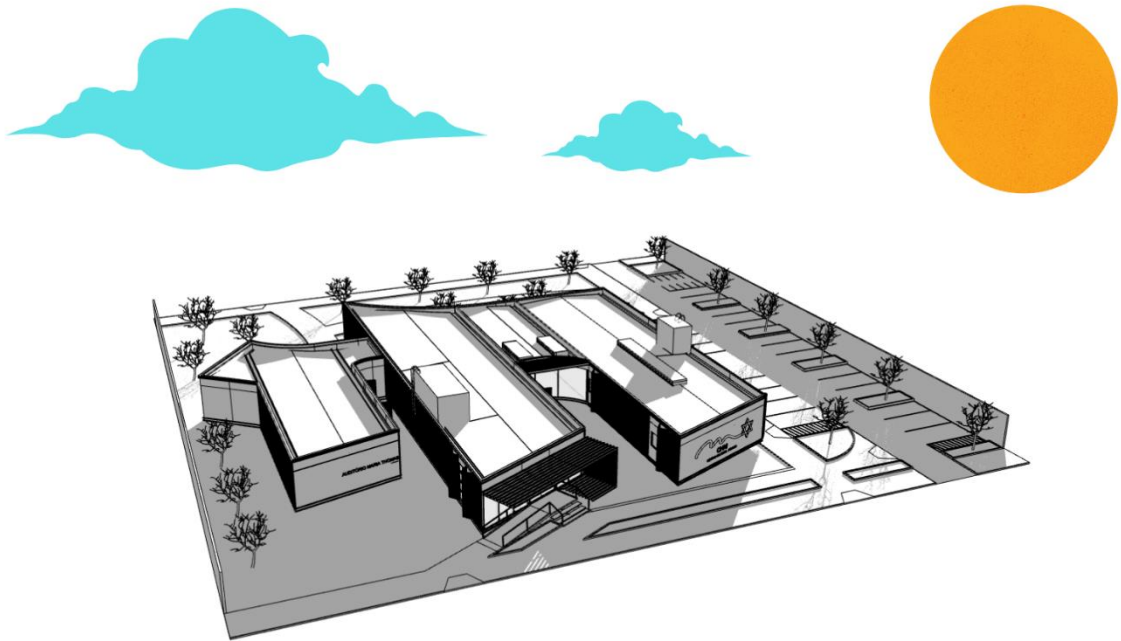
Fonte: autor (2022)

Figura 40 - Simulação do equinócio de outono, às 17:00 horas.



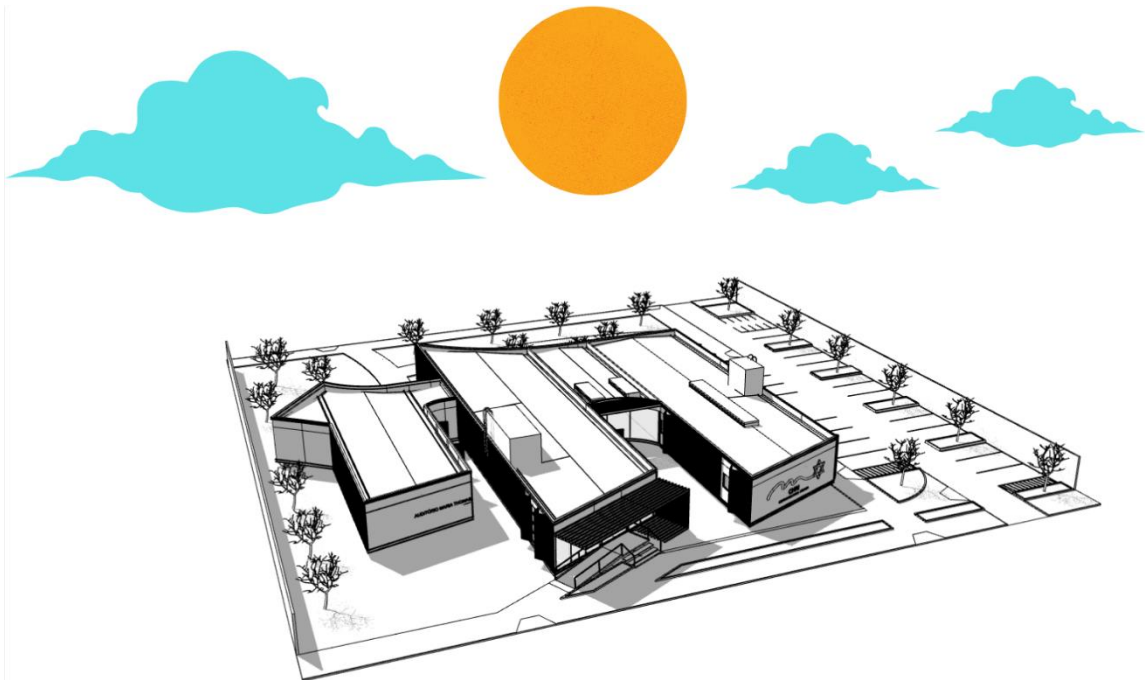
Fonte: autor (2022)

Figura 41 - Simulação do solstício de inverno, às 7:00 horas.



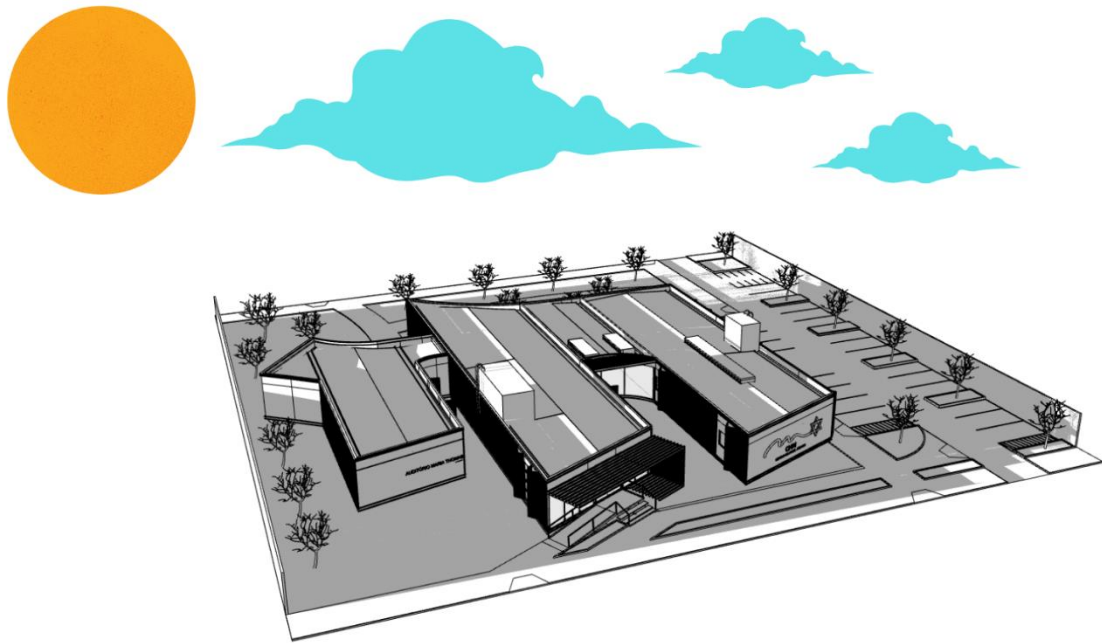
Fonte: autor (2022)

Figura 42 - Simulação do solstício de inverno, às 12:00 horas.



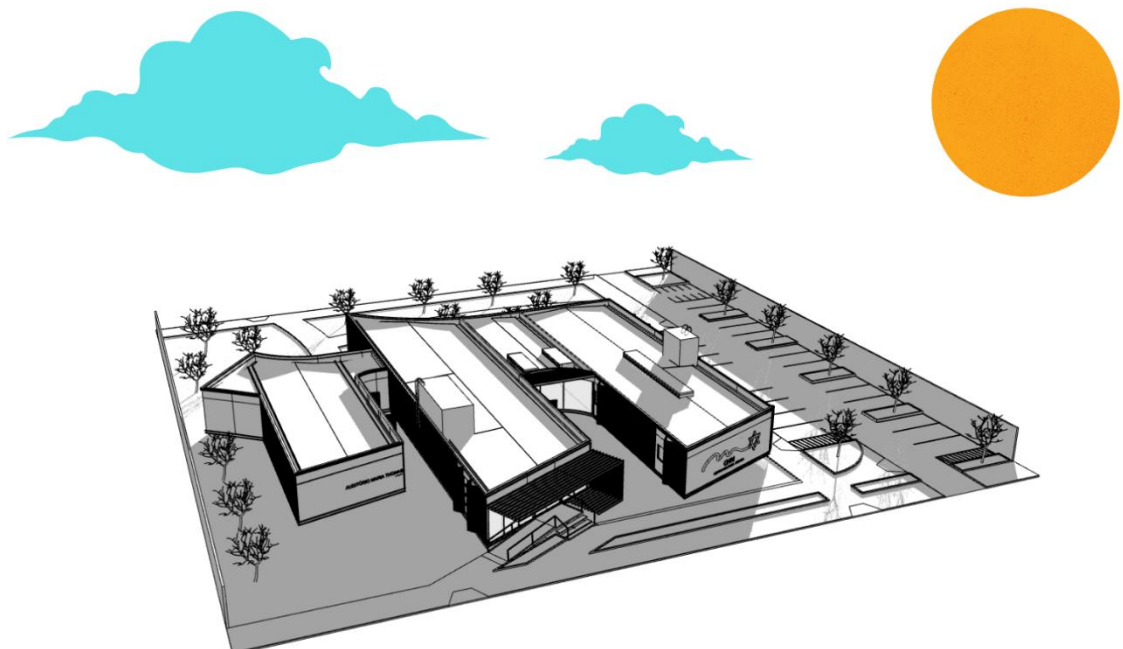
Fonte: autor (2022)

Figura 43 - Simulação do solstício de inverno, às 17:00 horas.



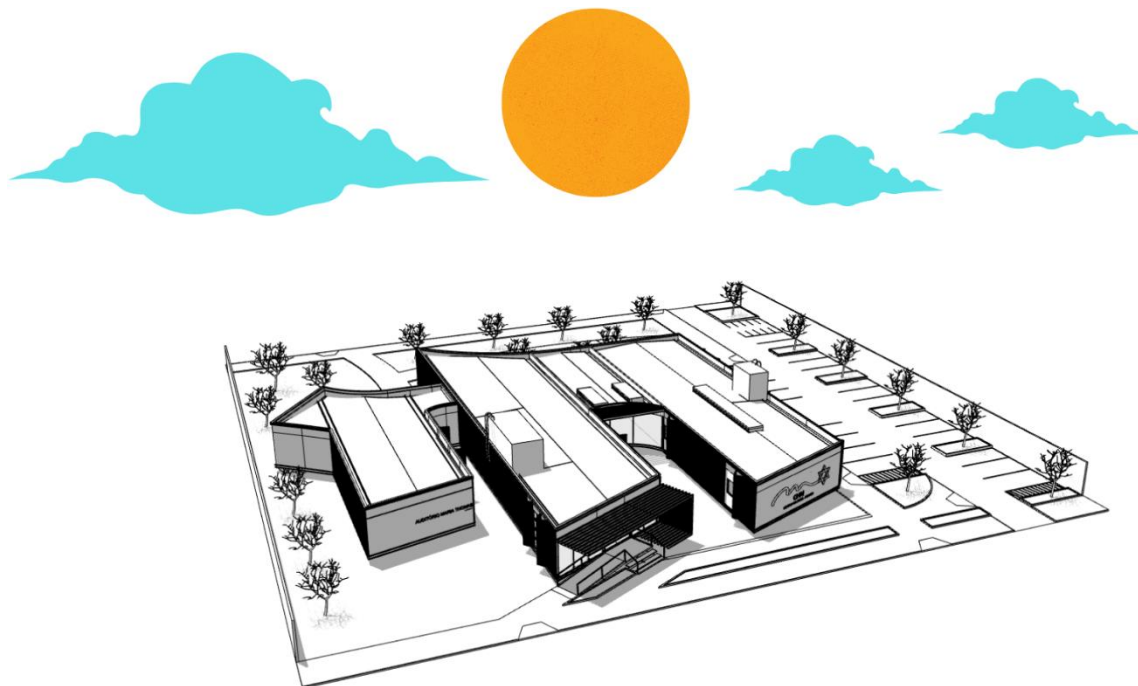
Fonte: autor (2022)

Figura 44 - Simulação do equinócio vernal, às 7:00 horas.



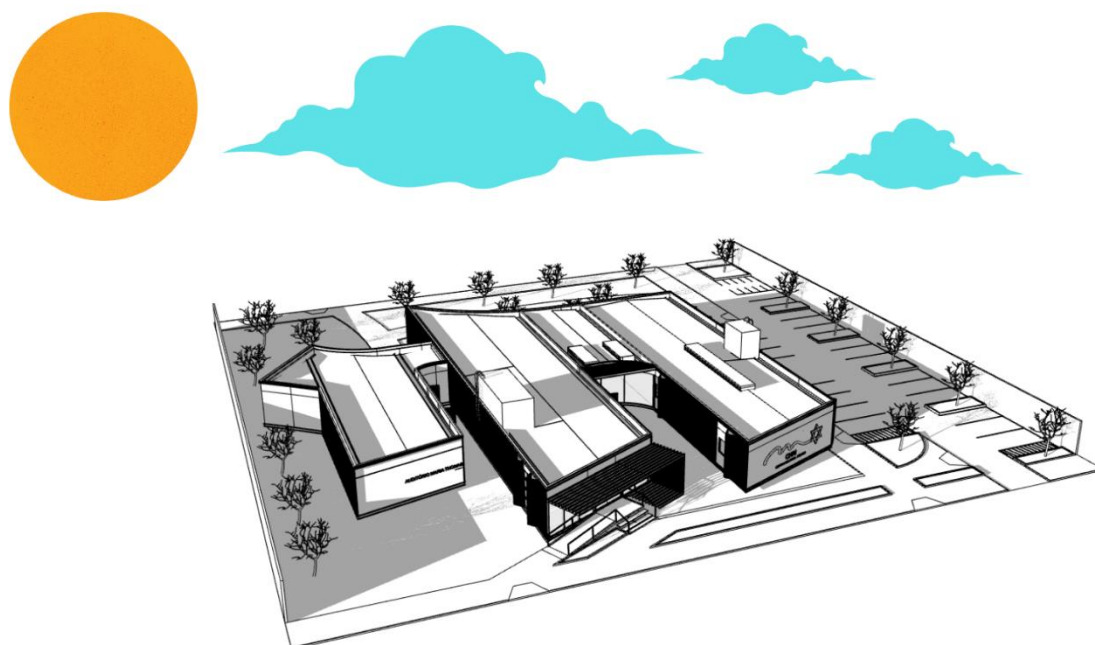
Fonte: autor (2022)

Figura 45 - Simulação do equinócio vernal, às 12:00 horas.



Fonte: autor (2022)

Figura 46 - Simulação do equinócio vernal, às 17:00 horas.



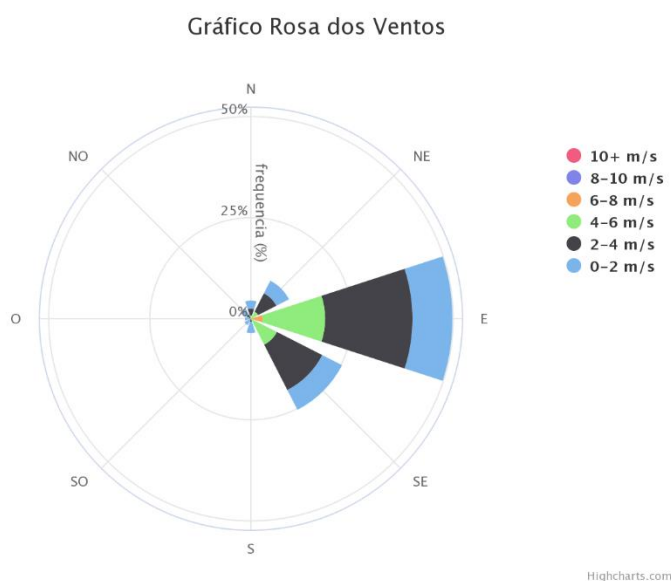
Fonte: autor (2022)

Por meio dessas simulações, pôde-se compreender a dinâmica solar para com a edificação, e as incidências solares em fachadas, fazendo assim com que técnicas de conforto

ambiental fossem adotadas no processo projetual como: arborização da fachada oeste, utilização de brises nas fachadas laterais, utilização de materiais com potencial diminuição de temperatura interna da edificação, proteção de aberturas maiores, entre outros.

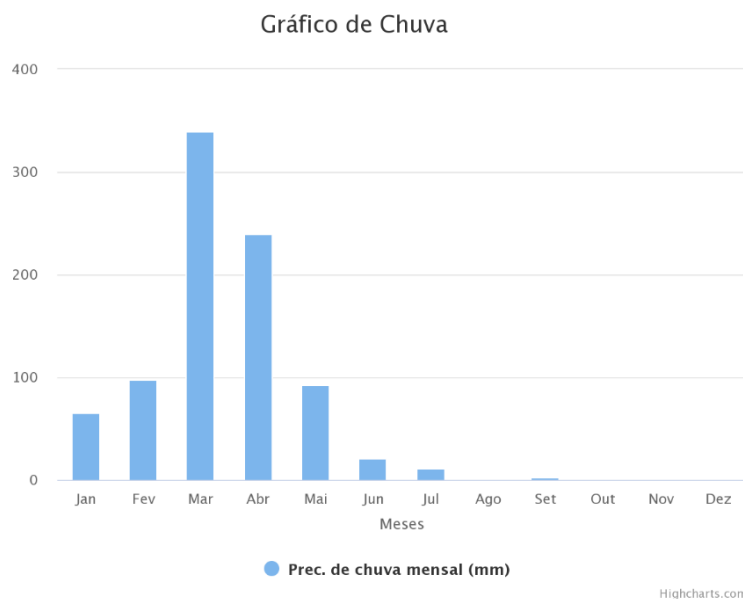
A ventilação da cidade varia ao longo do dia e tem sentido leste e sudeste, tendo a velocidade média do vento em torno de 6m/s e variando entre 100° a 130° , Figura 47,de acordo com o sistema WindFinder (2022), no projeto, a ventilação corre no sentido da fachada sul.

Figura 47 - Gráfico de ventilação da cidade de Catolé do Rocha - PB



Fonte: Projeteer (2022)

As chuvas na região de Catolé do Rocha – PB, concentram-se em maior volume nos meses de janeiro a julho, sendo o mês de março, o com mais índices de chuva longo do ano, é importante destacar que a região está suscetível a episódios de estiagem, para suprir tal problemática, é importante implementar soluções para o consumo hídrico eficiente como: utilização de equipamentos hidráulicos modernos e utilizar estratégias de armazenamento de águas pluviais em cisternas, as quais serão retidas por meio de calhas na cobertura da edificação, como pode ser observado na Figura 48.

Figura 48 - Gráfico de precipitação mensal de chuvas.

Fonte: Projeteo (2022)

4.4 condicionantes legais

A lei nº 964 de 2004, que versa sobre o uso e ocupação do solo da cidade de Catolé do Rocha – PB, é um instrumento legal de desenvolvimento e controle da evolução urbana e foi consultada para elaboração do presente trabalho.

No capítulo IV desta lei, que apresenta em seus artigos 54 e 55 as tipologias das edificações, verifica-se que o centro cultural, desenvolvido neste trabalho, está classificado como institucional de acordo com o artigo 55, item IV, por desenvolver atividades de natureza socioculturais e educacionais.

O anexo V desta lei elenca o projeto proposto como institucional urbano, por ser um espaço com a natureza voltada para o lazer, educação, biblioteca e agremiação cultural. Já o anexo VI apresenta o quadro dos parâmetros urbanísticos definidos para a zona central, no qual uma edificação institucional urbana (IU) deve atender as seguintes exigências:

Tabela 2 - Tabela de zoneamento do uso do solo urbano

USOS PERMITIDOS	Lote		Parâmetros urbanísticos das edificações					
	Área mínima (m²)	Frente mínima (m)	Taxa de ocupação (máxima)	Coeficiente de utilização (máximo)	Nº de pavimento (máximo)	Afastamentos iniciais (mínimos)		
						Frontal	Lateral	Fundos

IU	200	10	0,8	1,4	--	5	1,50	1,50
-----------	-----	----	-----	-----	----	---	------	------

Fonte: autor (2022)

A seção VI, que trata sobre as vagas de estacionamento de veículos, estabelece no artigo 82 que estabelecimentos com área superior a 300m² terão de oferecer vagas de estacionamento, sendo o número de vagas explicado no item I, onde para edificações com área superior a 200m² e inferior a 600m², terão de ser dispostas uma vaga a cada 50m², e para edificações que ultrapassem esse limite, serão oferecidas vagas adicionais a cada 40m² de área excedente.

A área total da edificação é de 924,48m², realizando os cálculos dispostos no artigo 82:

$$600 \div 50 = 12 \text{ vagas}$$

$$924,48 - 600 = 324,48\text{m}^2 \text{ excentes}$$

$$324,48 \div 40 = 8,11 \cong 8 \text{ vagas}$$

$$\text{Número de vagas} = 12 + 8 = 21 \text{ vagas}$$

O número de vagas alocadas no projeto é de 23 direcionadas para carros, sendo as duas vagas sobressalentes alocadas como forma de aproveitamento total do espaço destinado para o estacionamento, e 10 para motocicletas, haja vista o grande número de usuários desse meio de transporte na cidade, estando assim o estacionamento do projeto de acordo com o estabelecido nos ditames legais.

A cidade de Catolé do Rocha – PB não possui código de obras, devido a isso foi utilizado o código de obras da cidade de João Pessoa, capital da Paraíba, de forma subsidiária para orientação legal do desenvolvimento do projeto arquitetônico do centro cultural.

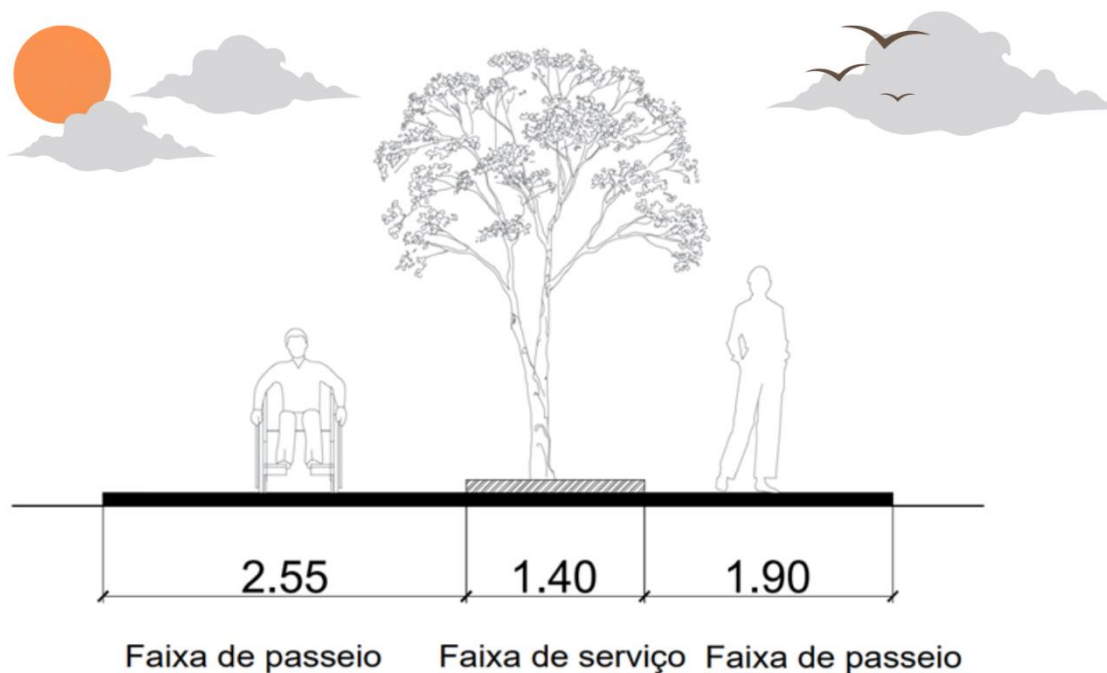
A seção II do código de obras, que versa sobre pisos e camada impermeabilizadora, informa que o material empregado deverá ser incombustível e apropriado para piso, evitando também espaços vazios. Já a seção III, que trata sobre as paredes da edificação, informa que todas as paredes devem possuir revestimento interno e externo, salvo a presença de algum estilo específico, e designa, também, que todas as paredes externas devam receber um revestimento impermeabilizante, além disso, é informado que internamente poderão ser utilizados divisórias alternativas como madeira ou similar para compartimentalização de ambientes.

No tocante às coberturas, a seção IV informa que nesta deverá ser utilizado materiais impermeáveis, de reduzida condutibilidade térmica e resistentes as ações de agentes externos, as instalações deverão ser realizadas de forma com que seja evitado infiltrações e outros agentes danosos à edificação. Sobre a circulação horizontal, a subseção II desta lei apresenta no artigo 155, item III, que os corredores devem ter no mínimo 1,60m de largura e um pé direito de pelo menos 2,30m para edificações educacionais.

A seção VI, que trata sobre edificações para fins culturais e recreativos, informa que estas devem conter pelo menos duas saídas para os logradouros, possuir instalações para renovação de ar ou ar condicionado, dispor de sinalizações de emergência para saídas e sistema de combate ao incêndio. Já a seção IX informa que as calçadas são itens obrigatórios para as frentes de um terreno, e que deverão ter espaços destinados a implantação de árvores, no projeto foi obedecido as dimensões dispostas na NBR 9050/2020 que trata da acessibilidade nas edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos.

Esta norma define, no item 6.12.3, que os passeios devem seguir os seguintes preceitos: possuir faixa de serviço, destinada a acomodar mobiliário como canteiro, postes, sinalização, com a largura mínima de 0,70 m, e faixa livre ou de passeio, destinada a circulação de pedestres, livre de qualquer obstáculo e tendo como largura mínima de 1,20 m, a Figura 49 apresenta um corte esquemático do principal passeio do projeto, no sentido da fachada norte, na qual a faixa de serviço está no meio de duas faixas livres, contendo árvores para promover o sombreamento de ambos os lados destinados a circulação de pedestres.

Figura 49 - Corte esquemático do passeio principal do projeto, sem escala.



Fonte: autor (2022)

4.4.1 soluções de acessibilidade

O desenvolvimento do projeto do centro cultural se pautou na inclusão, para tanto, foi utilizada a NBR 9050/2020 que trata da acessibilidade nas edificações, mobiliário, espaços e

equipamentos urbanos, para a produção de ambientes que atendam as mais diversas necessidades das pessoas com deficiência.

O item 6.6 desta norma, estabelece a utilização de rampas para vencer desníveis, o dimensionamento das rampas do projeto do centro cultural seguiu à risca o descrito no item 6.6.2, definindo a inclinação recomendada de 8,33% para todas as rampas do projeto: de acesso principal, de acesso secundário, de acesso à calçada e de acesso ao interior do auditório.

Na calçada e áreas determinadas, como escadas, rampas, passeio e suas mudanças de direção, foi implementada a sinalização do piso, por meio da alocação do piso tátil de condução e de alerta, conforme o item 5.4.4.2 da norma, o tipo do material utilizado foi intertravado no passeio e metálico na entrada principal e secundária do centro cultural, como pode ser observado na maquete 3D do projeto, como pode ser visto na Figura 50.

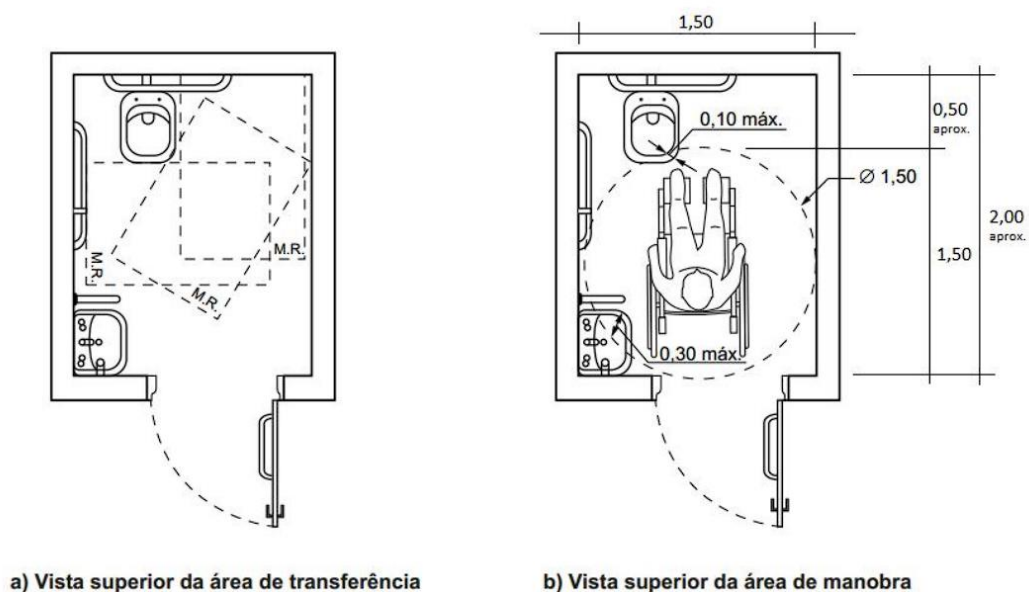
Figura 50 - Perspectiva 3D, passeio principal.



Fonte: autor (2022)

Os banheiros do projeto seguiram o disposto no item 7.5, no qual expõe que banheiros acessíveis devem ter o dimensionamento mínimo de 1,50 m por 2,00 m, e que permita a realização de um giro, para cadeirantes, de 1,50 m de diâmetro, conforme a Figura 51.

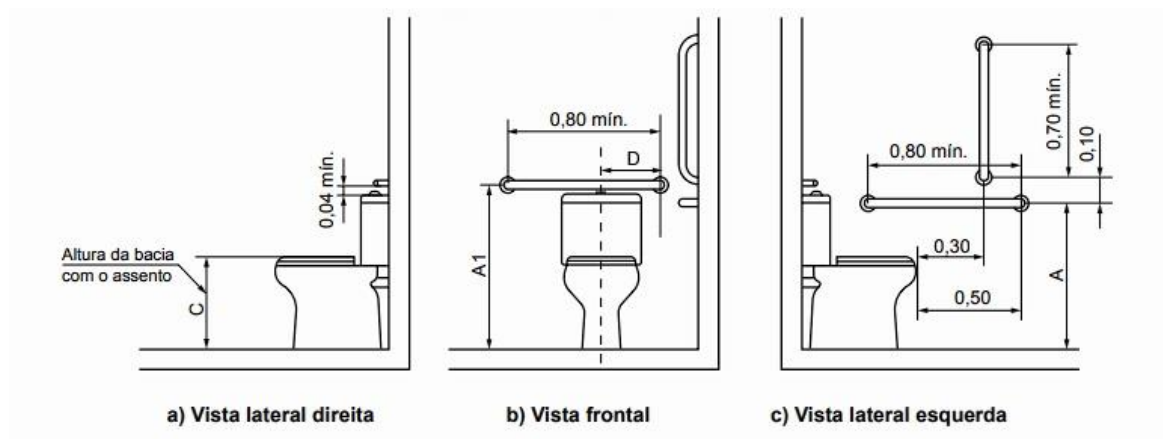
Figura 51 - Exemplo de banheiro acessível da NBR 9050.



Fonte: NBR 9050/2020 (2015, P. 85)

Além disso, foram respeitadas as alturas determinadas na norma, para as barras de apoio: horizontais, colocadas a no máximo 0,89 m de distância do piso, obedecendo a distância de pelo menos 0,04 m da descarga, e as verticais, implantadas a 0,10 m das barras horizontais, como pode ser visto na Figura 52, os sanitários devem ter entre 0,43 m e 0,45 m de altura, e os lavatórios entre 0,78 m e 0,80 m de altura, dotados de barras de apoio.

Figura 52 - Ilustração com indicativos de alturas da NBR 9050.

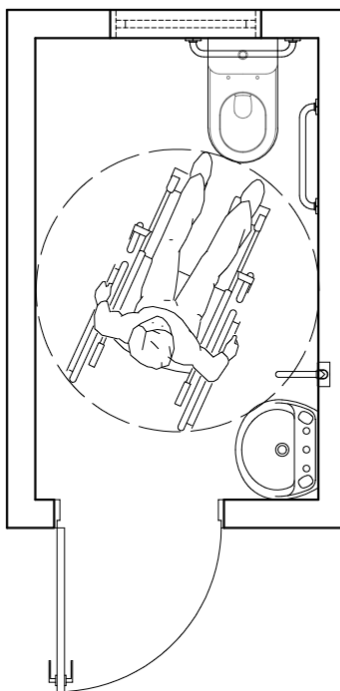


Fonte: NBR 9050/2020 (2015, p. 93)

Todas as portas do projeto seguiram o disposto no item 6.11.2 da NBR 9050/2020, tendo todas como largura mínima 0,80 m e altura de 2,10 m, além disso, nos banheiros conforme o

item 6.11.2.7, a abertura das portas ocorre para fora dos ambientes, conforme a planta baixa dos banheiros acessíveis, visto na Figura 53.

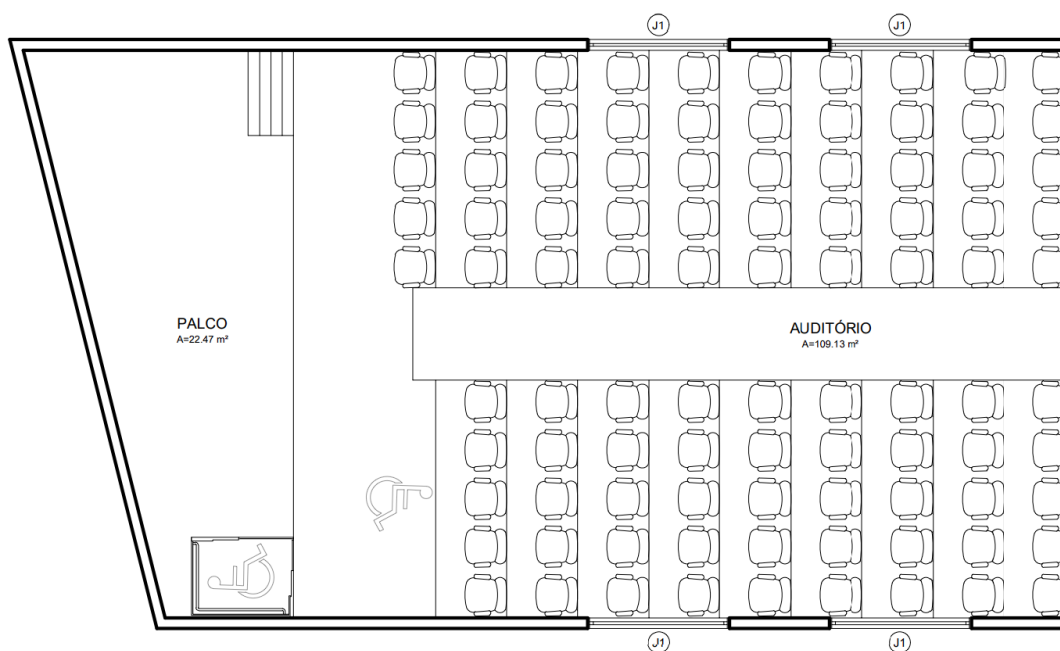
Figura 53 - Banheiro acessível do projeto, sem escala.



Fonte: autor (2022)

No auditório do centro cultural foi implantado uma plataforma elevatória vertical, prevista no item 6.10.3 da NBR 9050/2020, para que pessoas com deficiência locomotora possam subir ao palco, como pode ser visto na Figura 54.

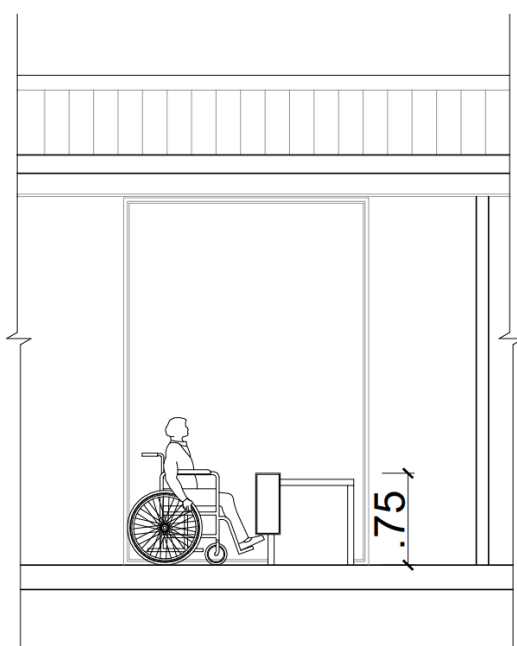
Figura 54 - Palco do auditório com plataforma elevatória vertical.



Fonte: autor (2022)

O balcão da recepção foi projetado seguindo o disposto no item 9.3 da norma, mesas e superfícies, na qual indica que esses elementos devem ter altura de no mínimo 0,73m, no projeto foi utilizado 0,75m, além disso é indicado que as mesas do café e de demais atividades sigam o estabelecido nesse item, conforme a Figura 55.

Figura 55 - Corte esquemático da bancada de recepção, sem escala.



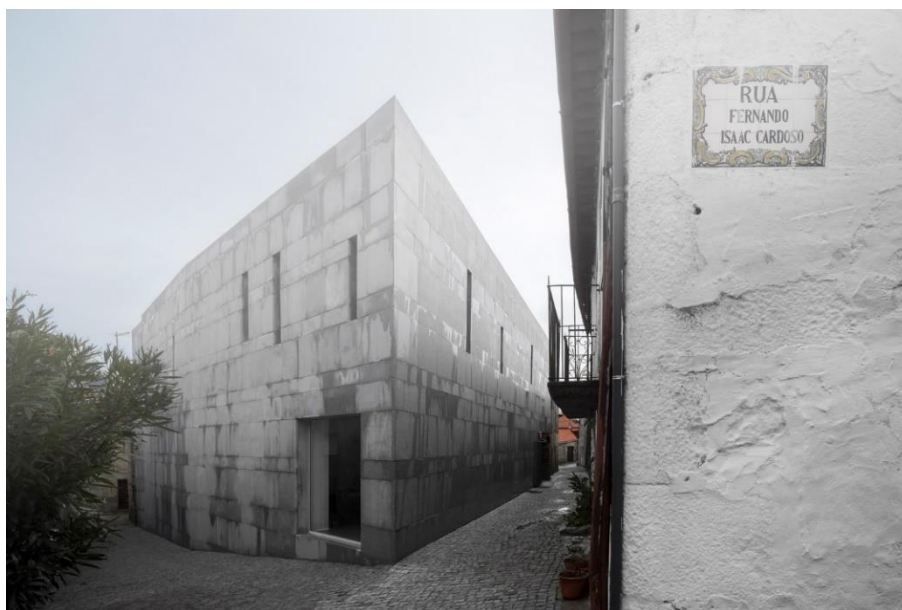
Fonte: autor (2022)

4.5 Referências projetuais

4.5.1 Centro de interpretação da cultura judaica Isaac Cardoso

O centro cultura de interpretação da cultura judaica Isaac Cardoso, Figura 56, localiza-se na cidade de Trancoso em Portugal, o projeto data do ano de 2012 e teve como escritório de arquitetura responsável pelo desenvolvimento Gonçalo Byrne Arquitectos, Lda (ARCHDAILY, 2014).

Figura 56 - Vista do Centro de interpretação da cultura judaica Isaac Cardoso.

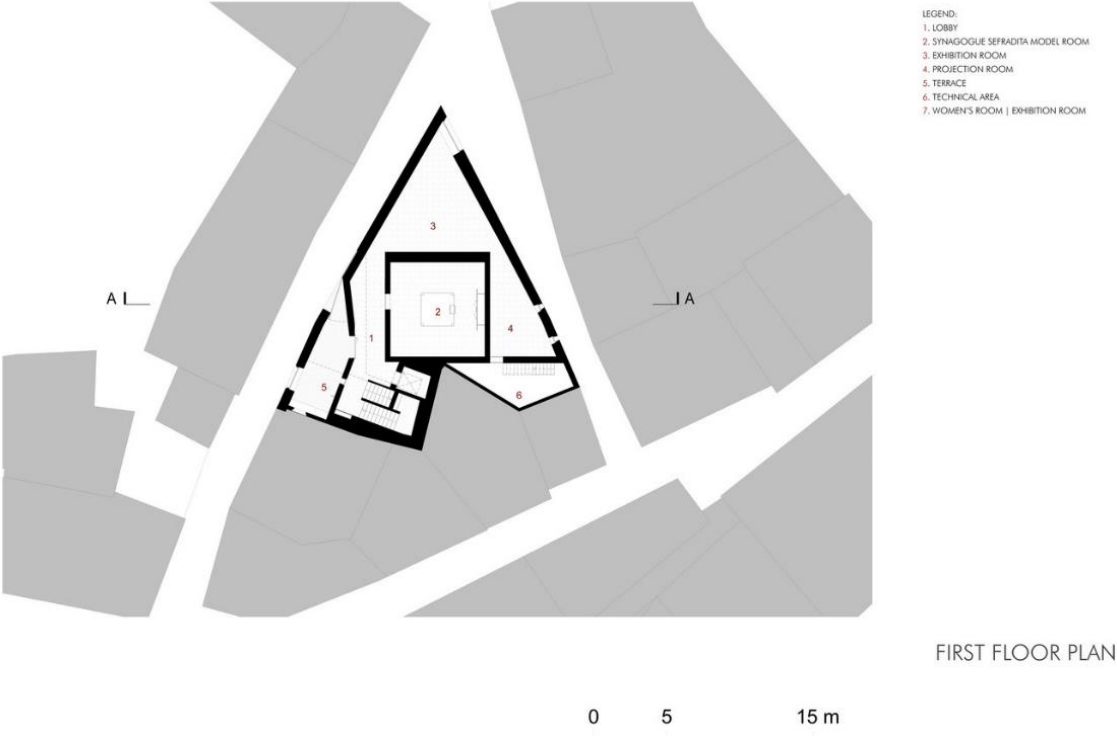


Fonte: ArchDaily (2014)

O projeto conta com 500 m², distribuídos em dois pavimentos, e possui a seguinte composição de ambientes: Lobby, Sinagoga modelo sefardita, sala de exibição, sala de projeção, sala destinada a mulheres, terraço e área técnica, como se pode observar na Figura 57 e Figura 58 (ARCHDAILY, 2014).

O pavimento térreo do projeto conta com o lobby o qual está integrado às salas de exibição e de projeção, como também dá acesso ao terraço, o elemento destaque da edificação concentra-se na sinagoga do tipo sefardita, ambiente central da edificação(Figura 57), já o segundo pavimento da continuidade às salas de exibição e projeção, tendo como diferencial o espaço destinado às mulheres, apresentado na Figura 58 (ARCHDAILY, 2014).

Figura 57 - Planta baixa do primeiro pavimento



Fonte: ArchDaily (2014)

Figura 58 - Planta baixa do segundo pavimento



Fonte: ArchDaily (2014)

Segundo o portal ArchDaily (2014), o local onde a edificação está localizada pertencia a uma antiga vila medieval fortificada, a qual era conhecida por judiaria de Trancoso, o lote que recebeu a edificação estava em ruínas e se localizava em uma esquina, sendo esse o ponto de partida para a elaboração do projeto, propondo sua volumetria reforçando a marca da esquina por meio de um ângulo agudo que divide duas ruas estreitas, que por sua vez tem um simbolismo ligado a cultura urbana judaica.

O material principal utilizado no projeto é o granito, o arquiteto responsável utilizou uma abordagem de aberturas que possibilita a iluminação interna dos ambientes e ventilação natural, como também, impede a percepção interna do centro cultural a partir da visibilidade externa, seguindo assim as características das construções judaicas presentes na região, como pode ser apresentado na Figura 59 (ARCHDAILY, 2014).

Figura 59 - Vista interna da edificação



Fonte: ArchDaily (2014)

4.5.2 Centro Cultura Midrash

O Centro Cultural Midrash, Figura 60, localiza-se na cidade do Rio de Janeiro e tem como escritório de arquitetura responsável pelo desenvolvimento Isay Weinfield, o projeto data

do ano de 2009, e tem como objetivo principal promover um espaço de ensino, debate e discussão da tradição judaica por meio da literatura, arte, política (ARCHDAILY, 2015).

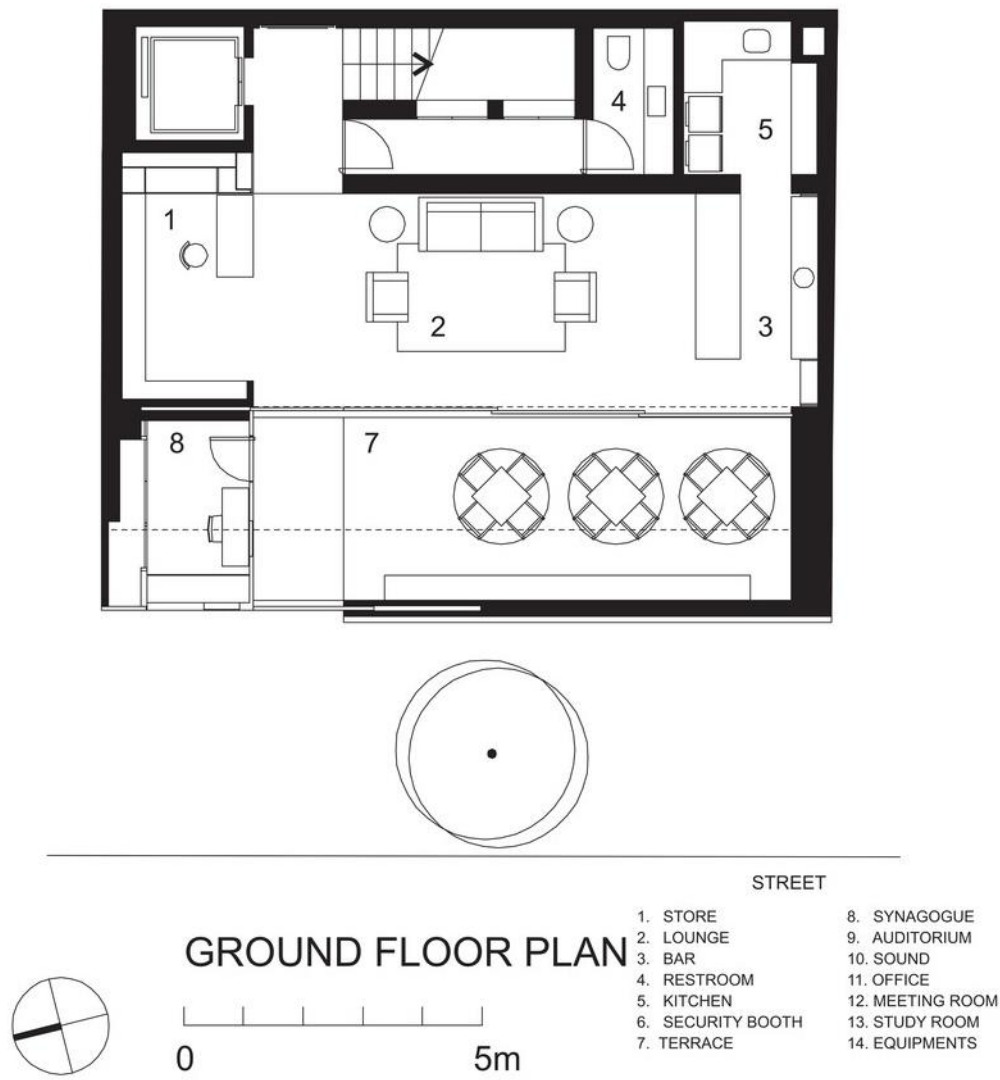
Figura 60 - Vista da fachada principal do Centro Cultural Midrash



Fonte: ArchDaily (2015)

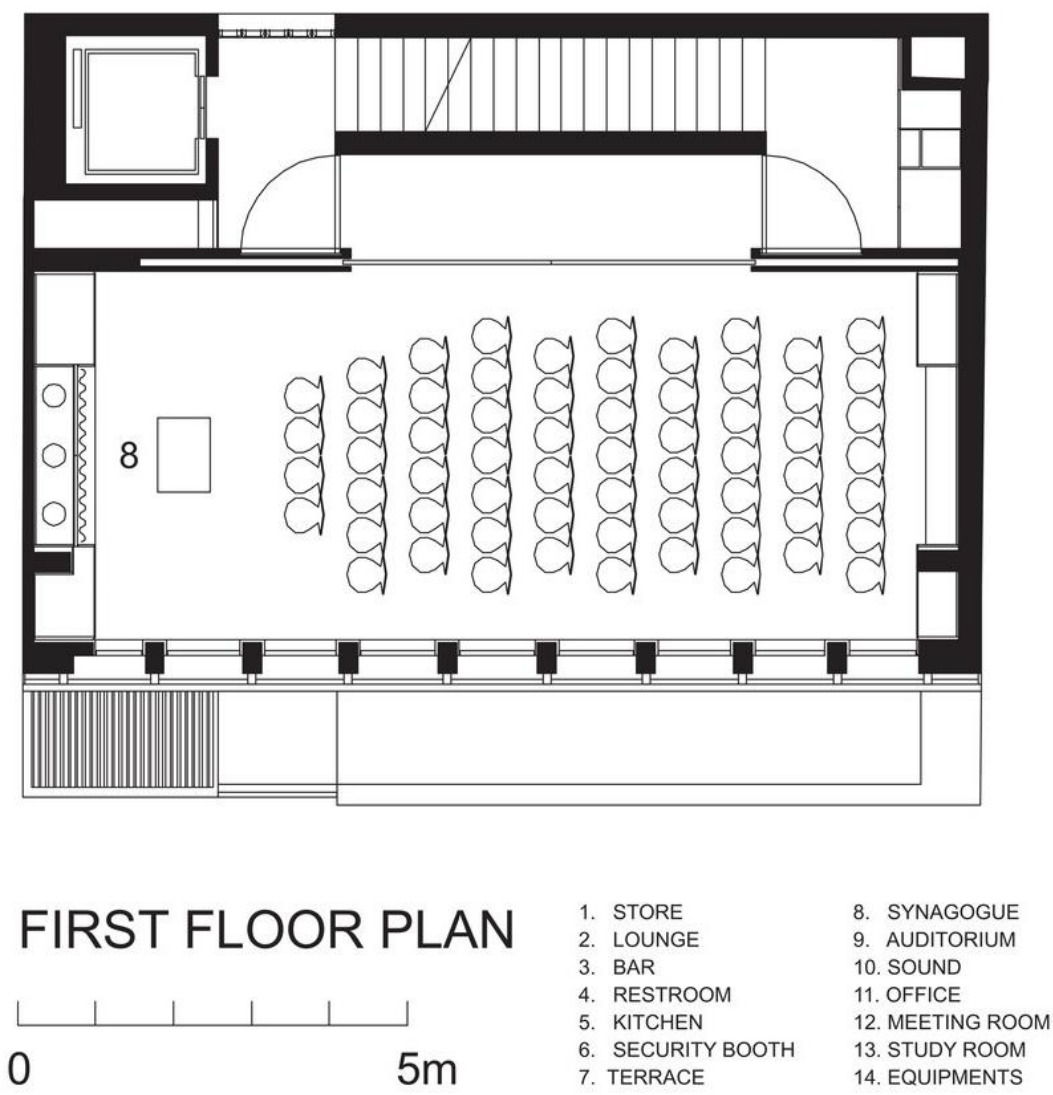
O projeto conta com o seguinte conjunto de espaços: loja, lounge, restaurante, cozinha, sala de segurança, terraço integrado com área de espera, espaço litúrgico composto por uma sinagoga, auditório, salas de aula, espaço administrativo e uma cobertura composta por terraço que pode ser utilizado para realização de atividades, observados nas Figuras 61 a 65 (ARCHDAILY, 2015).

Figura 61 - Planta baixa pavimento térreo.



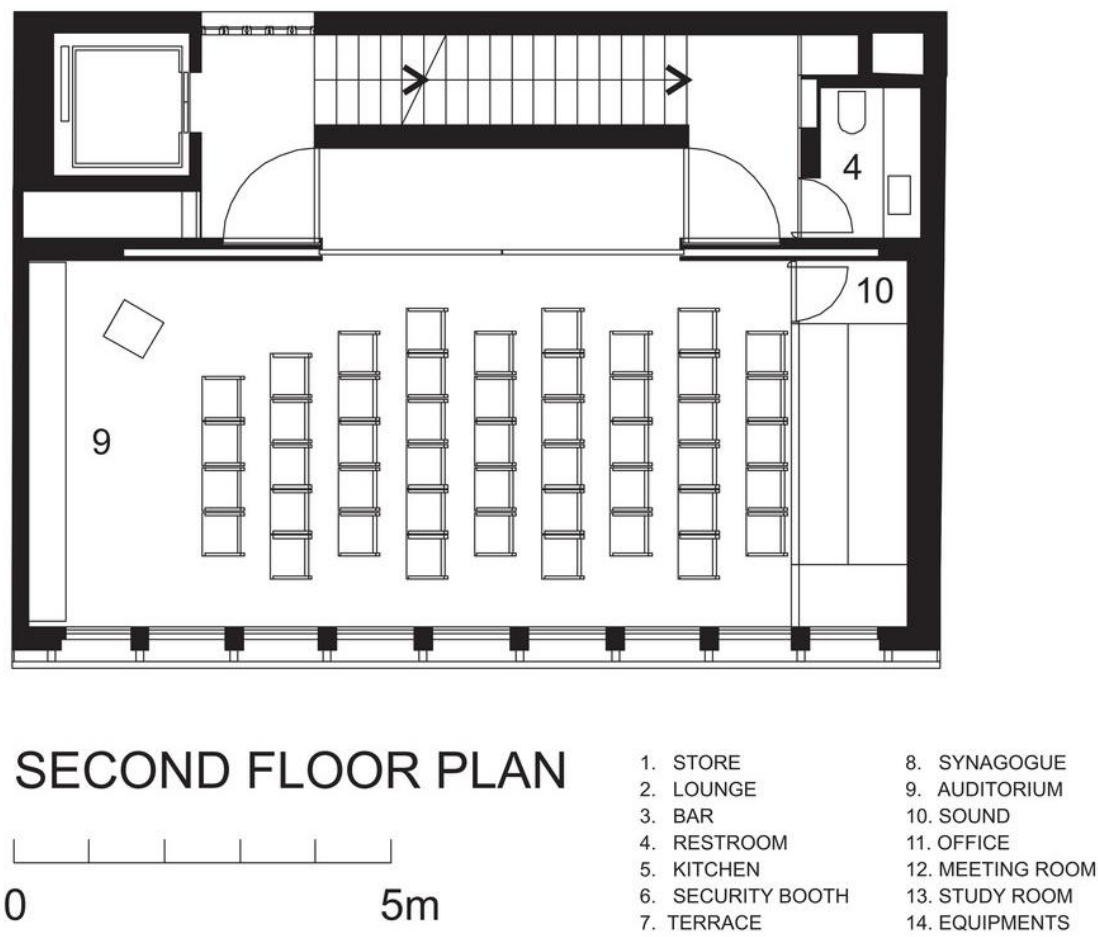
Fonte: ArchDaily (2015)

Figura 62 - Planta baixa primeiro pavimento.



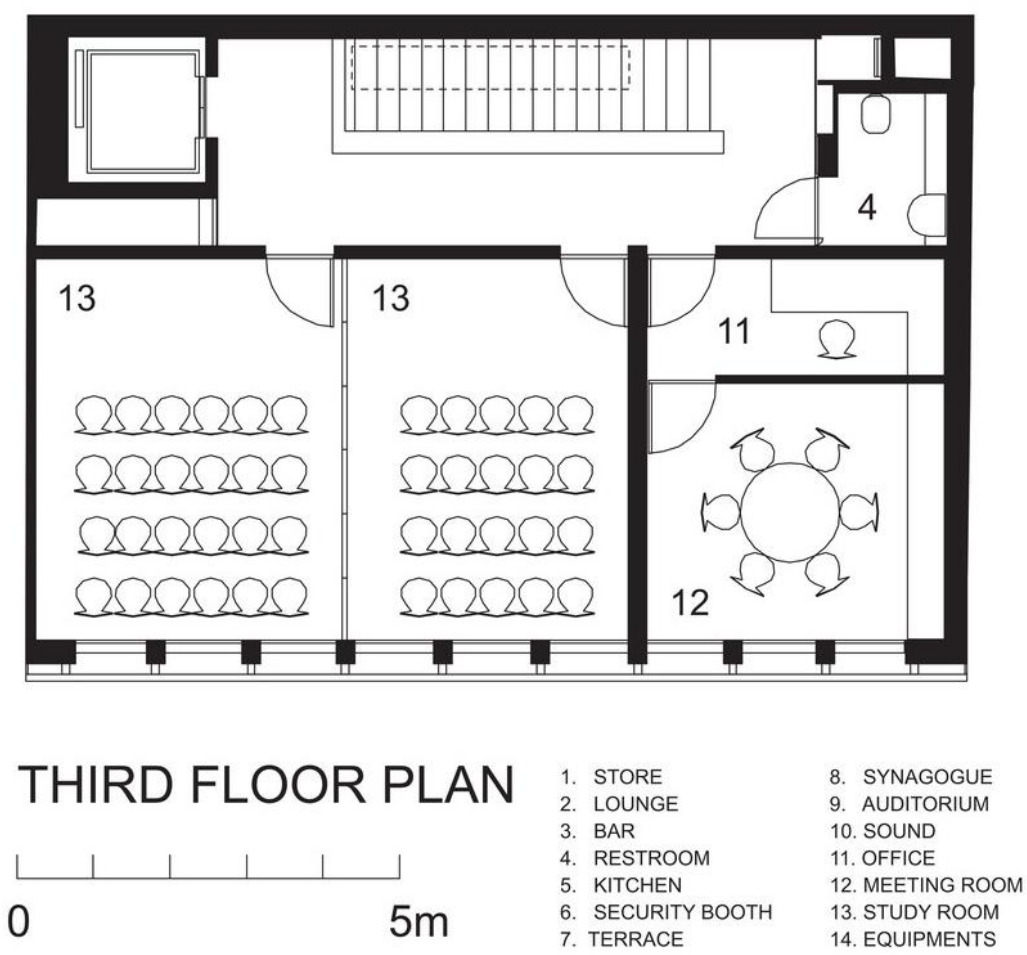
Fonte: ArchDaily (2015)

Figura 63- Planta baixa segundo pavimento.



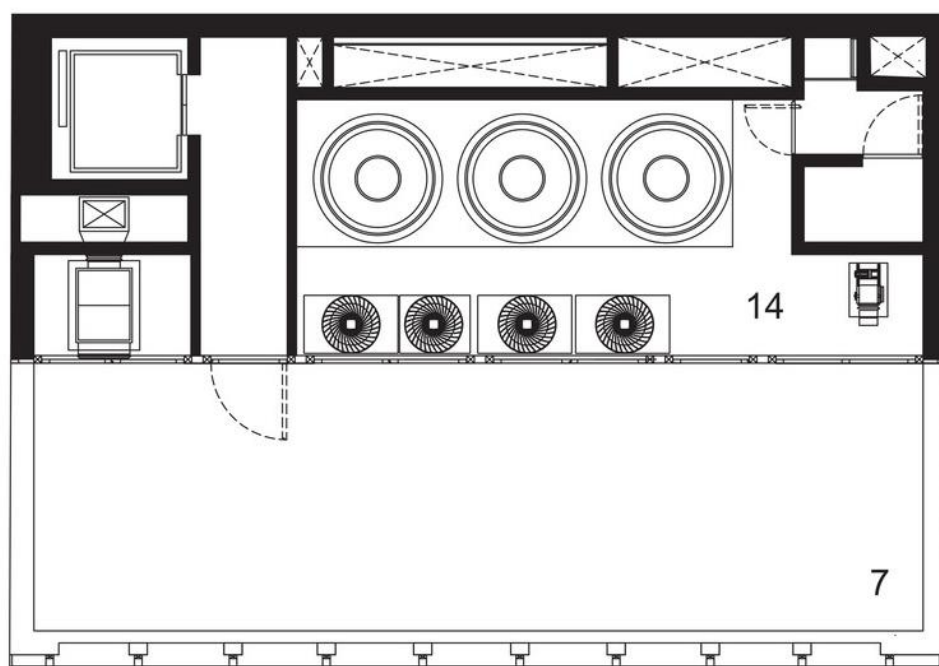
Fonte: ArchDaily (2015)

Figura 64 - Planta baixa terceiro pavimento.



Fonte: ArchDaily (2015)

Figura 65 - Planta baixa quarto pavimento.



FOURTH FLOOR PLAN



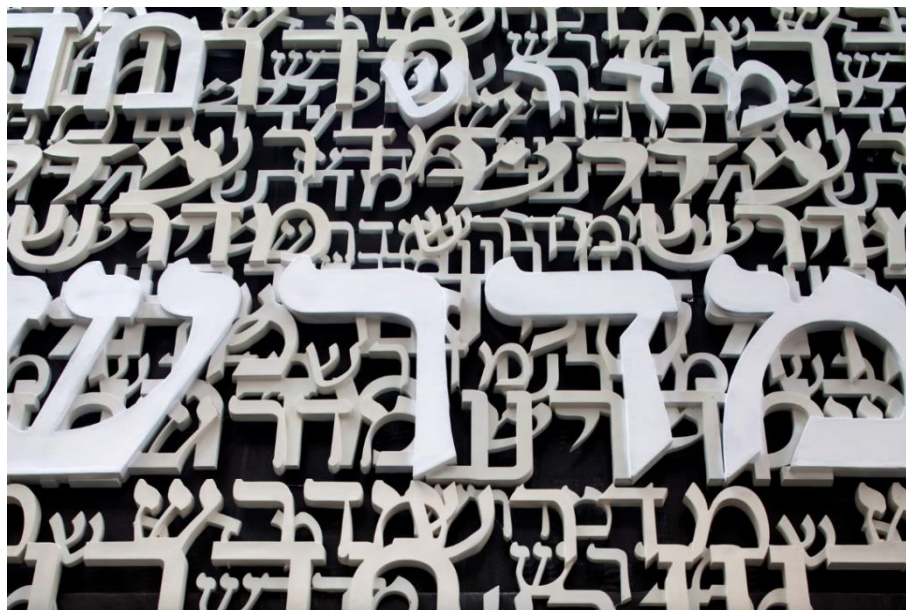
- | | |
|-------------------|------------------|
| 1. STORE | 8. SYNAGOGUE |
| 2. LOUNGE | 9. AUDITORIUM |
| 3. BAR | 10. SOUND |
| 4. RESTROOM | 11. OFFICE |
| 5. KITCHEN | 12. MEETING ROOM |
| 6. SECURITY BOOTH | 13. STUDY ROOM |
| 7. TERRACE | 14. EQUIPMENTS |

Fonte: ArchDaily (2015)

A edificação é dividida em quatro pavimentos, sendo cada um desses, responsáveis por uma atividade específica do centro cultural, sendo o primeiro o pavimento térreo responsável pela interação social e alimentação, o primeiro pavimento se concentra o espaço litúrgico, o segundo pavimento conta com o auditório, o terceiro pavimento é onde está localizado as salas de estudo e reuniões (ARCHDAILY, 2015).

A fachada da edificação é composta por letras hebraicas feitas a partir de fibra de vidro, distribuídas em tamanho e sobreposição, juntas sempre formam a palavra em hebraico *midrash* que significa buscar sentido, como pode ser visto na Figura 66 abaixo (ARCHDAILY, 2015).

Figura 66 - Vista do detalhe da fachada principal.



Fonte: ArchDaily (2015)

4.5.3 Museu do Holocausto e dos Direitos Humanos de Dallas

O museu (Figura 67) está localizado na cidade de Dallas, no estado do Texas nos Estados Unidos, o projeto data do ano de 2019 e tem como escritório de arquitetura responsável o OMNIPLAN (ARCHDAILY, 2019).

Figura 67 - Vista do Museu do Holocausto e dos Direitos Huamnno de Dallas

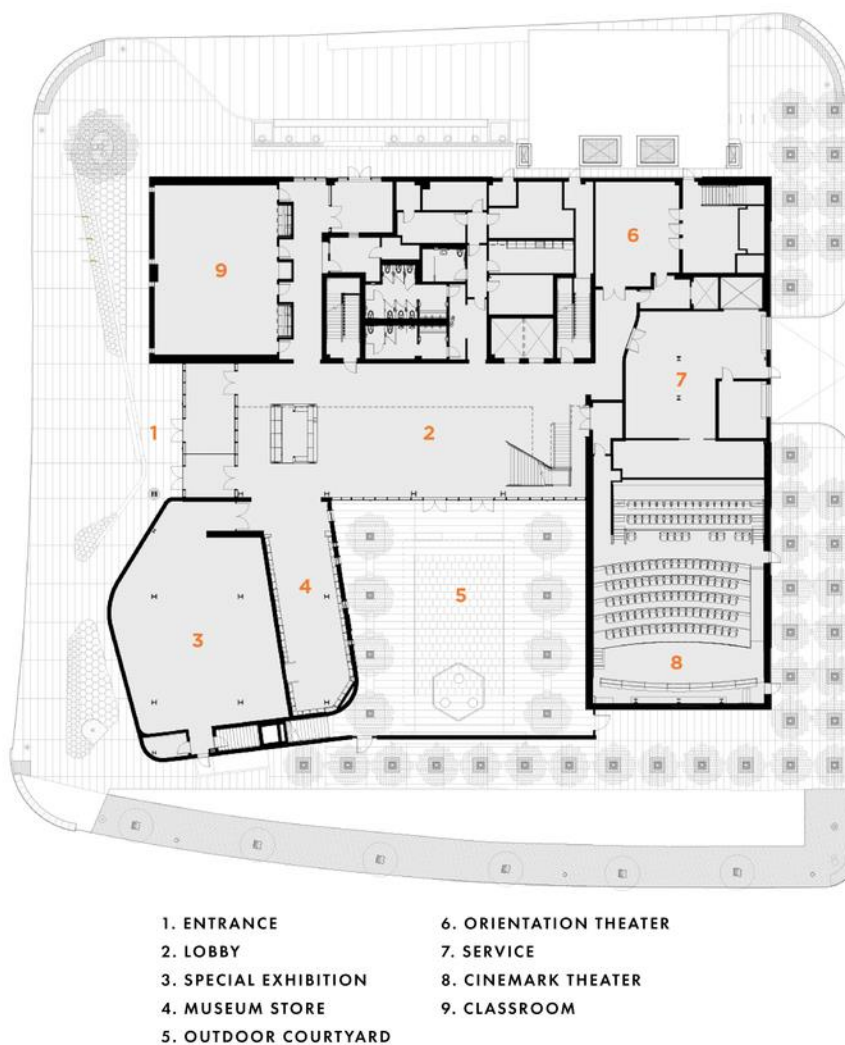


Fonte: ArchDaily (2019)

O conjunto de ambientes que compõe a edificação conta com: entrada, lobby, exposições permanentes e temporárias, loja, pátio, cinema, sala de aula, auditório, terraço e setor administrativo, ao todo, o projeto conta com três pavimentos e possui uma de área total de 4.850m², observados nas Figuras 68 a 70 (ARCHDAILY, 2019).

Figura 68 - Planta baixa primeiro.

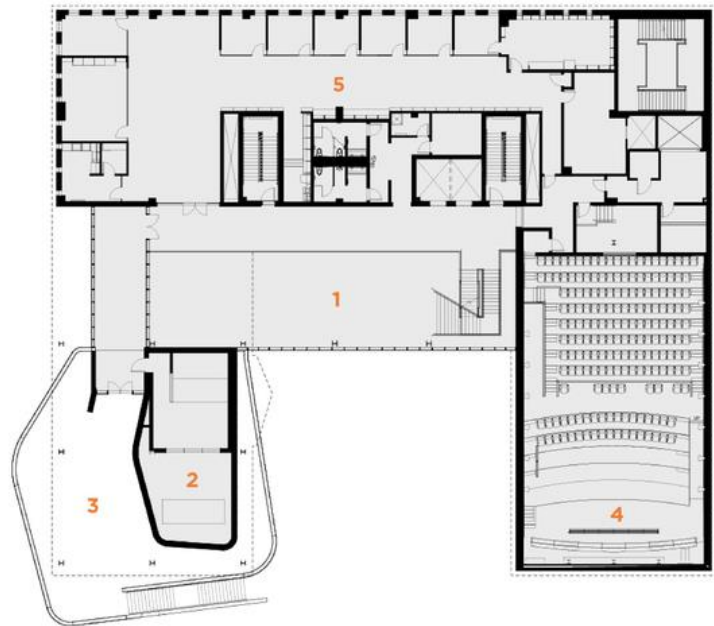
FIRST FLOOR



Fonte: ArchDaily (2019)

Figura 69 - Planta baixa segundo pavimento.

SECOND FLOOR

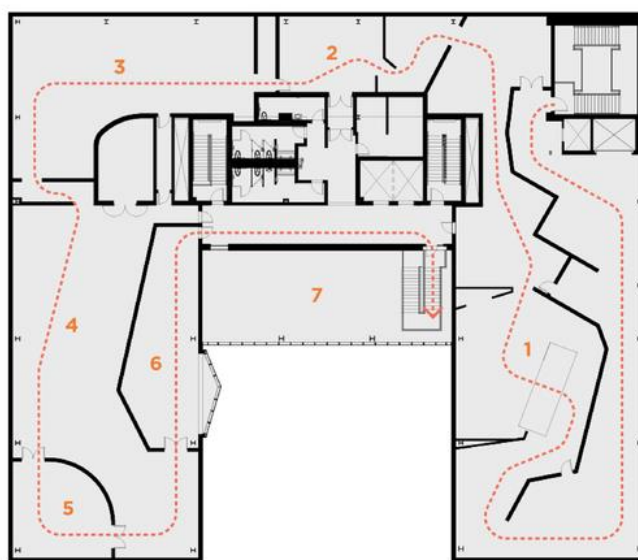


- | | |
|---------------------------------------|---------------------|
| 1. LOBBY (OPEN TO BELOW) | 3. OUTDOOR TERRACE |
| 2. DIMENSIONS IN
TESTIMONY THEATER | 4. CINEMARK THEATER |
| | 5. ADMINISTRATION |

Fonte: ArchDaily (2019)

Figura 70 - Planta baixa terceiro pavimento

THIRD FLOOR



- | | |
|-----------------------------|----------------------------------|
| 1. SHOAH EXHIBIT | 5. BEYOND TOLERANCE THEATER |
| 2. HUMAN RIGHTS EXHIBIT | 6. MEMORIAL & REFLECTION GALLERY |
| 3. GENOCIDE EXHIBIT | 7. LOBBY (OPEN TO BELOW) |
| 4. PIVOT TO AMERICA EXHIBIT | |

Fonte: ArchDaily (2019)

De acordo com as informações fornecidas pelo escritório OMNIPALN ao portal ArchDaily (2019), o projeto tem como objetivo lembrar e ensinar acerca da história do holocausto e promover os direitos humanos, utilizando a arquitetura como meio de: educação, conscientização, reflexão e transformação, expressando as consequências dessa época, e influenciando a sociedade a favor de mudanças.

Uma das principais características do projeto é o não uso de aberturas nas áreas expositivas, fazendo com que o visitante tenha umas experiências de submersão nas exposições e não se distraia com interferências externas, fazendo com que haja uma priorização dos temas e o esquecimento da vida cotidiana, como observado na Figura 71, para isso, os arquitetos

utilizaram além das salas isoladas, as exposições interativas, a visita termina na sala de reflexão, único momento e espaço com o qual o usuário do espaço tem contato com a luz natural, Figura 72 (ARCHDAILY, 2019).

Figura 71 - Vista interna do museu.



Fonte: ArchDaily (2019)

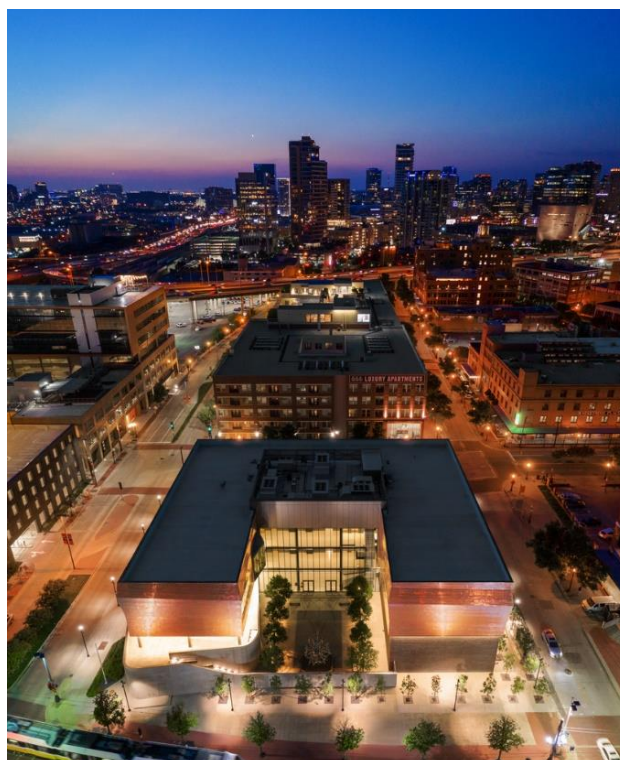
Figura 72 - Sala de reflexão.



Fonte: ArchDaily (2019)

É importante também destacar que projeto está voltado à sustentabilidade, utilizando instrumentos hidráulicos eficientes, materiais internos e externos reutilizáveis, dando destaque ao cobre, o qual tem uma longa vida útil, e a implantação de vegetação que se adapta à seca, além disso, utilizando-se de sua localização, o projeto incentiva os meios de transportes alternativos como trem e ônibus, possuindo ainda bicicletários e provisões para veículos eficientes (ARCHDAILY, 2019).

Figura 73 - Vista geral do museu.



Fonte: ArchDaily (2019)

4.5.4 Museu da história dos judeus poloneses

O museu da história dos judeus poloneses, Figura 74, localiza-se em Varsóvia, na Polônia, o projeto data do ano de 2013, e teve como escritórios de arquitetura responsáveis pelo desenvolvimento Kuryłowicz & Associates e Lahdelma & Mahlamäki (ARCHDAILY, 2013).

Figura 74 - Vista da fachada principal do museu

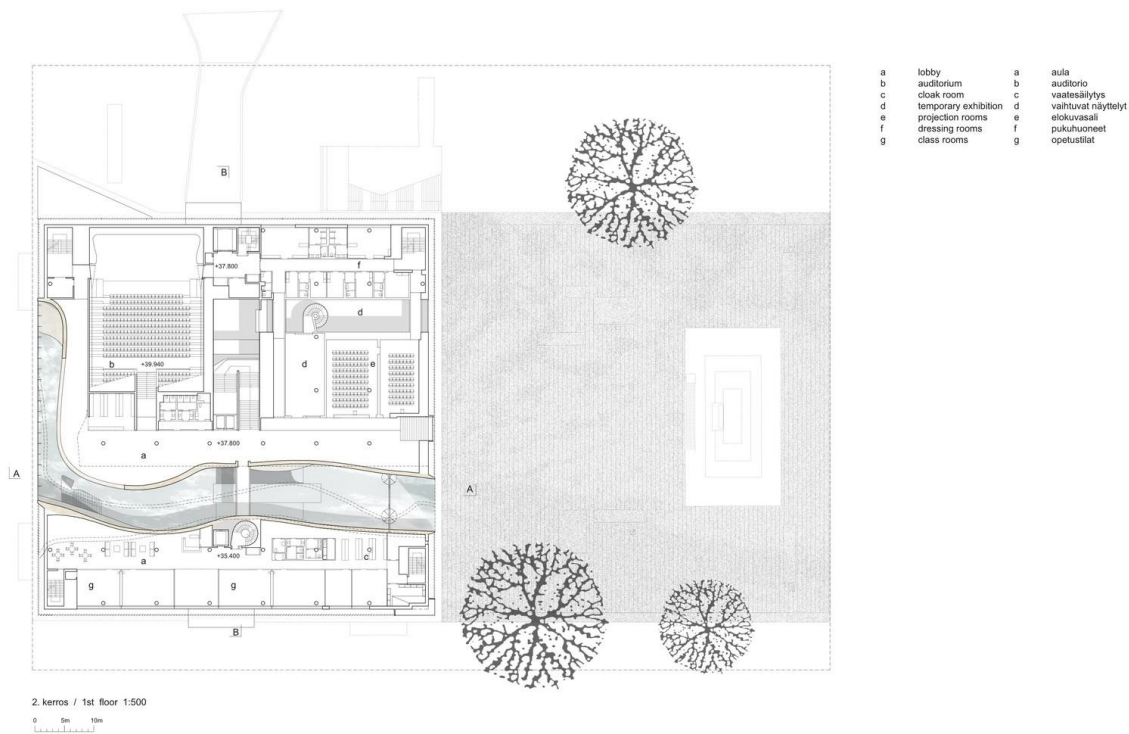


Fonte: ArchDaily (2013)

De acordo com o portal ArchDaily (2013), o projeto nasceu de um concurso internacional destinado a produção de um museu dedicado aos judeus poloneses, no ano de 2005, tendo em vista que o interesse da população acerca da história e da cultura judaica havia aumentado consideravelmente, o projeto teve como objetivo norteador a produção de um espaço multifuncional envolvendo pesquisa e exposição da herança, educação e cultura judaica.

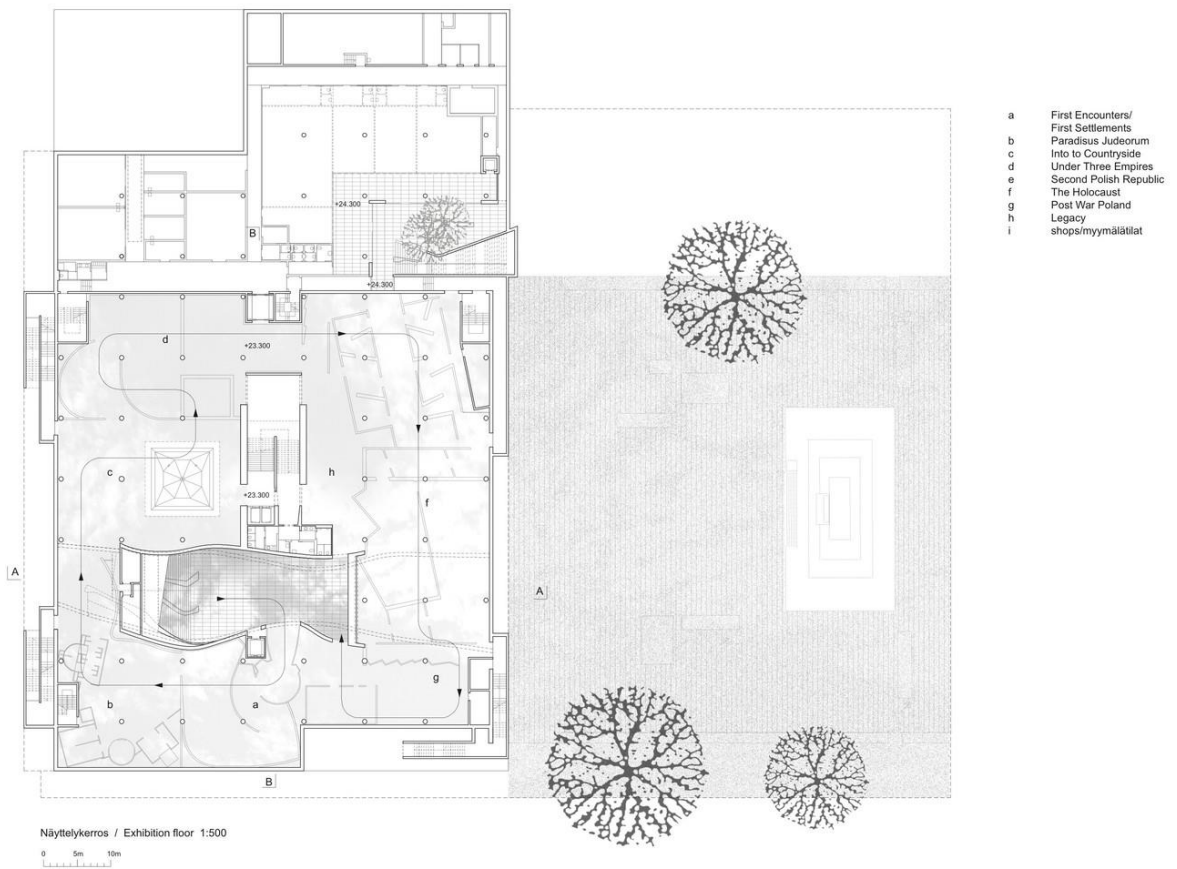
Os ambientes que compõe a edificação são: lobby, auditório, exposições permanente e temporária, sala de projeção, sala de aula, restaurante, café, sala infantil, loja, livraria, escritório, sala de tradutores e área técnica, distribuídos em uma área total de 18.300 m², podem ser observados nas Figuras 75 a 78 (ARCHDAILY, 2013).

Figura 75 - Planta baixa primeiro pavimento



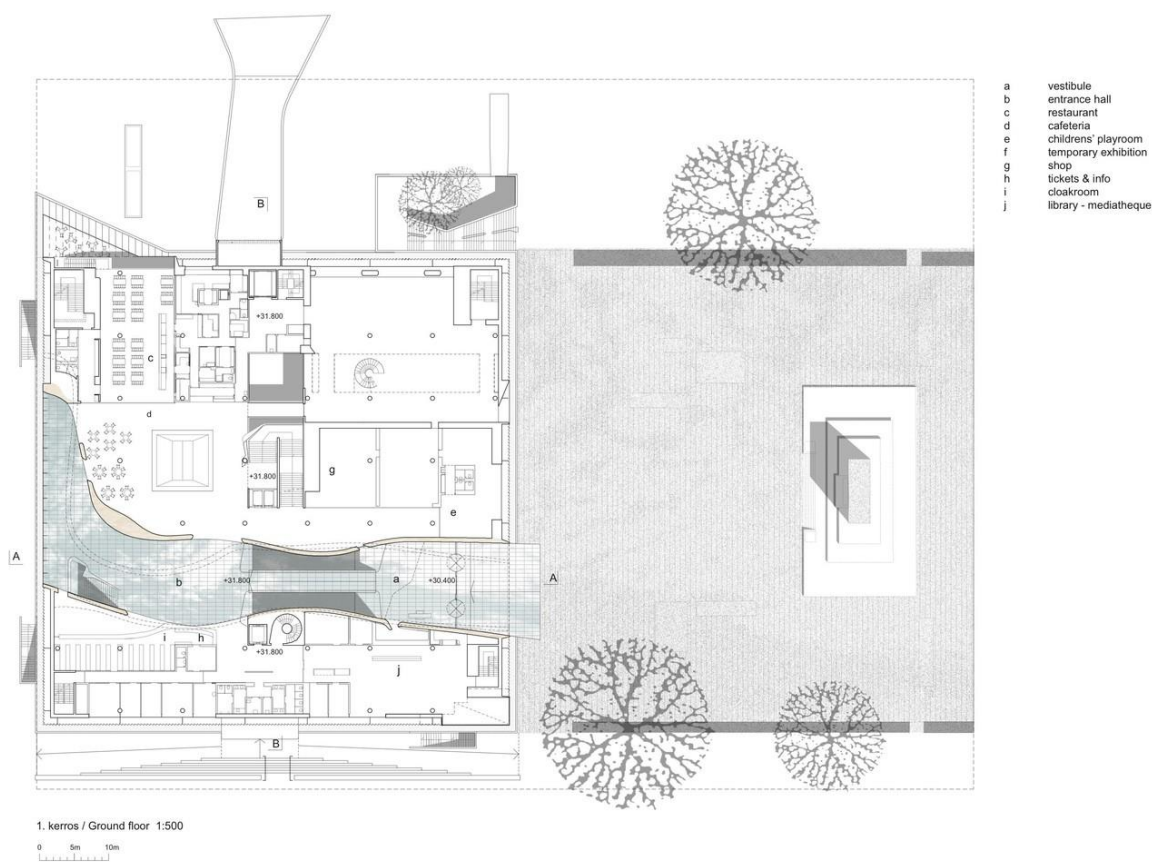
Fonte: ArchDaily (2013)

Figura 76 - Planta baixa segundo pavimento.



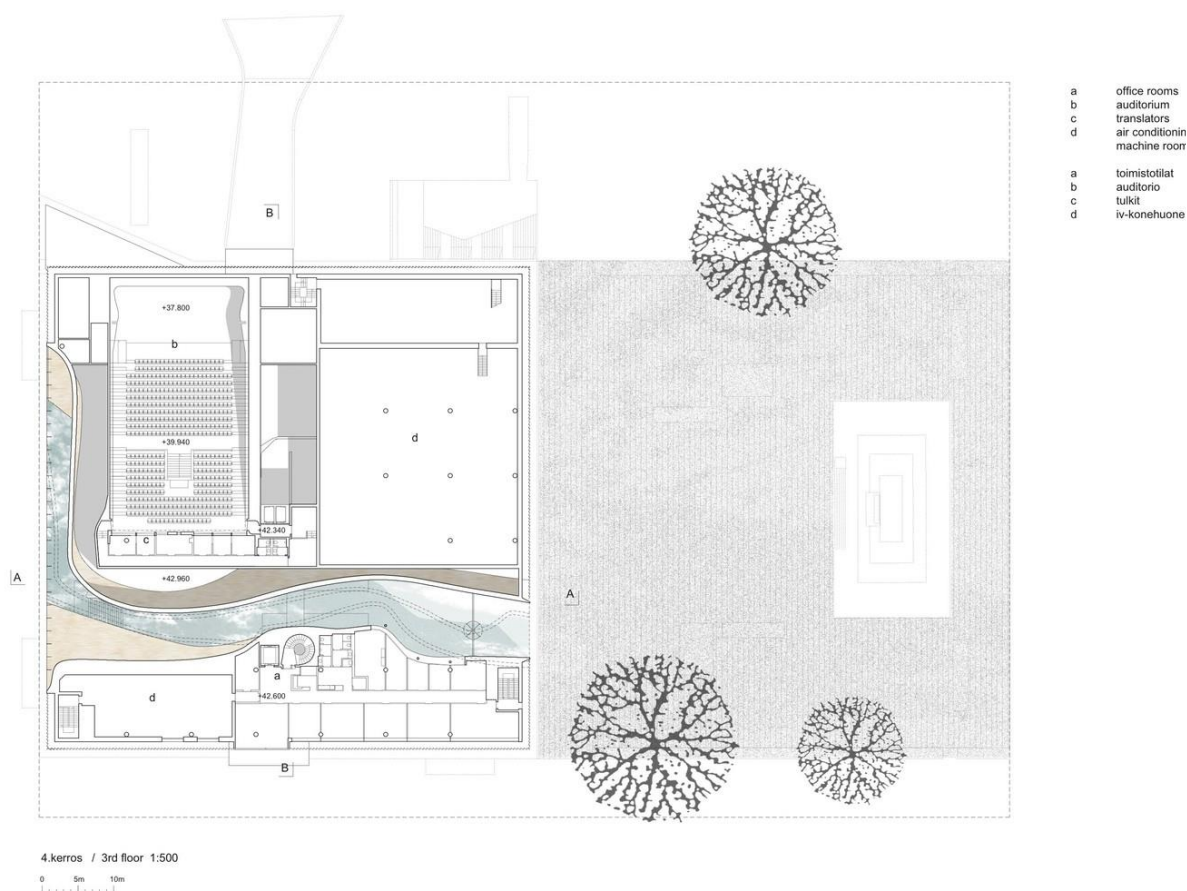
Fonte: ArchDaily (2013)

Figura 77 - Planta baixa terceiro pavimento



Fonte: ArchDaily (2013)

Figura 78 - Planta baixa quarto pavimento.



Fonte: ArchDaily (2013)

O elemento destaque do projeto é o salão principal de exibição com 5.000 m², observada na figura 76, que aborda diversas épocas da história dos judeus da Polônia, desde a época medieval até a atualidade, dando destaque a época do holocausto, segundo os arquitetos responsáveis pelo projeto, a inspiração deste ambiente surgiu das escrituras sagradas do antigo testamento, como também, a composição do ambiente remonta a fenômenos universais e da natureza (ARCHDAILY, 2013).

Os estudos de referência serviram para tomada de decisões durante o processo de desenvolvimento projetual, utilizando-se de soluções apresentadas para implementação no projeto e resolução de eventuais problemáticas, além disso, por meio destes foi possível realizar a definição do programa de necessidades, como também, de materiais utilizados no anteprojeto do Centro Cultural de história judaica para Catolé do Rocha – PB, para melhor compreensão foi elaborado um quadro resumo, na tabela abaixo, contendo as soluções apresentadas nos

estudos de referência e as inspirações proporcionadas para utilização no desenvolvimento do anteprojeto do centro cultural.

Tabela 3 - Tabela resumo de soluções projetuais

Quadro resumo de soluções projetuais		
Centro de interpretação da cultura judaica Isaac Cardoso	Solução utilizada no projeto de referência.	Utilização no desenvolvimento do anteprojeto.
	Integração do setor expositivo com demais ambientes.	O setor expositivo é o ponto central de encontro dos demais ambientes.
	Acesso do lobby para salas de exibição.	O lobby do centro cultural e setor expositivo foram integrados.
	Isolamento do setor expositivo da curiosidade externa.	O ambiente expositivo do centro cultural está na parte posterior da edificação, de forma isolada
Centro Cultura Midrash	Objetivos do espaço: ensino, debate e discussão da tradição judaica.	Na proposta de ambientes, levou-se em conta esses princípios, são exemplares: sala de aprendizado, oficina de música e auditório.
	Terraço composto por uma área externa livre dedicada a atividades diversas ao ar livre.	Proposta de um parque na área externa para realização de atividades culturais ao ar livre.
	Atividade separada por pavimento.	Atividade separada por zoneamento.
	Utilização de simbolismo judaico na fachada da edificação.	Implantação de um trecho da principal oração judaica na fachada da edificação.

Museu do Holocausto e dos Direitos Humanos de Dallas	Arquitetura como meio de conscientização acerca de uma época histórica.	Arquitetura como meio de conscientização acerca de uma época histórica.
	Não utilização de aberturas no setor expositivo para melhor concentração do público nos materiais da apresentação.	Não utilização de aberturas no setor expositivo para melhor concentração do público nos materiais da apresentação.
	Preocupação com a sustentabilidade, por meio da utilização de materiais sustentáveis e paisagismo com arborização com pouca demanda hídrica.	Indicação de materiais sustentáveis em todos os elementos do projeto e utilização de arborização com pouca demanda hídrica.
Museu da história dos judeus poloneses	Arquitetura como meio de assessorar a comunidade em relação a um assunto importante e em ascensão.	Arquitetura como meio de assessorar a comunidade em relação a um assunto importante e em ascensão.
	Utilização de monumentos na zona externa voltados à comunidade judaica.	Indicação de zona livre para receber monumentos de artistas judeus.
	Proposta de um espaço multifuncional.	Proposta de um espaço multifuncional.
	Utilização de tons arenosos nos revestimentos internos da edificação.	Utilização de tons arenosos na paleta de cores do projeto.

Fonte: autor (2022)

4.6 Programa de necessidades e pré-dimensionamento.

O programa de necessidades foi elaborado e idealizado levando em conta os espaços abertos ao público e setores administrativos que compõe um centro cultural, definindo-os a partir dos ambientes em comum descritos nos estudos de referência, notadamente indispensáveis para produção de um projeto desta natureza, como também, os adaptando e

incluindo espaços julgados importantes para a composição do projeto, de acordo com a realidade e com o porte da proposta, conforme apresentado a seguir:

- Estrutura administrativa composta por: diretoria, secretaria, curadoria, tesouraria, sala de conservação, sala de reuniões, sala de funcionários, copa para funcionários, banheiros, segurança, depósito, depósito de material de limpeza, almoxarifado.
- Lobby: foi pensado como uma área de estar, no qual o usuário do espaço possa ser acolhido. O local contará com um café e uma loja para fins de complementação econômica do espaço.
- Área de exposição: esse local conterá exposições fixas e especiais (temporárias) voltadas para a disseminação e perpetuação da cultura judaica, buscando aproximar a comunidade com essa cultura, buscando compreender costumes que a circundam, neste ambiente, inspirado no estudo de referência do Museu do Holocausto e dos Direitos Humanos de Dallas, optou-se pela não utilização de aberturas, fazendo assim com que o visitante esteja com a atenção totalmente voltada para as exposições, sem interferência exterior.
- Salas de aula: esses ambientes foram elencados como espaços de aprendizado, onde poderão ser ministrados palestras e cursos, dentro da temática da cultura judaica, como também voltados para questão cultural e educacional, como oficinas de música, seguindo o exemplo dos programas de necessidades dos estudos de referência: Centro Cultural Midrash, Museu dos Judeus Poloneses e Museu do Holocausto e dos Direitos Humanos de Dallas.
- Auditório: o auditório foi proposto para realização de eventos, palestras, peças de teatro, como também servirá de apoio para a comunidade, levando em conta a carência desse tipo de espaço na cidade.
- Os banheiros da edificação serão acessíveis, respeitando as normativas da NBR 9050/2020, tanto para o público quanto para funcionários.
- Biblioteca: esse local será voltado para o estudo e para o contato com materiais, livros e documentos que abordam a temática judaica.
- Sala infantil: esse espaço será dedicado ao ensino de crianças, por meio de atividades lúdicas acerca da temática judaica. Esse ambiente foi inspirado na sala infantil contida no estudo de referência do Museu dos Judeus Poloneses.

- Loja e Café: esses ambientes foram incluídos no programa de necessidades como instrumentos de suporte financeiro da edificação, auxiliando economicamente nas despesas do centro cultural, nesses espaços será possível a exposição da culinária judaica para a população, como também, a venda de souvenirs temáticos.
- Área externa: esse espaço aberto será contemplativo, contará com paisagismo, diversidade de plantas, espaços com monumentos, poderá ser utilizado também para o lazer da comunidade e para o desenvolvimento de atividades ao ar livre.

Tabela 4- Pré-dimensionamento do projeto

ÁREA PÚBLICA	AMBIENTE	ÁREA (M²)
	Lobby	71,92
	Loja	9,84
	Café	17,16
	Banheiro feminino	5,49
	Banheiro masculino	5,49
	Banheiro feminino acessível	3,67
	Banheiro masculino acessível	3,67
	Espaço infantil	27,50
	Biblioteca	48,69
	Exposição	279,26
	Sala de aprendizado	29,65
	Oficina de música	22,23
	Auditório	131,6
	Foyer	74,79
	Banheiro masculino do auditório	5,50
	Banheiro feminino do auditório	5,50
	Banheiro masculino do auditório acessível	3,75

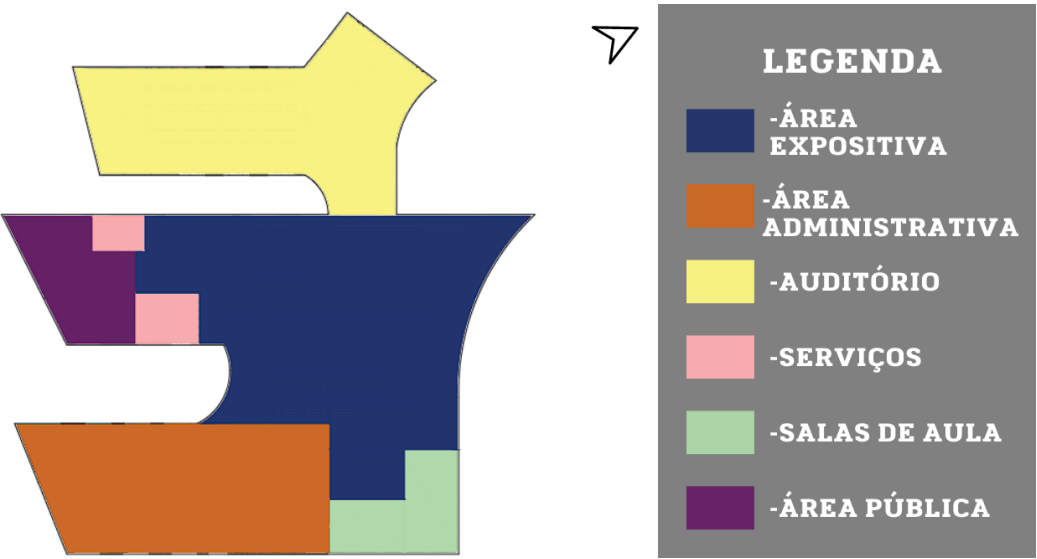
	Banheiro feminino do auditório acessível	3,90
ÁREA ADMINISTRATIVA	Diretoria	19,76
	Segurança	11,11
	Secretaria	11,11
	Curadoria	11,11
	Tesouraria	11,11
	Sala de conservação	15,50
	Sala de reuniões	19,21
	Sala de funcionários	11,11
	Cozinha do café	17,59
	Copa	8,00
	Banheiro masculino	3,16
	Banheiro feminino	3,16
	DML	5,85
	Almoxarifado	5,85
	Depósito	12,72
	Soma total áreas internas	924.48

Fonte: autor (2022)

4.7 Zoneamento e Fluxograma

Para melhor compreensão da dinâmica ambiental da proposta do centro cultural, foi produzido um zoneamento esquemático, mostrando as divisões entre os espaços destinados: ao público, à administração, a serviços comerciais, a salas de aula, a exposição de materiais e auditório, como mostra a Figura 79.

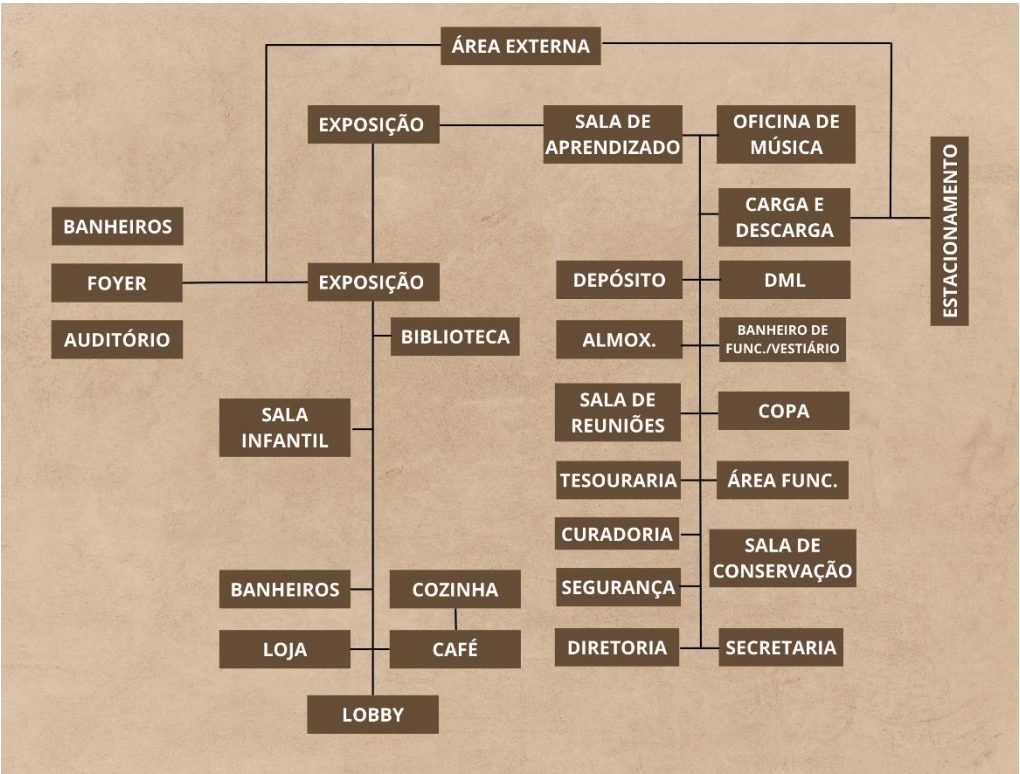
Figura 79 - Zoneamento



Fonte: autor (2022)

Nesse contexto, também foi produzida uma imagem contendo um fluxograma esquemático do projeto, afim de compreender as interligações entre os ambientes do programa de necessidades propostos e a dinâmica de fluxos do projeto, conforme a Figura 80.

Figura 80 - Fluxograma do projeto



Fonte: autor (2022)

4.7 Partido arquitetônico

Após a definição dos ambientes para composição do projeto do Centro Cultural, a realização dos estudos acerca dos B'nei Anussim e da cultura judaica, dos símbolos e costumes que rodeiam esse povo e sua religião, iniciou-se o processo para definição do partido arquitetônico.

A ideia inicial sobre o projeto do Centro Cultural de História Judaica para cidade de Catolé do Rocha – PB, girou em torno da proposição de um espaço que mantivesse viva a memória dos inúmeros judeus que sofreram perseguições no período colonial brasileiro, e se refugiaram nos interiores do sertão nordestino, e dessa perseguição, desenvolveram de forma direta ou indireta a construção física e cultural do Nordeste.

Diante do exposto, por meio de pesquisas acerca dos símbolos que circundam a religião judaica, surgiu a palavra hebraica *chai*, Figura 81, formada pelas letras do alfabeto hebraico *Chet* e *Yud*, essa palavra significa vida, porém, para os adeptos da religião, ela possui um significado mais profundo: o valor da vida, a vontade de viver e proteger a vida.

Figura 81-Palavra hebraica *Chai*



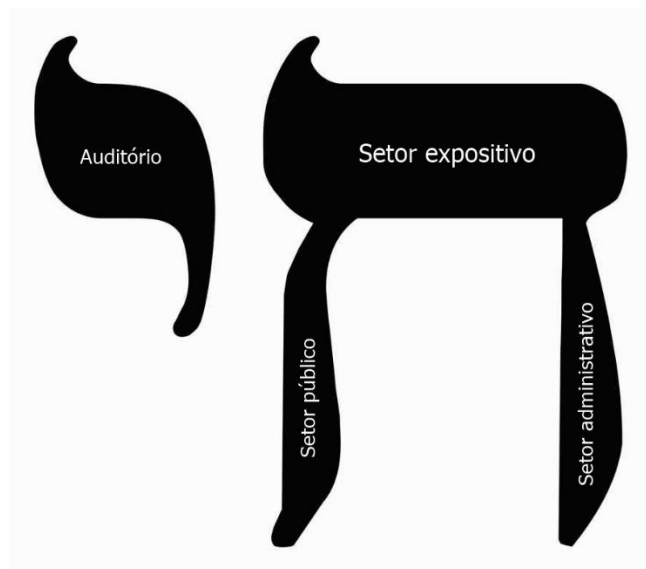
Fonte: NDU (2022)

Outro forte significado atribuído a essa palavra está na frase “*Am Yisrael Chai*” que em português significa “o povo de Israel vive”, esse termo é utilizado como forma de recordar a sobrevivência do povo hebreu de diversas perseguições ao longo de sua história, como a santa inquisição abordada no presente trabalho e o holocausto nazista ocorrido na Europa, no período da segunda guerra mundial (NDU, 2022).

A partir do conceito atribuído a essa importante palavra da cultura judaica, foi definida a forma e volumetria da edificação, levando em conta a grafia que a palavra

apresenta, que ao ser desmontada concentra-se em um primeiro elemento anexo e a três segmentos, a partir dessa composição, surgiu a ideia de dividir os setores macro da edificação, levando em conta o programa de necessidades: setor público, setor expositivo, setor administrativo, e como o elemento de anexo foi designado o auditório, como mostra a Figura 82.

Figura 82-Ideia de setorização do projeto



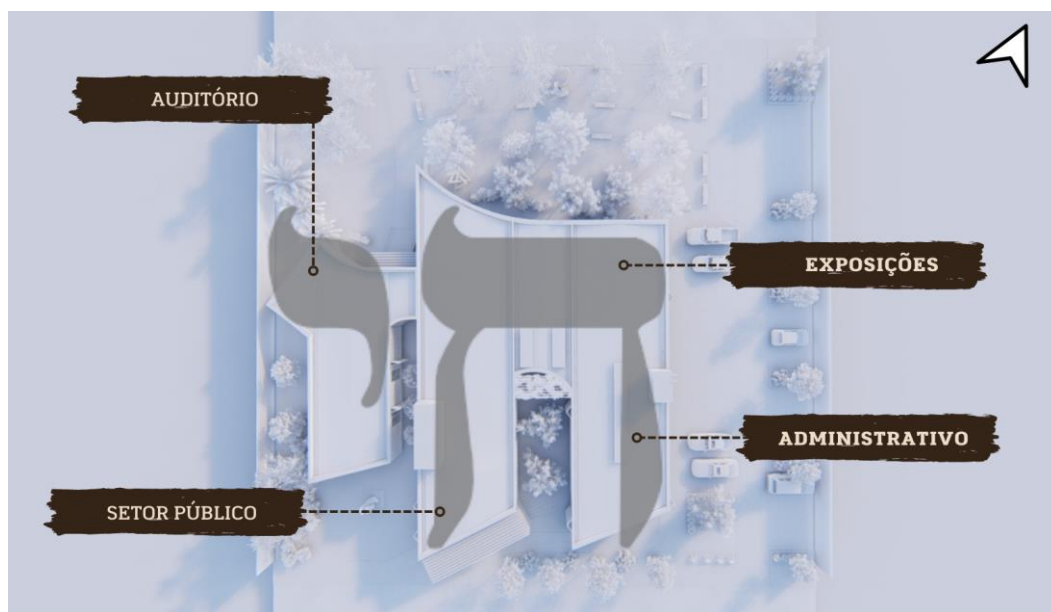
Fonte: NDU adaptado pelo autor (2022)

No processo de elaboração do projeto, foi realizado uma releitura da grafia da palavra *Chai*, rearranjando e moldando no espaço, desenvolvendo assim uma forma e volumetria adaptada e inspirada no formato da palavra.

O resultado dessa adaptação foi uma volumetria com formato majoritariamente retilíneo com algumas conexões curvas, remetendo-se à forma sinuosa original da palavra, que ao ser visualizado de cima remonta a inspiração da forma na produção volumétrica da edificação, como pode ser observado na sobreposição de imagens da maquete eletrônica e da imagem da grafia da palavra *Chai* na Figura 83.

Os caminhos da parte posterior da edificação (fachada norte), seguem a forma sinuosa inspirada também pela ideia inicial, conectando o passeio e o estacionamento da rua Monsenhor Constantino ao auditório, o caminho da fachada principal (fachada sul), que faz fronteira com a rua Edenida Cavalcante, seguiu o formato retilíneo imposto pelas formas mais próximas, conforme a figura 83.

Figura 83-Vista superior de maquete eletrônica do projeto do centro cultural.



Fonte: autor (2022)

4.6 Análise projetual

Neste tópico serão analisadas as soluções utilizadas na produção projetual, a definição de alguns materiais e componentes construtivos, a divisão ambiental externa, e demais elementos do projeto, a partir de imagens das peças gráficas e imagens geradas de uma maquete eletrônica 3D elaborada para o projeto do centro cultural.

A planta baixa da edificação, Figura 84, foi elaborada levando em conta o formato da palavra hebraica *Chai*, como descrito no item 4.7, resultando no formato de planta baixa apresentada na Figura 84. O lobby do projeto, na entrada principal da edificação, conta com uma recepção em primeiro plano, à esquerda, em frente dessa, há uma área de estar, e à direita um café com cozinha integrada, além desses espaços, o lobby também possui uma loja, localizada de forma intermediária entre a recepção e o café.

Em relação aos banheiros da edificação, tanto do espaço expositivo quanto do auditório, contam com banheiros destinados a PCD, separado dos demais, levando em conta a autonomia da pessoa com deficiência. De frente aos banheiros, há uma “boneca” em drywall destinado a isolar esse ambiente, tornando-o mais privativo.

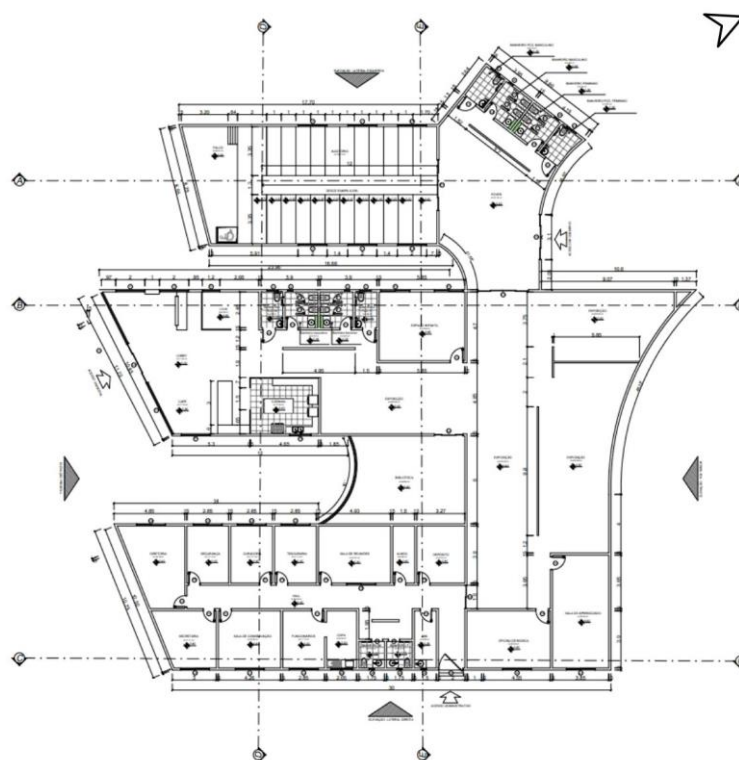
O espaço infantil ficou alocado próximo a biblioteca e de forma intermediária ao setor de exposições, levando em conta a realização de atividades de apresentação e leitura. Integrado ao setor de exposições também há uma sala de aprendizagem e uma oficina de música, para realização de atividades educativas.

Em relação ao setor de exposições, este foi alocado na parte posterior do projeto, levando em conta a intensão de isolar esse ambiente, proporcionando uma imersão total às apresentações sem interrupções externas, como também, essa setorização transforma esse espaço em o ponto de encontro do projeto.

O auditório, situado leste do terreno, possui capacidade para 120 pessoas, foi proposto como uma espécie de anexo à edificação, sua ligação com o setor expositivo permite uma continuidade para determinadas atividades realizadas no centro cultural. O auditório é dividido por uma grande rampa com inclinação de 8,33%, como forma de vencer os desníveis das poltronas, de 0,10m cada, e conta com plataforma elevatória, tornando esse ambiente o mais acessível possível.

O setor administrativo, foi alocado no sentido leste do terreno, próximo à área de carga e descarga, os ambientes foram propostos em forma de escritórios, cortados por um corredor de 1.60m com iluminação natural por abertura zenital do tipo lanternins, além das salas profissionais, há depósitos próximos ao setor de carga e descarga facilitando o carregamento de objetos para o interior da edificação.

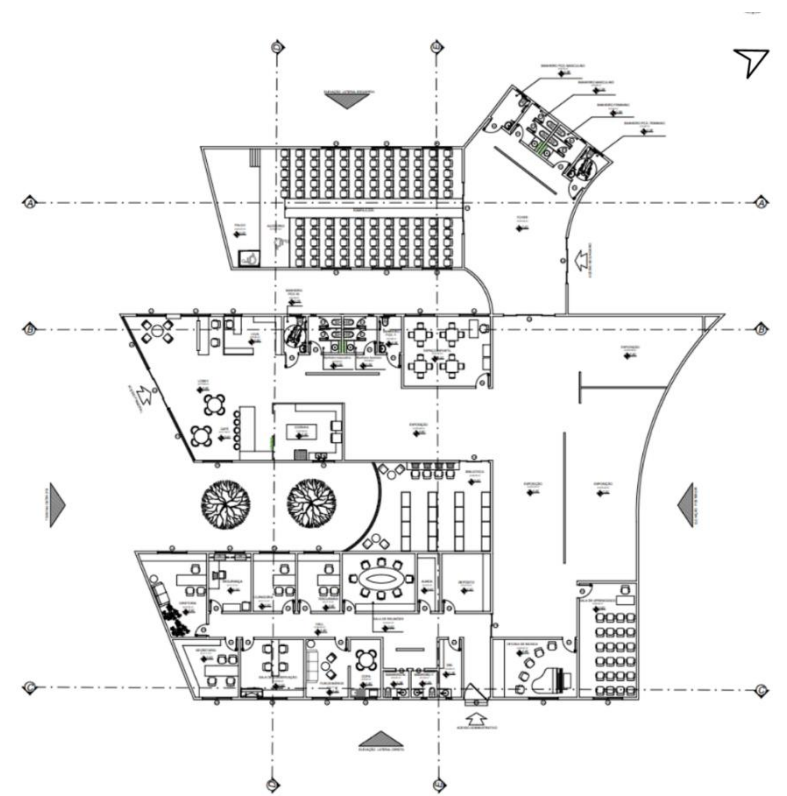
Figura 84 - Planta baixa do projeto



Fonte: autor (2022)

O layout foi proposto levando em conta propor um ambiente atrativo para o público e confortável para os funcionários do centro cultural, o layout do setor expositivo foi proposto em forma de maquete eletrônica 3D de forma exemplificativa, a qual será apresentada na análise da maquete eletrônica, esse foi inspirado pelas informações obtidas pelas entrevistas realizadas na produção do trabalho, como também, obtidas pela pesquisa bibliográfica.

Figura 85 - Layout do projeto.



Fonte: autor (2022)

A análise da maquete 3D do centro cultural (Figura 86) será realizada na sequência dos três componentes principais do projeto: auditório, setor expositivo e setor administrativo, além desses, também será apresentado: o estacionamento, a área externa livre, o exemplar de exposições e demais as considerações acerca do projeto.

Figura 86 - vista superior da edificação.



Fonte: autor (2022)

O primeiro elemento analisado será o auditório, esse recebeu o nome de Maria Thomas, em homenagem à cristã-nova que foi perseguida e condenada pela santa inquisição, e que deu início a uma descendência familiar judaica, a qual habitou a cidade de Catolé do Rocha, como apresentado no capítulo 3, esse espaço segue o mesmo estilo arquitetônico da edificação, seus acessos se dão de duas formas: internamente via setor expositivo ou de forma alternativa, pelo lado posterior da edificação, sentido norte do terreno, por um acesso secundário.

Em frente a esse ambiente, no espaço livre, foi implementado um monumento, com curvas em espiral, que faz referência ao shofar, segundo o portal Chabad (2022) consiste em um instrumento musical antigo feito com chifres de um animal kasher (exceto vaca e touro), utilizado nos rituais da religião como: os dez dias de arrependimento, *rosh hashaná*²¹ e o *yom kipur*²², esse objeto é bastante semelhante ao tradicional berrante brasileiro.

Por estar a sentido leste do terreno, esse ambiente está mais suscetível insolação em horários de elevada temperatura, para tanto, foi designado a implementação de um muro que serve também como divisória do terreno, com altura de 3m, e arborização em formato linear de todo esse lado do terreno, acompanhando o muro, como elemento de sombreamento e paisagístico, fazendo assim com haja duas camadas protetoras e para esse ambiente conforme mostra a Figura 87.

²¹ *rosh hashaná* é o termo hebraico utilizado para nomear o ano novo judaico.

²² *yom kipur* é o termo utilizado para o dia do perdão, realizado anualmente pelos praticantes do judaísmo.

Figura 87 - Vista para o auditório.

Fonte: autor (2022)

Em relação ao segundo elemento, a ala pública e expositiva, na fachada sul, que está voltada para a Rua Edenida Cavalcante, foi designada como entrada principal da edificação, percebe-se que foi colocada uma parede de vidro, como forma de interligar o interior com o exterior, solução obtida a partir de estudos de referência tratados no item 4.5, por meio dessa estratégia, os ambientes públicos, ficam em primeiro plano, tornando-se mais chamativos, já o setor expositivo, por mais que esteja interligado, fica isolado e livre de interferências exteriores, sendo assim, essa disposição possibilita o despertar da curiosidade de pessoas quanto à edificação, fazendo assim com que seja convidativa, Figura 88.

Nesta parede de vidro citada, há escrito em relevo metálico, de 0,15m, a primeira frase do Shemá Israel, a oração mais importante da religião judaica, este elemento está representado em hebraico, transliterado para português, e traduzido para o português e em braile, em uma altura próxima ao corrimão da rampa principal para que pessoas com deficiência visual possam ler, como mostra a Figura 89.

Nesse setor, há o passeio principal, com canteiro central arborizado que possibilita o sombreamento dos dois lados, essas calçadas também foram devidamente sinalizadas com piso tátil de alerta e piso tátil de condução, do tipo intertravado, seguindo as orientações da NBR 9050/2020, para orientação de pessoas com deficiência visual ao longo de todo o percurso, a entrada principal também conta com escadaria e rampa com inclinação de 8,33%, assim como indica essa norma, ambos com piso sinalizador, Figura 88.

Figura 88 - Entrada principal.



Fonte: autor (2022)

Figura 89 - Inscrições na parede de vidro.

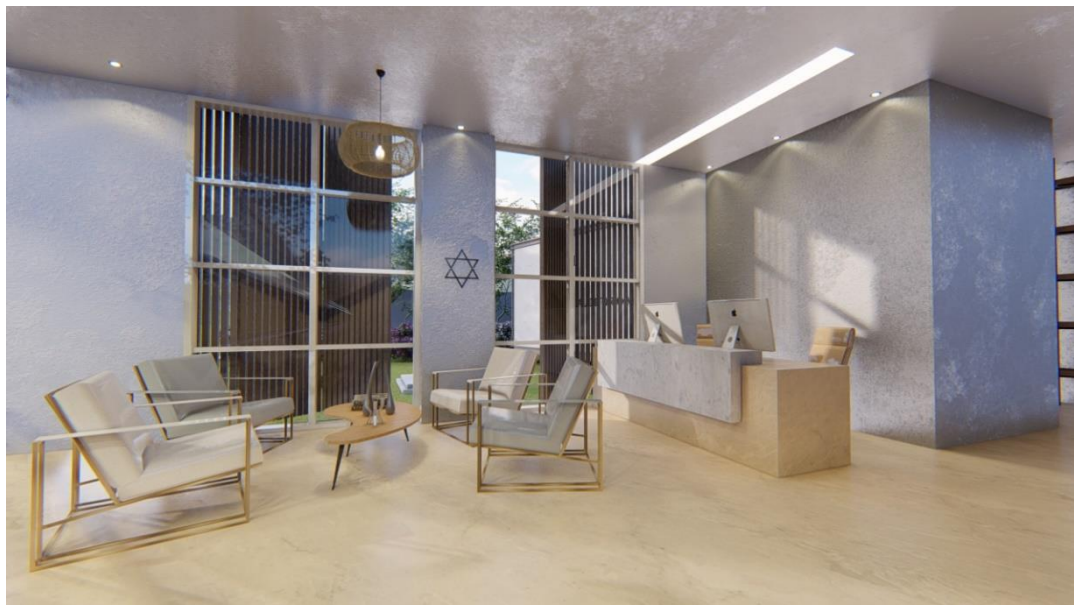


Fonte: autor (2022)

Esse setor ainda conta com uma recepção, Figura 90, para informativos, cadastros e realização de outras atividades relacionadas ao centro cultural, e conta também com: um ambiente de estar, um café e uma loja, esses, designados para servir de aporte financeiro para o centro cultural por meio da venda dos produtos oferecidos, vale destacar, que os produtos

fornecidos tem ligação com a temática do centro cultural, como venda de souvenirs judaicos e culinária kasher.

Figura 90 - Vista da recepção e estar.



Fonte: autor (2022)

No espaço intermediário entre a ala pública e setor administrativo, encontra-se a biblioteca, destinada ao estudo e pesquisas gerais acerca do judaísmo, nesse ambiente foi implementado duas aberturas zenitais do tipo lanternins, a fim de promover iluminação natural para esse ambiente, reduzindo assim o consumo energético da edificação com luzes artificiais e ar-condicionado.

Na biblioteca há uma parede de vidro voltada para o jardim central, composto por gramado e duas oliveiras, proporcionando assim um ambiente calmo com integração interna com exterior natural, tornando-o também, um espaço contemplativo, essa abertura será protegida por pergolado feito a partir de perfis metálicos em sequência, e nesses, foi implementada uma planta trepadeira, do tipo parreira, para auxiliar no sombreamento e integrar o paisagismo do jardim, como mostram as Figuras 91 a 93.

Figura 91 - Vista para a biblioteca.



Fonte: autor (2022)

Figura 92 - Vista interna da biblioteca.



Fonte: autor (2022)

Figura 93 - Vista do jardim central.



Fonte: autor (2022)

O terceiro setor a ser analisado será a ala administrativa, esse espaço foi destinado a receber as salas dos profissionais responsáveis pelo funcionamento da edificação, como: diretoria, curadoria, tesouraria, segurança entre outros, esse espaço foi alocado próximo ao estacionamento pois nele há depósitos e almoxarifado, logo, sua implementação foi estratégica visando a área de carga e descarga de mercadorias.

Externamente, há um letreiro localizado fachada sul da edificação, com dimensionamento de 0,25m, composto por um formato curvilíneo, como referência as serras que rodeiam a cidade de Catolé do Rocha – PB, principalmente ao monte Tabor, forte elemento paisagístico do entorno, do qual o terreno fica próximo e para onde possui vista direta, e a estrela de Davi, interligada com a forma sinuosa, por ser o principal símbolo judaico, reforçando a temática da edificação, conforme mostram as Figuras 94 e 95.

Figura 94 - vista para o letreiro.



Fonte: autor (2022)

Figura 95 - Vista para o setor administrativo.



Fonte: autor (2022)

O estacionamento do projeto fica na lateral leste, e interliga as duas ruas que circundam o terreno, possibilitando um duplo acesso ao centro cultural, além disso, na área de estacionamento foi alocada uma zona de carga e descarga de materiais, que está ligada diretamente ao setor administrativo em proximidade com depósitos e almoxarifado, o piso aplicado nesse espaço será composto por bloco permeáveis, possibilitando a drenagem de águas pluviais, sendo assim, uma alternativa sustentável.

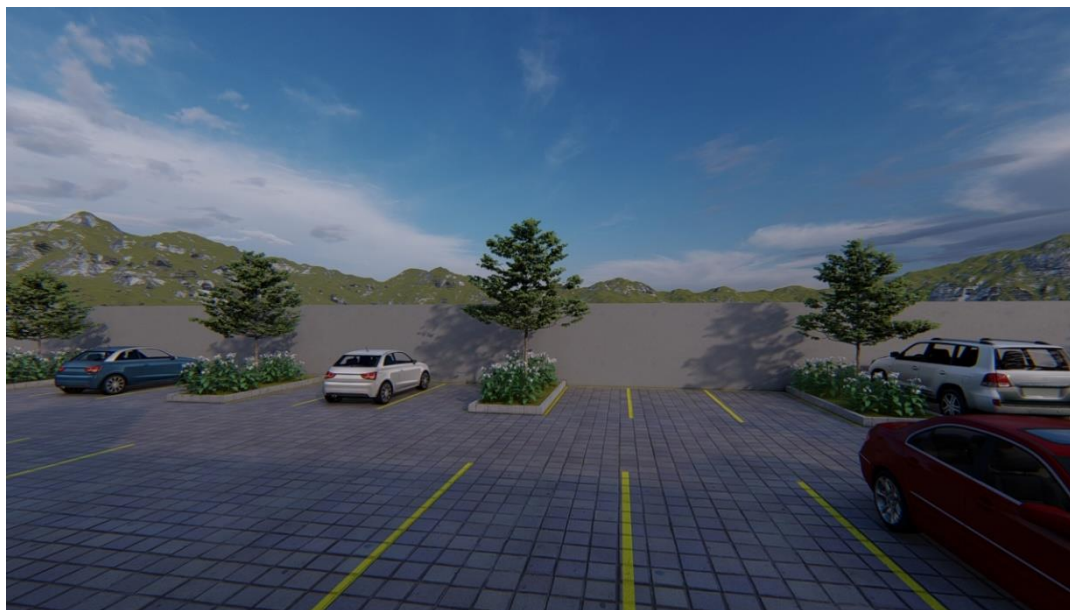
O estacionamento conta com 23 vagas, concebidas de acordo com cálculo estabelecido pela a lei nº 964 de 2004, que versa sobre o uso e ocupação do solo da cidade de Catolé do Rocha – PB, sendo destas: duas destinadas a pessoas com deficiência, seguindo as recomendações do item 6.14.2 da NBR 9050/2020, uma para gestante e uma para idosos, essas vagas são localizadas próximas à entrada como recomenda, o item 6.14.1.1 desta norma, também foram adicionadas 10 vagas destinadas a motocicletas, tendo em vista ser um meio de transporte comum na cidade, conforme mostra a Figura 96 e Figura 97.

Figura 96 - Vista para o estacionamento.



Fonte: autor (2022)

Figura 97 - Vista para o estacionamento, sentido muro.



Fonte: autor (2022)

A parte posterior da edificação, apresentadas nas Figuras 98 a 100, no sentido norte, possui uma área livre, esse espaço funcionará como uma espécie de praça integrada ao centro cultural, servindo para contemplação, estar e lazer da comunidade, nela foi designada a implantação de espécies de árvores que possuem ligação bíblica, como romã, oliveira e tamareira, podendo servir inclusive como parte da experiência expositiva do centro cultural, essas espécies são adaptadas ao clima árido de Israel, logo demandam poucos recursos hídricos, e se adaptam ao clima semiárido devido à similaridade das características climáticas entre esses dois biomas.

Além da arborização, esse espaço conta com bancos, feitos de madeira de reuso, para utilização desse espaço, pela comunidade, como uma praça, esse local conta com espaços livres para receber esculturas produzidas por artistas judeus para contemplação, reforçando a ideia de uma exposição cultural ao ar livre, vale destacar que as esculturas contidas nas imagens da maquete 3D são meramente exemplificativas, e foram implementadas com inspiração em elementos da cultura judaica.

Esse espaço é formado majoritariamente por área livre e arborizada, sendo cortada por um caminho sinuoso, que interliga os extremos leste e oeste do terreno, levando do estacionamento ao parque ou ao auditório, esse passeio também será devidamente sinalizado com piso tátil.

Figura 98 - Vista para área externa.



Fonte: autor (2022)

Figura 99 - Vista passeio da área externa.



Fonte: autor (2022)

Figura 100 - vista para fachada norte.



Fonte: autor (2022)

Na parte posterior da edificação, integrado à área livre, há uma entrada suplementar para o auditório, conforme mostra a Figura 101, haja vista que em dias de eventos especiais neste espaço, não se faz necessário a utilização do acesso interno da edificação, vale destacar que essa entrada também é dotada de marquise feita em perfis metálicos em sequência com cobertura de policarbonato e iluminação em fitas de LED, Figura 102.

Figura 101 - Vista para entrada secundária.



Fonte: autor (2022)

Figura 102 - Entrada para o auditório.



Fonte: autor (2022)

As exposições serão apresentadas como um exemplo, levando-se em conta que por se tratar de um anteprojeto, não tem como objetivo de desenvolvimento de um projeto de arquitetura de interiores, esse espaço foi idealizado levando em conta as informações obtidas na revisão bibliográfica, como também, por meio das entrevistas, esse espaço terá como objetivo apresentar aos visitantes: objetos relacionados à prática judaica, se possível de valor histórico, informativos relacionados à religião e cultura, exposições interativas, audiovisuais entre outros, conforme Figura 103 e Figura 104.

Figura 103 - Vista de um exemplar de exposição.



Fonte: autor (2022)

Figura 104 - Exposição exemplificativa de uma torah.



Fonte: autor (2022)

Esse espaço conterà equipamentos de acessibilidade como: piso tátil de condução e alerta, de alumínio, nos percursos expositivos, totens com tradução para braile dos textos informativos relacionados ao item apresentado e altura adequada dos expositores para melhor visualização de pessoas que utilizam cadeiras de rodas, como mostra a Figura 105 e Figura 106.

Figura 105 - Expositores com totem em braile.



Fonte: autor (2022)

Figura 106 - Expositores com totem.



Fonte: autor (2022)

Os objetos em exposição receberão iluminação direta por meio de *spotlight's* de LED, com coloração quente e intensidade luminosa de pelo menos 3.000k, conforme Figura 107, esse tipo é adequado para exposições, levando em conta que poderão ser postos em amostra itens sensíveis a radiação ultravioleta, as lâmpadas serão colocadas em trilhos metálicos, de acordo com o dimensionamento do item, como também, a área expositiva contara com iluminação de teto embutida também em LED (AECWEB ,2019).

Figura 107 - Exemplar de exposição de objetos históricos.



Fonte: autor (2022)

Foi indicado para o espaço de exposições, a introdução de expositores com materiais audiovisuais, contendo: monitores, fones de ouvido e projetores para exposições dinâmicas de vídeo, como também, é proposto equipamentos dinâmicos táteis, ou seja de interação direta com o público, para proporcionar imersão com os temas, Figura 108 e Figura 109.

Figura 108 - Expositor audiovisual.



Fonte: autor (2022)

Figura 109 - Expositor dinâmico.



Fonte: autor (2022)

Levando em conta ser uma região de temperaturas elevadas, após a análise das simulações de incidência solar na edificação, apresentado no item 4.3, em conjunto com a indicação de materiais, pôs-se importante a alocação de brises de madeira ripada com as dimensões de 0,05m x 0,05m x 3.75m ao longo das fachadas leste e oeste da edificação, sendo esses retrateis nas janelas de acordo com a vontade do usuário do ambiente, como podem ser vistos na Figura 110.

Figura 110 - Perspectiva geral da do projeto.



Fonte: autor (2022)

A estrutura designada para construção da edificação é do tipo metálica, como pode ser observado na Figura 111, foi optado por deixar aparente o metal da estrutura ao redor de toda a edificação tanto na cobertura quanto no piso, como também, em outros elementos como o pergolado da biblioteca e as marquises das entradas, esta escolha corrobora com a estética do estilo arquitetônico modernista escolhido para a produção do projeto do centro cultural.

Figura 111 - Vista para fachada principal.

Fonte: autor (2022)

4.8 Reservatórios de água

Os reservatórios de água do projeto foram projetados de acordo com Carvalho Júnior (2013, p. 43-45), que aponta que o dimensionamento dos reservatórios deve ser elaborado levando em conta o consumo diário, a taxa de ocupação e o consumo de água, em litros, per capita, para isso é utilizado o seguinte cálculo:

$$Cd = Pxq$$

No qual: Cd= consumo diário, p= taxa de ocupação da edificação e q= consumo de água per capita. A taxa de ocupação do centro cultural foi realizada seguindo a Tabela 5, a qual foi utilizada a natureza do local museus e bibliotecas por analogia.

Tabela 5 - Tabela de taxa de ocupação

Taxa de ocupação de acordo com a natureza do local	
Natureza do local	Taxa de ocupação
Museus e bibliotecas	Uma pessoa por 5,50m ² de área

Fonte: Carvalho Júnior (2013, p. 43)

Já o valor do consumo predial diário, por pessoa, foi realizado de acordo com a tabela abaixo, na qual foi designado um prédio do tipo público para a realização do cálculo do consumo diário para a área pública expositiva, de 50 litros de água por pessoa, porém, por ser um valor referencial e no processo deve ser levado em conta o porte do projeto e a experiência

local, optou-se por utilizar a metade do valor, ou seja 25 litros de água por pessoa, o consumo da área administrativa foi indicada com base no consumo descrito na tabela para escritórios e os valores do auditório de acordo com os dados fornecidos para cinemas e teatros (CARVALHO JUNIOR, 2013, p. 44).

Tabela 6 - Tabela de consumo predial diário

Consumo predial diário (valores indicativos).	
Edifícios públicos ou comerciais	50 per capita
Escritórios	50 per capita
Cinemas e teatros	2 por lugar

Fonte: Carvalho Júnior (2013, p. 44)

Tendo em vista os dados obtidos, o consumo diário para a área pública expositiva, auditório e setor administrativo foram os seguintes:

- Setor público expositivo:

Área total: 525,33 m²

Taxa da ocupação: uma pessoa por 5,50 m² (p)

Consumo predial diário (litros/dia): 25l

$$P = 525,33 \div 5,50 = 95,51 \text{ pessoas por } m^2$$

$$Cd = P \times q$$

$$Cd = 95,51 \times 25 = 2.387.75 \text{ litros/dia}$$

- Auditório:

Lugares: 120

Consumo predial diário (litros/dia): 2 por lugar

$$Cd = P \times q$$

$$Cd = 120 \times 2 = 240 \text{ litros/dia}$$

- Setor administrativo:

Funcionários: 15

Consumo predial diário (litros/dia): 50l

$$Cd = P \times q$$

$$Cd = 50 \times 15 = 750 \text{ litros/dia}$$

Segundo Carvalho Júnior (2013, P. 45), a capacidade dos reservatórios é dada pelo consumo diário pelo dia de reserva, optou-se por utilizar uma reserva para 5 dias, levando em

conta as possíveis estiagens de água que possam ocorrer na região, como pode ser observado na seguinte equação:

$$CR = 5 \times Cd$$

Na qual: CR = capacidade total do reservatório (litros)

Cd= consumo predial diário (litros/dia)

O cálculo de capacidade dos reservatórios está de acordo com a seguinte equação:

- Setor público expositivo:

$$CR = 5 \times Cd$$

$$CR = 5 \times 2.387.75 = 11.937,5l$$

- Auditório:

$$CR = 5 \times Cd$$

$$CR = 5 \times 240 = 1.200l$$

- Setor administrativo:

$$CR = 5 \times Cd$$

$$CR = 5 \times 750 = 3.750l$$

Devido à baixa capacidade em litros de água apresentada pelo reservatório do auditório, optou-se por somar seu valor com o do setor público expositivo, e dividir a quantidade de reservatórios em dois, levando em conta também a capacidade das caixas de água disponíveis no mercado, além disso os valores foram acrescidos de 20% destinados ao combate de incêndio, tendo sido obtida a seguinte divisão de reservatórios:

- Setor público expositivo e auditório:

$$CR = 11.937,5 l + 1200l = 13.137,5 + 20\% = 15.765l$$

O reservatório foi dividido em: duas caixas de água, de polietileno, de 5.000l e uma de 6.000l somando 16.000l de capacidade.

- Setor administrativo:

$$CR = 3.750l + 20\% = 4.200l$$

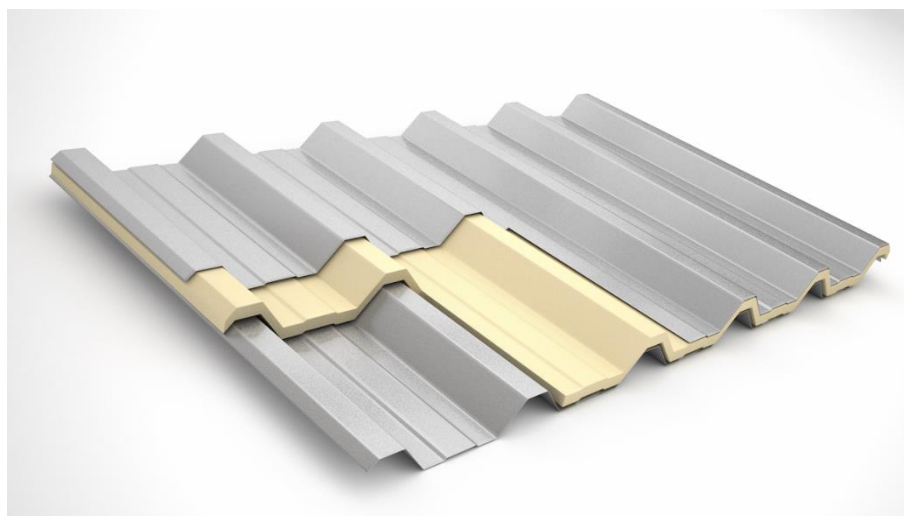
Para o setor administrativo foi designada uma caixa de água de 5.000l, de polietileno.

4.9 Cobertura

A cobertura foi proposta levando em conta o conforto térmico da edificação, estratégias de captação de água e proteção contra agentes naturais, para isso foram escolhidos materiais específicos que atendessem a essa demanda.

Na cobertura principal, que abrange todos os blocos do projeto, foi utilizada a telha isotérmica de poliuretano de 30mm, também conhecida como telha sanduiche, em uma inclinação de 10% e dividida em duas quedas de água, esse material é composto por duas chapas de alumínio nas extremidades e a parte interna é composta por poliuretano injetável, como pode ser visto na Figura 112, segundo Inson (2021), dentre as características desse material está: a durabilidade e a pouca manutenção, resistência a mofo e insetos, não propagam chamas, além disso tem capacidade isolante acústica e não exigem grandes inclinações.

Figura 112 - Telha isotérmica de poliuretano



Fonte: Termovale (2022)

As telhas estão conectadas a calhas metálicas destinadas a captação das águas pluviais, sendo dispostas na extremidade de cada queda de água presente no telhado, elas são do tipo metálico feita de aço número 26, galvanizada e com largura de 0,50 m, conforme a Figura 113.

Figura 113 - Calha metálica.



Fonte: Obramax (2022)

A cumeeira do telhado será realizada com material adequado para o tipo de telha escolhida, assim, o material escolhido foi a cumeeira lisa tipo espigão trapezoidal, peça de 0.05m x 3.00m, própria para aplicação em isotelha, como mostra a Figura 114.

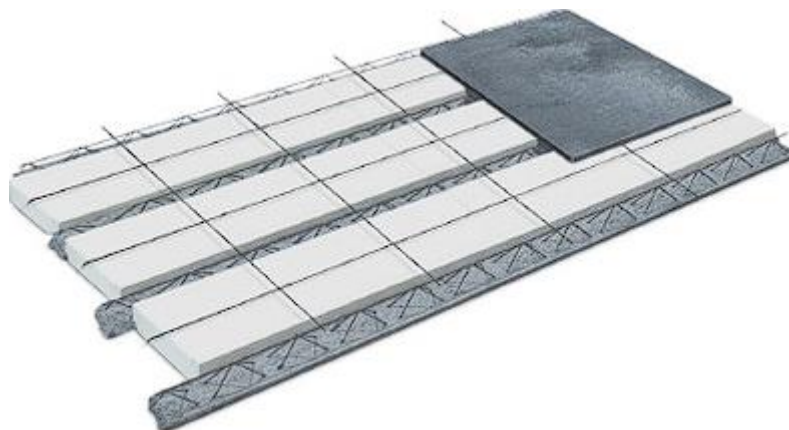
Figura 114 - Cumeeira para isotelha



Fonte: Isoeste (2022)

A laje da edificação, que abrange toda sua composição, será do tipo pré-moldada com EPS de 0,12 m, conforme Figura 115 e Figura 116. Segundo o Veloso (2022) esse material, por ser leve, diminui o peso da laje na estrutura e fundações, porém, não perde qualidade na sua resistência, no mercado o EPS comercializado é do tipo F o qual recebe um tratamento especial antichamas, é um ótimo isolante térmico e acústico, e promove a sustentabilidade na construção por não gerar grande resíduos, ser reciclável e aumenta a eficiência energética da edificação.

Figura 115 - Laje pré-moldada EPS 12 cm



Fonte: Marilândia Lajes (2022)

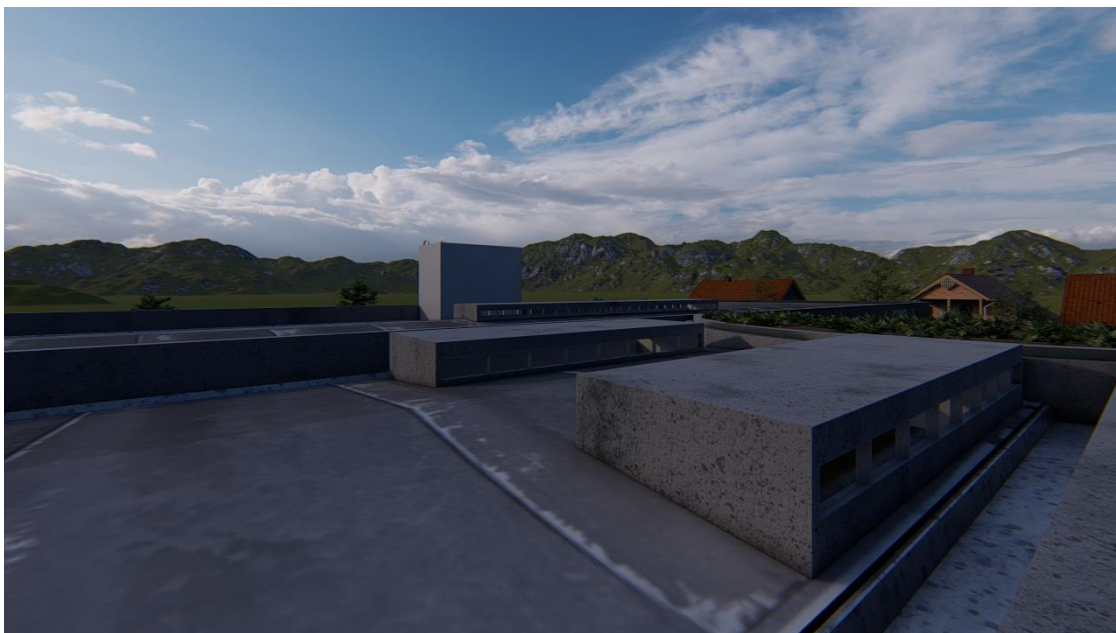
Figura 116 - Laje de EPS em estrutura metálica.



Fonte: YouTube (2018)

Foram implementadas aberturas zenitais do tipo lanternins para iluminação do hall do setor administrativo e da biblioteca, a fim de promover iluminação natural para os ambientes citados, diminuindo assim o consumo energético da edificação, como pode ser visto na Figura 117, essa abertura será feita com laje em EPS de 0,12m e as aberturas contarão com esquadria do tipo fixa de 0,50m.

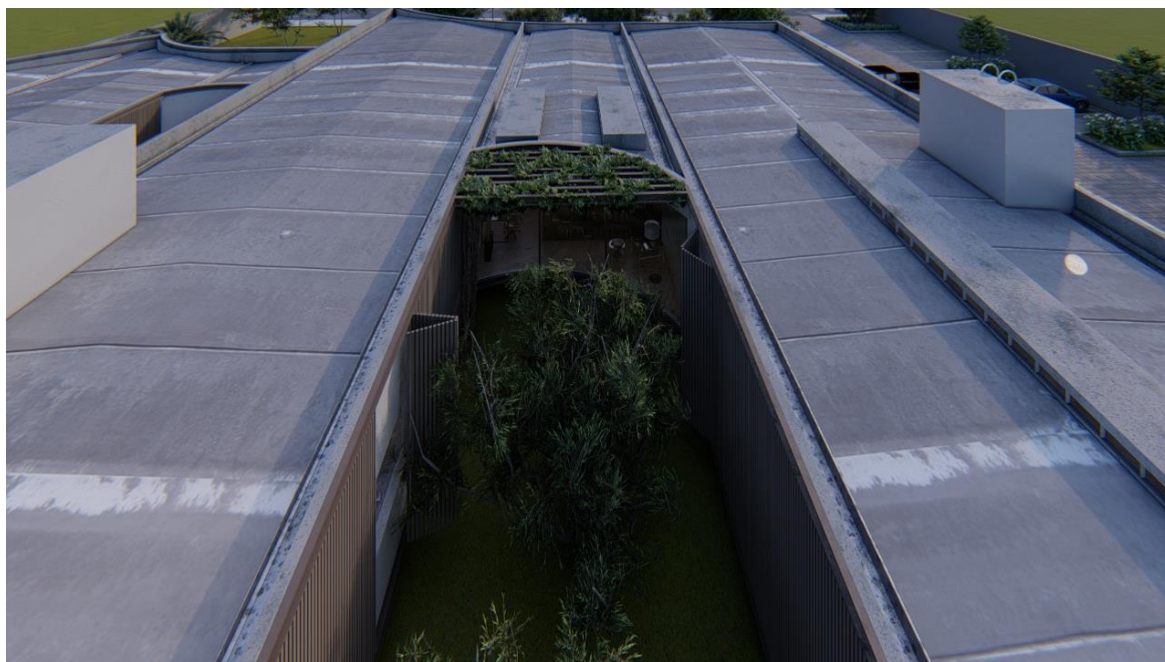
Figura 117 - Aberturas zenitais do projeto.



Fonte: autor (2022)

O telhado da edificação é disfarçado por platibandas em todo o conjunto, devido ao estilo arquitetônico modernista adotado na produção do projeto e na volumetria da edificação, nessas há detalhes feitos por perfis metálicos ao redor das extremidades da cobertura, servindo inclusive como pingadeira, Figura 118.

Figura 118 - Perspectiva da cobertura do projeto.



Fonte: autor (2022)

A abertura da biblioteca, feita por grandes placas de vidro, será protegida por perfis metálicos de 0,03m em sequência (Figura 119), formando uma pergolado, auxiliando no

sombreamento dessa abertura, impedindo a insolação direta, além disso, será alocada plantas do tipo trepadeiras para auxiliar no sombreamento e como forma de elemento paisagístico e estético.

Figura 119 - Pergolado da biblioteca.



Fonte: autor (2022)

Na entrada principal da edificação e na entrada alternativa para o auditório, foram implementadas marquises feitas a partir de perfis metálicos de 0,03m, com dimensionamento específico, a fim de proteger os usuários do espaço e as aberturas contra o sol, a parte superior da marquise será coberta por uma placa de policarbonato, além disso, as marquises serão dotadas de iluminação por fita de LED e *spotlights* de LED, Figura 120.

Figura 120 - Perspectiva da marquise da entrada principal.



Fonte: autor (2022)

O acabamento da cobertura internamente, será composto por placas de gesso, com dimensões de 0,60 m X 0,60 m, conforme a Figura 121, esse material possui um bom custo benefício, é de fácil acesso, deixa um ótimo acabamento para os ambientes e tem uma mão de obra acessível, sobre o forro, também será implementado lã de rocha, para auxiliar no conforto térmico e acústico da edificação, conforme a Figura 122.

Figura 121 - Placa de gesso



Fonte: FastDrywall (2022)

Figura 122 - Rolo de lã de rocha



Fonte: Global isolamentos (2022)

4.10 Paredes, esquadrias e revestimentos.

As paredes internas da edificação serão construídas em DryWall, 1,2m por 1,8m, conforme o exemplo da Figura 123 e Figura 124, junto com camadas de lã de rocha, esse material foi escolhido por proporcionar conforto térmico para a edificação. De acordo com o portal Gesso e Cia (2022), como o gesso é o composto principal de vedação, e por ser um material do tipo higroscópico, ajuda a equilibrar a umidade do ambiente, uma vez que quando o ambiente está úmido ele absorve a umidade e quando o ambiente está seco ele transfere sua umidade acumulada, fato que deve ser levado em conta devido às características da zona bioclimática 7, a qual a região do projeto está inserida de acordo com o item 4.2.3 deste trabalho.

Figura 123 - Placa de gesso acartonado.



Fonte: Espaço Smart (2022)

Outra característica importante desse material é sua resistência às chamas, chegando a suportar temperaturas de até 450°C, podendo ainda ser associado a outros materiais para auxiliar na proteção, além disso, é um material reciclável, ajuda na eficácia energética da edificação, é resistente a fungos e bactérias, evitando assim episódios danosos aos materiais expositivos do centro cultural de valor histórico, esse material possui fácil manuseio e não produz excesso de resíduos, ao contrário dos métodos construtivos de alvenaria, promovendo assim uma construção sustentável (GESSO E CIA, 2022).

Figura 124 - Construção em drywall



Fonte: Minha casa minha cara (2022)

Em relação as paredes externas, serão construídas seguindo o sistema *drywall*, porém, será implementado placas cimentícias hidrofugada NTF 2,40m x 1,20m x 0,006m, Figura 125, junto com camadas de lã de rocha, adequado para vedação externa, esse tipo de placa possui uma alta impermeabilidade e resistência, principalmente em relação a fatores naturais, assim como as placas de gesso, as placas cimentícias possuem resistência a fogo, a fungos, a bactérias e não sofrem grandes alterações de temperatura (SULMÓDULOS, 2022).

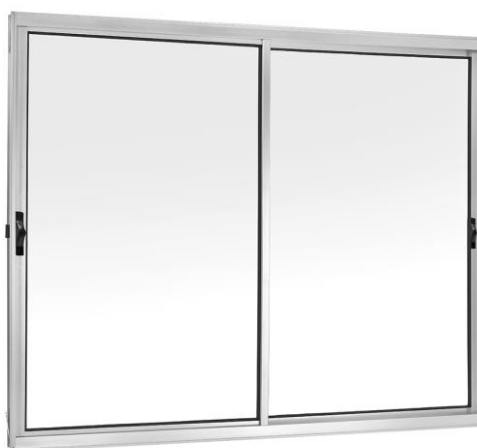
Figura 125 - Placa cimentícia



Fonte: Leroy Merlin (2022)

O setor administrativo e as salas de aula receberão esquadrias de correr do tipo duas folhas, de vidro e alumínio, com tamanhos variados, conforme o exemplo da Figura 126, já os banheiros e DML, receberão janelas do tipo maxim-ar, produzidas também em alumínio e vidro, como na Figura 127

Figura 126 - Janela de correr duas folhas



Fonte: Telha Norte (2022)

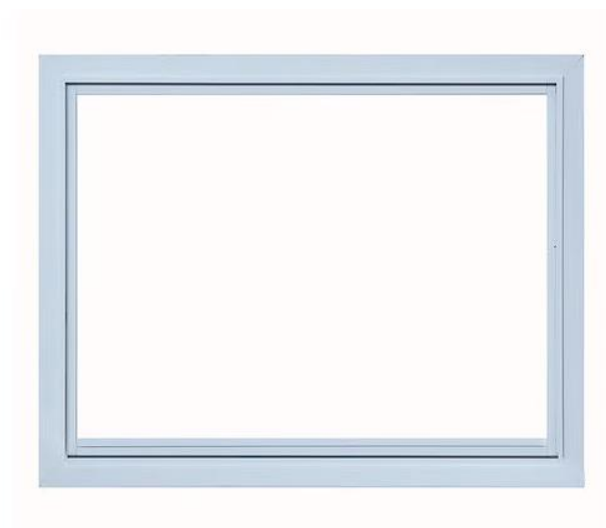
Figura 127 - Janela do tipo maxim-ar



Fonte: CEC (2022)

A biblioteca e o hall do setor administrativo possuem abertura zenital do tipo lanternins, a esquadria que será implementada nesse elemento será do tipo fixa, com dimensionamento de 0,50m de altura em repetição, como mostra a Figura 128.

Figura 128 - Janela do tipo fixa.



Fonte: Leroy Merlin (2022)

A entrada principal do centro cultural é composta por uma parede de vidro, com dimensionamento específico, composta por placas de vidros, barras de alumínio e fixadores de alumínio em “X”, esse elemento foi proposto a fim de integrar o interior da edificação com o exterior, despertando a curiosidade do transeunte, fazendo com que a edificação seja chamativa para a comunidade. A porta de acesso é do tipo francesa, com medida específica, com duas folhas que abrem para lados opostos, Figura 129.

Figura 129 - Entrada principal do centro cultural.



Fonte: autor (2022)

As esquadrias do espaço público são do tipo fixa, com dimensionamento específico, serão produzidas em vidro duplo, devido seu dimensionamento, e com base de fixação de PVC na cor branca, como mostra o exemplo da **Figura 130**.

Figura 130 - Janela de vidro fixa.



Fonte: Sodimac (2022)

A esquadria da biblioteca, no estilo parede de vidro, é do tipo curvada, e possui dimensionamento específico, o material utilizado será vidro duplo, para auxiliar no conforto ambiental desse espaço, minimizando a temperatura e impedindo interferências acústicas, Figura 131 e Figura 132.

Figura 131 - vista da esquadria da biblioteca.



Fonte: autor (2022)

Figura 132 - exemplar de vidro duplo.



Fonte: Gusmão (2022)

As portas do setor administrativo, salas de aula e sala infantil, acesso para banheiros e banheiros acessíveis, são do tipo convencional de madeira, Figura 133, com larguras variáveis, respeitando o disposto no item 6.11.2 da NBR 9050/2020, tendo no mínimo 0,80 m de largura, para o setor administrativo foi utilizada essa medida, para os espaços públicos foi utilizada 0,90 m de largura dos vãos para um melhor conforto dos usuários.

Figura 133 - Exemplo de porta utilizada no projeto.



Fonte: Sertão (2022)

As portas dos boxes do banheiro público serão de alumínio, como mostra Figura 134.

Figura 134 - Porta de alumínio.



Fonte: Leroy Merlin (2022)

As portas de acesso ao setor administrativo são de vidro, a porta que dá acesso pelo setor expositivo é do tipo correr de vidro em duas folhas, conforme a Figura 135, com medida específica, e a porta de acesso pela área de carga e descarga também é de vidro, mas sua abertura é do tipo pivotante, como mostra a Figura 136.

Figura 135 - Porta de vidro de correr.



Fonte: Pontal Construções (2022)

Figura 136 - Porta de vidro de abertura convencional



Fonte: Nova vidraçaria (2022)

A porta de acesso externo para o auditório e de acesso interno a esse ambiente será do tipo de correr, com quatro folhas de vidro e de tamanho específico, como mostra a Figura 137.

Figura 137 - Porta de correr, 4 folhas.



Fonte: Viafer (2022)

No revestimento interno, após o preparo do *drywall* com emassamento e lixamento, será implementado tinta acrílica na cor branca artesão, à esquerda da Figura 138, na maioria dos ambientes, estando a área expositiva sujeita a cores diversa a depender da temática e do material exibido, já o revestimento externo será realizado em tinta acrílica na cor algodão egípcio, à direita da Figura 138, com um tom levemente arenoso, fazendo referência às cores predominantes da região do estado de Israel dialogando assim com a temática do centro cultural.

Figura 138 - Paleta de cores dos revestimentos, à esquerda interno e à direita externo.



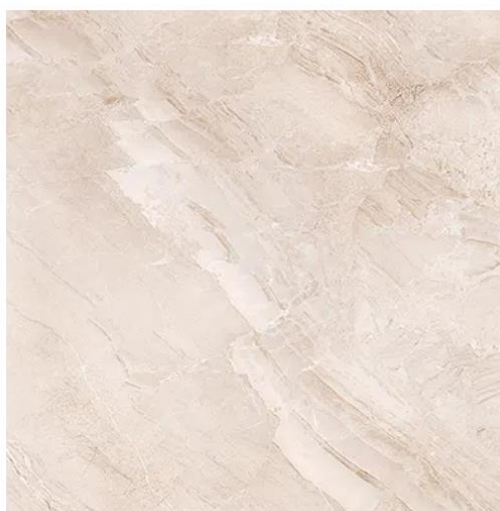
Fonte: Coral, adaptado pelo autor (2022)

4.11 Pisos

O piso da edificação será suspenso do chão a 0,40 m, por fins estéticos, como meio de transmitir leveza para a edificação, outro motivo, é evitar o contato direto da estrutura metálica com a umidade do solo, podendo gerar problemas como a ferrugem. A base designada para a composição foi laje tipo pré-moldada com EPS de 0,12m, semelhante à usada na cobertura e com acabamento adequado para receber o porcelanato cerâmico.

Para os ambientes internos, foi designado um porcelanato brilhante esmaltado, com dimensionamento de 0,59m x 0,59m na cor bege cereal, Figura 139, esse piso foi escolhido para fazer referência a paleta de cores desérticas presentes no estado de Israel, referenciando à temática do centro cultural.

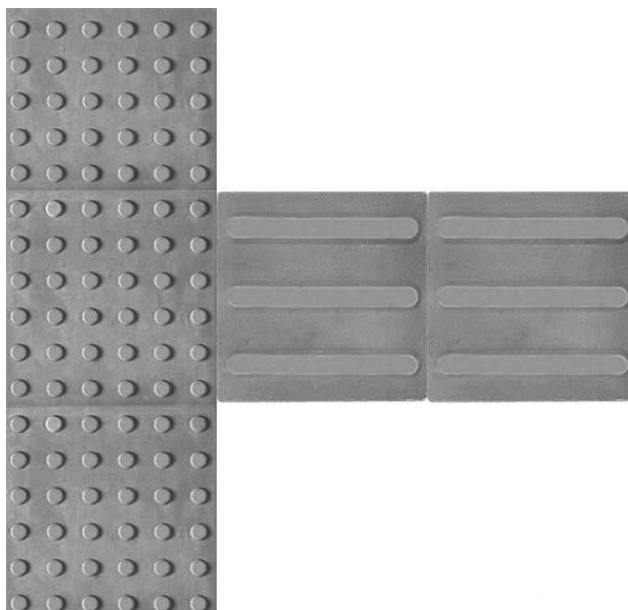
Figura 139 - Porcelanato esmaltado bege cereal.



Fonte: Telha Norte (2022)

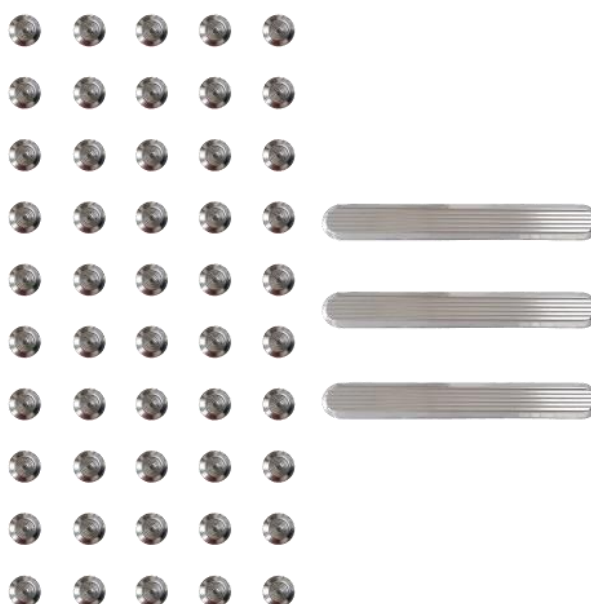
Já nos passeios, o piso será do tipo cimentado, e receberá pisos táteis de alerta e condução, do tipo intertravado, como mostra a Figura 140, de acordo com o disposto na NBR 9050/2020, conforme tratado no item 4.3.1 deste trabalho, nas entradas principais e no interior da edificação, foram utilizados esses instrumentos do tipo metálico, feito de alumino, por ser mais discreto e se compor de forma mais estética com o ambiente, conforme Figura 141.

Figura 140 - Piso de alerta e condução.



Fonte: Brasil Decorar, adaptado pelo autor (2022)

Figura 141 - Piso de alerta e condução em alumínio.



Fonte: Mover Acessibilidade (2022)

No estacionamento do centro cultural, optou-se por utilizar um piso do tipo drenante de alta resistência (0,45x0,45x0,05m), visto na Figura 142, adequado para o fluxo de veículos e áreas externas, este tipo de material foi designado por ser uma opção ecológica, de manuseio e implementação simples, ou seja, não necessita de uma mão de obra especializada e não absorve grandes quantidades de calor, ao contraio por exemplo de um piso do tipo asfáltico.

Figura 142 - Piso drenante



Fonte: Villa Rommana (2022)

4.12 Estrutura

A estrutura escolhida para a execução do projeto do centro cultural foi a do tipo metálica, conforme exemplo da Figura 143, todos os componentes estruturais como vigas, pilares, mezaninos e pergolados foram elaborados em perfis metálicos com dimensionamento a ser elaborado em um futuro desenvolvimento projetual.

Figura 143 - Exemplo de estrutura metálica.



Fonte: Viva Decora (2022)

Essa tipologia estrutural foi proposta levando em conta as vantagens oferecidas como: a possibilidade da produção de volumetrias esbeltas, como é o caso de alguns detalhes volumétricos do projeto, bom padrão de acabamento oferecendo alternativas estéticas, como pode ser observado no projeto, onde diversos elementos são propostos em metal aparente, como: determinando elementos estruturais, observados em todo entorno da edificação na cobertura e piso, marquises e pergolados (PEREIRA, 2019).

Outro aspecto importante oferecido por esse tipo de estrutura é o baixo índice de desperdício de material e o baixo impacto ambiental, sendo inclusive, a depender do caso, as peças fabricadas por indústrias especializadas, proporcionando assim controle de resíduos e reaproveitamento de material (PEREIRA, 2019). Sendo assim, a estrutura foi indicada levando em conta um dos princípios do desenvolvimento do presente trabalho: a sustentabilidade.

4.13 Paisagismo

O presente trabalho não tem como objetivo o desenvolvimento do projeto paisagístico, todavia, será realizada as indicações de espécies de plantas escolhidas para a composição paisagística do projeto do centro cultural.

A escolha das plantas, em sua maioria, pautou-se pela temática do centro cultural, o judaísmo, logo as espécies indicadas possuem ligação com a religião e costumes associados a ela, além disso, essas espécies advindas do clima árido de Israel, possuem uma boa adaptação

ao clima da região do projeto, o semiárido o qual possui alto grau de similaridade entre suas características climáticas e hídricas, as espécies indicadas foram:

- Oliveiras (*olea europaea*), Figura 144, alocadas no jardim central da biblioteca, para auxílio no sombreamento desse ambiente e na área externa livre para composição paisagística do local.

Figura 144 - Oliveira.



Fonte: Infoescola (2022)

- Tamareira (*Phoenix dactylifera*), Figura 145, é uma espécie de palmeira frutífera, seu fruto é denominado tâmara, no projeto, foi alocada na área externa livre do projeto na composição do jardim, mais precisamente nas proximidades da entrada secundária do auditório.

Figura 145 - Tamareira.



Fonte: Construindo Decor (2022)

- Pé de romã (*punica granatum*), Figura 146, árvore frutífera que dá o fruto denominado romã, também foi implementada na composição do jardim da área externa livre do ambiente, e também próximo à entrada secundária do auditório.

Figura 146 - Pé de romã



Fonte: YouTube (2017)

- Parreira, Figura 147, no projeto foi utilizada a do tipo *Vitis Labrusca*, segundo o portal Vinícola Campestre (2020) explica que possui boa resistência a altas temperaturas e são de fácil cultivo, por ser uma planta do tipo trepadeira, foi implementada no pergolado da biblioteca, auxiliando no sombreamento deste ambiente e compondo o paisagismo do jardim central.

Figura 147 - Parreira



Fonte: Canal Culte (2022)

- Murta (*Murraya paniculata*), Figura 148, árvore florida, alocada no jardim da área externa para auxílio no sombreamento do local.

Figura 148 - Murta

Fonte: YouTube (2016)

Para o estacionamento foi indicado uma árvore sem frutos, ao contrário da maioria das espécies descritas anteriormente a fim de evitar danos aos veículos, elas foram alocadas nos canteiros dedicados ao estacionamento de veículos, na zona oeste do terreno, além disso foi levado em conta a espessura do caule e o tamanho da copa para melhor sombreamento, a espécie escolhida foi:

- Samambaia (*filicium decipiens*), conforme a **Figura 149**.

Figura 149 - Samambaia

Fonte: Fazenda Citra (2022)

Além dessas espécies também serão inseridos arbustos floridos para composição estética paisagística do parque externo do projeto, como exemplares podem ser citadas:

- lantana- chorão (*lantana sellowiana*), Figura 150.

Figura 150 - Lantana- chorão.



Fonte: Top Tropicals (2022)

- Lilás da Califórnia (*ceanothus thysiflorus*), Figura 151.

Figura 151 - Lilás da Califórnia



Fonte: Faz fácil (2022)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, foi realizado um anteprojeto de arquitetura de um centro cultural de história judaica para a cidade de Catolé do Rocha – PB, como também, foram analisados relatos históricos e teóricos acerca da comunidade judaica ibérica que habitou o Brasil no período colonial, sobretudo na Paraíba, também foram analisados e ramos familiares de descendentes de cristãos-novos na cidade do estudo.

O presente trabalho foi importante para aprofundar o debate acerca da história dos judeus b'nei anussim, que colonizaram as terras nordestinas, sobretudo os sertões dessa região, esse assunto é de conhecimento relativamente novo e está em processo de desenvolvimento multidisciplinar, neste trabalho, a arquitetura serviu como ferramenta de preservação e divulgação da memória dos povos judeus que habitaram a Paraíba, dando destaque para a cidade de Catolé do Rocha – PB, como foi o caso do recorte histórico da família Maia, além disso, o desenvolvimento deste trabalho auxiliou a pôr em prática o conjunto de conhecimentos adquiridos ao longo da graduação, como: desenvolvimento projetual, manuseio de softwares, análises legislativas e normativas, análise de materiais construtivos, história e teorias relacionadas a arquitetura.

Acredita-se que os objetivos específicos: de historiar o contexto da imigração judaica e o processo de apagamento da cultura e a identificação de aspectos socioculturais do Nordeste dos quais é notória a influência judaica, foram atingidos por meio de revisões bibliográficas, que versam sobre os relatos históricos que aconteceram nesse processo migratório e a pesquisa documental nos arquivos da torre do tombo, apresentando nomes de pessoas condenadas no tribunal do santo ofício que de alguma maneira tinham ligação ancestral com um ramos familiares da cidade de Catolé do Rocha, como também, por meio da realização das entrevistas com os membros da comunidade judaica do estado da Paraíba, a fim de conhecer relatos que englobam o universo judaico do nordeste e as características dessa religião.

Em relação objetiva específicos, voltados para o processo projetual, de conhecer as características locais da cidade de Catolé do Rocha – PB, do ponto de vista físico, social e cultural, e a criação do centro cultural como espaço de difusão e preservação histórico-cultural, também se acredita que esses foram atingidos, por meio da elaboração de um diagnóstico detalhado do terreno escolhido para o projeto, no qual foi levado em conta: aspectos físicos, paisagísticos, urbanos, climáticos, legislativos e normativos, que envolvem a proposta, como também, por meio de estudos de referência projetual que possuem correlação com a temática judaica, por fim, através da elaboração do anteprojeto arquitetônico do centro cultural, com a

idealização de espaços multifuncionais, dedicados a realização de atividades de cunho cultural e educativo.

Os centros culturais, mostraram-se espaços de grande valor sociocultural, por meio da sua vastidão de usos, diversas atividades podem ser designadas para realização da composição do conjunto de um centro cultural, proporcionando aos usuários uma diversidade de afazeres, sendo assim, um espaço flexível.

O desenvolvimento deste trabalho, também contribui para a evolução da discussão da proposição de espaços voltados para cultura, para a cidade de Catolé do Rocha, como também, para o avanço das propostas de espaços dedicados a memória de minoritários das cidades interioranas, que de alguma forma auxiliaram direta ou indiretamente o desenvolvimento do país.

Por fim, é importante destacar que o trabalho se trata um anteprojeto, logo, caso haja a oportunidade de ser edificado, deverá ser realizado um projeto arquitetônico executivo, com mais especificações e demais projetos auxiliares.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, Fernando. **A diáspora judaica, o anti-semismo e o sionismo**. 2003. Disponível em: <https://repositorio.ual.pt/handle/11144/1774>. Acesso em: 05 abr. 2022.
- ARCHDAILY. **Centro de Interpretação da Cultura Judaica Isaac Cardoso / Gonçalo Byrne Arquitectos, Lda. + Oficina Ideias em linha – Architectura e Design, Lda**. 2014. Disponível em: https://www.archdaily.com/463072/center-for-interpretation-of-jewish-culture-isaac-cardoso-goncalo-byrne-arquitectos-lda-oficina-ideias-em-linha-arquitectura-e-design-lda?ad_source=search&ad_medium=projects_tab. Acesso em: 20 out. 2022.
- ARCHDAILY. **Midrash / Isay Weinfeld**. 2015. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/765724/midrash-isay-weinfeld>. Acesso em: 20 out. 2022.
- ARCHDAILY. **Museu da história dos judeus poloneses / Lahdelma & Mahlamäki + Kurylowicz & Associates**. 2013. Disponível em: https://www.archdaily.com/441658/museum-of-the-history-of-polish-jews-lahdelma-and-mahlamaki-kurylowicz-and-associates?ad_source=search&ad_medium=projects_tab. Acesso em: 20 out. 2022.
- ARCHDAILY. **Museu do Holocausto e dos Direitos Humanos de Dallas / OMNIPLAN**. 2019. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/926237/museu-do-holocausto-e-dos-direitos-humanos-de-dallas-omniplan>. Acesso em: 20 out. 2022.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 15220: Desempenho térmico de edificações** Rio de Janeiro. 2003.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 9050: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos** Rio de Janeiro. 2003.
- BALEEIRO, Cleber S. **JUDAÍSMO SEM TRANSCENDÊNCIA Análise do tema do judaísmo em um quadro de Lasar Segall**. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/PF/article/view/10810>. Acesso em: 12 ago. 2022.
- CARVALHO JÚNIOR, Roberto de. **INSTALAÇÕES HIDRÁULICAS E O PROJETO DE ARQUITETURA E O PROJETO DE ARQUITETURA**. 7. ed. São Paulo: Edgard Blucher Ltda., 2013. 90 p. Disponível em: https://www.academia.edu/29279569/INSTALA%C3%87%C3%95ES_HIDR%C3%81ULICAS_E_O_PROJETO_DE_ARQUITETURA_E_O_PROJETO_DE_ARQUITETURA_7_a_edi%C3%A7%C3%A3o_revista. Acesso em: 20 out. 2022.

- CARVALHO, Ricardo Ossagô de. **A construção da identidade brasileira a partir de Gilberto Freyre.** 2014. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/oficinadohistoriador/article/view/18973/12039>. Acesso em: 30 mar. 2022.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade.** 9. ed. São Paulo: Paz&Terra, 2018. 575 p. Tradução de: Klauss Brandini Gerhardt. Disponível em: <https://tonaniblog.files.wordpress.com/2019/05/o-poder-da-identidade.pdf>. Acesso em: 17 maio 2022.
- CATOLÉ DO ROCHA. Lei nº964 de 2004, lei de uso e ocupação de solo. Disponível em: <http://catoledorocha.pb.gov.br/images/arquivos/documentos/1538497601.pdf>
- CATOLÉ NEWS. **JOSÉ SÉRGIO, UMA VIDA DE LUTAS.** 2022. Disponível em: http://www.catolenews.com.br/plugins/p2_news/printarticle.php?p2_articleid=15076. Acesso em: 31 ago. 2022.
- CHABAD. **O Shofar.** 2022. Disponível em: https://pt.chabad.org/library/article_cdo/aid/618862/jewish/O-Shofar.htm. Acesso em: 16 set. 2022.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia.** São Paulo: Ática, 1995. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/533894/mod_resource/content/1/ENP_155/Referencias/Convitea-Filosofia.pdf. Acesso em 29 abr. 2022
- CIA, Gesso e. **VANTAGENS DO USO DO DRYWALL NO VERÃO**Gesso e Cia. 2022. Disponível em: <https://elegancyforros.wordpress.com/2020/01/30/vantagens-do-uso-do-drywall-no-verao/>. Acesso em: 21 out. 2022.
- COISAS DE CAJAZEIRAS. **Américo Sérgio Maia: padre e deputado.** 2018. Disponível em: <https://coisasdecajazeiras.com.br/almanaque/americo-sergio-maia-padre-e-deputado/>. Acesso em: 16 set. 2022.
- CONSIDERA, Andréa Fernandes. **Direito à memória e museus.** 2015. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/download/16909/15201/28354>. Acesso em: 30 mar. 2022.
- COSENTINO, Milena Callegari A **memória coletiva em famílias da Sociedade Israelita de Ribeirão Preto.** 2013. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/webmosaica/article/view/45018/28500>. Acesso em: 26 jul. 2022.
- CUCHE, Dennys. **A noção de cultura nas ciências sociais.** Bauru: Edusc, 1999. 245 p. Tradução Viviane Ribeiro. Disponível em:

<https://docs.google.com/file/d/0B3RkPYvqxxuMNDIyMWY2MjgtM2RmNi00YWZjLWExNjgtZmI2NWJiMjE2YTZAz/edit?resourcekey=0-fj1sGctW7A6exIxMAFzdPw>. Acesso em: 31 jul. 2022.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral e narrativa: tempo, memória e identidades**. 2009. Disponível em:

<https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/62/54>. Acesso em: 19 abr. 2022.

DEMAR, Gary. **Esta geração ou esta raça?** 2019. Traduzido por Felipe Sabine de Araújo Neto. Disponível em:

http://revistacrista.org/Artigos/Esta%20Geracao%20ou%20Raca_DeMar.pdf. Acesso em: 05 abr. 2022.

Descobrir Portugal. **O dia em que os judeus foram expulsos de Portugal**. 2018. Disponível em: <https://descobrirportugal.pt/dia-os-judeus-expulsos-portugal/>. Acesso em: 11 jun. 2022.

FELDMAN, Sergio Alberto. **Liturgia, educação e resistência cultural**. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/14485/pdf>. Acesso em: 12 ago. 2022.

FILGUEIRA, Marcos Antonio. **Os judeus foram nossos avós**. 2. ed. Mossoró: Fundação Vigt-Uno Rosado, 2011. 160 p. (C).

GALINKIN, Ana Lúcia. **JUDAÍSMO E IDENTIDADE JUDAICA**. 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3130/313027311006.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2022.

GESO E CIA. **VANTAGENS DO USO DO DRYWALL NO VERÃO Gesso e Cia**. 2022. Disponível em: <https://elegancyforros.wordpress.com/2020/01/30/vantagens-do-uso-do-drywall-no-verao/>. Acesso em: 21 out. 2022.

GOFF, Jacques Le. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 1990. 462 p. Tradução Bernardo Leitão. Disponível em: <https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%B3ria.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2022.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Revista do Tribunais Ltda., 1990. 188 p. Traduzido do original frances La memoire collective (2º edição). Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4005834/mod_resource/content/1/48811146-Maurice-Halbwachs-A-Memoria-Coletiva.pdf. Acesso em: 31 jul. 2022.

HALBWACHS, Maurice. **Les cadres sociaux de la mémoire**. Québec: Les Presses Universitaires de France, 2002. 299 p. Uma edição eletrônica feita a partir do livro de Maurice Halbwachs (1925), Os quadros sociais da memória. Paris: Félix Alcan, 1925. Coleção As Obras do

do	Ano	Sociológico..	Disponível em:
----	-----	---------------	----------------

https://www.academia.edu/26895723/LES_CADRES_SOCIAUX_DE_LA_M%C3%89MOIRE. Acesso em: 31 jul. 2022.

IBGE. **Catolé do Rocha - PB**. 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pb/catole-do-rocha.html>. Acesso em: 31 ago. 2022.

INSON, Nathalia. **O Que é Telha Isotérmica e Por Que ela pode Agregar Valor no Seu Projeto?** 2021. Portal Viva Decora. Disponível em: <https://www.vivadecora.com.br/pro/telha-isotermica/>. Acesso em: 21 out. 2022.

JESUS, Jeová Pereira de; SILVA, Gilberto Rineldi da. **Diversidade cultural brasileira advinda do processo de colonização**. 2021. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/3535/1378>. Acesso em: 19 abr. 2022.

LOWENTHAL, David. **Como Conhecemos o Passado**. Projeto História (17). São Paulo: EDUC, 1981.

MACHADO, Hilka Vier. **A Identidade e o Contexto organizacional: A Identidade e o Contexto Organizacional: Perspectivas de Análise**. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rac/a/Y7KdVD3kD5NKdmjQJCWtkYS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17 maio 2022.

MIELE, Neide. **Velhos “cristãos-novos” no sertão paraibano**. 2008. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cienciareligioes/article/view/3923> Acesso em: 24 abr. 2022.

MILANESI, Luís. **A casa da invenção**. 3. ed. São Caetano do Sul: Ateliê Editorial, 1997. 271 p. Disponível em: <https://pdfcoffee.com/milanesi-a-casa-da-invenaopdf-pdf-free.html>. Acesso em: 12 ago. 2022.

MOTTA, Márcia Maria Menéndez. **História e memória**. 2014. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2196>. Acesso em: 19 abr. 2022.

NAHMIAS, Max. **Criação de uma fundação de estudos e pesquisas sefaradis**. 2009. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/583jd/pdf/lewin-9788579820182.pdf#page=10>. Acesso em: 19 abr. 2022.

NDU. **O que o símbolo Chai significa?** 2022. Disponível em: <https://pt.ndu.ac/what-does-chai-symbol-signify>. Acesso em: 16 set. 2022.

NEVES, Renata Ribeiro. **Centro Cultural: a Cultura à promoção da Arquitetura**. 2012. Disponível em: <https://docplayer.com.br/11115918-Centro-cultural-a-cultura-a-promocao-da-arquitetura.html>. Acesso em: 12 ago. 2022.

NOVINSKY, Anita. **O legado do judaísmo à civilização brasileira**. 2009. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/583jd/pdf/lewin-9788579820182.pdf#page=10>. Acesso em: 30 mar. 2022.

OLIVEIRA, Halyson Rodrygo Silva de. **Mundo de medo: inquisição e cristãos-novos nos espaços coloniais.: capitâneas de pernambuco, itamaraca e paraíba (1593-1595)**. 2012. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/16966/1/HalysonRSO DISSERT_.pdf. Acesso em: 30 mar. 2022.

PEREIRA, Caio. **Estrutura Metálica: processo executivo, vantagens e desvantagens**. Processo executivo, vantagens e desvantagens. 2019. Portal escola engenharia. Disponível em: <https://www.escolaengenharia.com.br/estrutura-metalica/>. Acesso em: 04 nov. 2022.

PINTO, Zilma Ferreira. **A Saga dos Cristãos-Novos na Paraíba**. João Pessoa: Idéia, 2006. 383 p. Disponível em: <https://pt.br1lib.org/book/5899094/79b8a5>. Acesso em: 29 abr. 2022.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. 1992. Transcrito e traduzido por Monique Augras. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/download/1941/1080>. Acesso em: 25 jul. 2022.

PROJETEEE. **soluções bioclimáticas para projetar edificações energeticamente eficientes**. Disponível em: <http://projeteee.mma.gov.br/>. Acesso em: 16 de setembro de 2022.

RAGUSA, Helena. **A história dos cristãos-novos no Brasil colonial: escrita e representações nos livros didáticos nos últimos vinte anos**. 2011. Disponível em: <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/11251>. Acesso em: 24 abr. 2022.

RAMOS, Luciene Borges. **Centro cultural: território privilegiado da ação cultural e informacional na sociedade contemporânea**. TERRITÓRIO PRIVILEGIADO DA AÇÃO CULTURAL E INFORMACIONAL NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA. 2007. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2007/LucieneBorgesRamos.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2022.

RODRIGUES, Donizete. **Patrimônio cultural, Memória social e Identidade: uma abordagem antropológica**. 2012. Disponível em: http://www.reginaabreu.com/site/images/attachments/coletaneas/06-memoria-e-patrimonio_ensaios-contemporaneos.pdf. Acesso em: 17 maio 2022.

- SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura?** 1983. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=cGkvDwAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 24 abr. 2022.
- SILVA, Antonio Gutemberg da. **O marranismo na paraíba: aceitação, adaptação e resistência.** 2008. Disponível em: <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/11251>. Acesso em: 24 abr. 2022.
- SILVA, Giuslane Francisca da. **A memória coletiva.** 2013. Tradução de Beatriz Sidou.. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/59252/38241>. Acesso em: 26 jul. 2022
- SILVA, Maria Celina Soares de Mello e. **CENTRO CULTURAL Construção e reconstrução de conceitos.** 1995. Disponível em: https://www.academia.edu/41638196/CENTRO_CULTURAL_Constru%C3%A7%C3%A3o_e_reconstru%C3%A7%C3%A3o_de_conceitos. Acesso em: 12 ago. 2022.
- SOMAIN, René. **Religiões no Brasil em 2010.** 2012. Disponível em: <https://xdocs.com.br/doc/religioes-no-brasil-em-2010-dokr41ykrm8y>. Acesso em: 30 mar. 2022.
- SULMODULOS. **Como é feita a aplicação de drywall externo? Entenda aqui!** 2022. Disponível em: <https://www.sulmodulos.com.br/drywall-externo/>. Acesso em: 04 nov. 2022.
- TILIO, Rogério. **Reflexões acerca do conceito de cultura.** 2009. Disponível em: <http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/reihm/article/download/213/502>. Acesso em: 25 jul. 2022.
- VALE DO PIANCO. **Catolé do Rocha-PB 187 anos de história.** 2022. Artigo escrito por Clinton Medeiros. Disponível em: <https://valedopianco.com.br/noticia/21587/catole-do-rocha-pb-187-anos-de-historia.html>. Acesso em: 31 ago. 2022.
- VELOSO, Vinicius. **10 razões para executar lajes com EPS: conheça vantagens da solução.** 2022. Portal AECWeb. Disponível em: <https://www.aecweb.com.br/especiais/grupoisorecort/materia/10-razoas-para-executar-lajes-com-eps:-conheca-vantagens-da-solucao/17647>. Acesso em: 21 out. 2022.

**APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS MEMBROS DA
COMUNIDADE JUDAICA DA PARAÍBA**

1. Quanto tempo é adepto da religião?
2. Descobriu descendência? Se sim como?
3. Qual a cidade de origem da sua família?
4. Que costumes judaicos praticados entre gerações permaneceram em sua família?
5. Quais regiões da paraíba receberam mais imigrantes?
6. Influência do judaísmo no interior do Nordeste?
7. Quantos anussins fazem parte da sua comunidade? Segundos os relatos como descobriram essa origem?
8. Você acha importante a proposta de um centro cultural judaico? Como ele pode ser?

APÊNDICE B – ENTREVISTA COM JOSEMBERG CARVALHO

Data da realização da entrevista: 4/08/2022 às 21:25h.

1. Quanto tempo é adepto da religião?

Oficialmente tem 1 ano, certo, mas já estudava um pouquinho antes, no ano de 2009 mais ou menos, em um almoço com um professor meu, estava concluindo o curso de matemática, ele chegou para mim e disse “olhe Berg sabia que tu tens origem judaica” eu fiquei meio assim, “mas porquê?” Ele começou a explicar e aquilo me interessou naquele primeiro momento, e comecei a pesquisar e existiam vários artigos na UFPB e em outras fontes aqui na região que tratava justamente desse povo dessa história dessa origem da genealogia da população, eu tenho dessas origens fiz minha pesquisa genealógica e tenho dois ramos ligados a essa tradição, a família dos carvalhos e a família dos Coutinhos, carvalhos da região de Monteiro natural ali de serra branca e os Coutinho aqui na região do Seridó próximo ao rio grande do norte então fui me aprofundando e foi coisa que que foi uma coisa puxando a outra, comecei a pesquisar sobre as comunidades judaicas na região e existia uma falta dessa comunidade da parte da religião, já sabia história e tradições mas especificamente da comunidade aqui na Paraíba deixa um pouquinho a desejar até que alguns anos atrás se criou a comunidade judaica em João Pessoa tem uma comunidade um pouquinho mais forte e ressentem-te abiu a sinagoga aqui na cidade onde eu moro Santa Rita e é a que estou hoje.

2. Descobriu descendência? Se sim como?

Acho que a primeira já respondeu um pouquinho, que foi justamente, esse professor trouxe a nota a partir dos meus sobrenomes e a partir disso comecei a pesquisar fazer pesquisas genealógicas e bateu a pesquisa em cima tanto do meu sobrenome quanto da região onde moravam cruzando com os registros lá da torre do tombo

3. Qual a cidade de origem da sua família?

A minha vó materna, é da região de Monteiro na Paraíba, na realidade ela nasceu em Serra Branca, mas a família dela era lá de Monteiro e da minha vó paterna é da região dali de Nova Cruz já pegando para o Seridó.

4. Que costumes judaicos praticados entre gerações permaneceram em sua família?

Existiam algumas coisas que eu sempre achava meio estranho meio esquisito inclusive devido a mistura de religiões acabava chamando atenção ficava perguntando isso é da religião mesmo? Porque por exemplo minhas duas avós eram católicas, mas elas tinham algumas características que não eram ligadas ao catolicismo por exemplo minha avó materna ela limpava qualquer animal ela tinha costume de tirar o tendão da perna do animal e eu dizia porque a

senhora tira isso daí? Não porque minha vó e minha mãe tirava e dizia que tinha que tirar a questão das rezas que elas faziam em determinadas horarias sempre foram muito religiosos sempre tinha alguma característica ligadas a alguns símbolos mais específicos inclusive o meu avô, por parte dessa minha, meu bisavô por parte dessa minha vó paterna, as minhas tias diziam ele tinha uma religião diferente a gente não sabia explicar o que era ele tinha uns costumes diferentes ele não era católico, ele tinha os pais dele tinham vindo de fora, então era um negócio meio esquisito pro pessoal da região naquela região ali de nova cruz de Carau na divisa do Rio Grande do Norte com a Paraíba.

5. Quais regiões da paraíba receberam mais imigrantes?

Na realidade esses judeus ficaram localizados no litoral, primeira parte ali na região litorânea, inclusive muitos ficaram no que período que teve a colonização por parte da Holanda, que colonizou essa região do Nordeste eles afluíram é tanto eu a primeira sinagoga das américas foi ali em Recife existe estudos que sugerem que até 30% da população adulta de cidadãos pra época considere ai homens acima de 21 anos brancos, 30% dessa população eram judeus praticantes na cidade de Recife no período holandês porque o governo holandês era muito permissivo com os judeus ao contrário do que era Portugal então a comunidade lá foi muito grande tanto que foi a primeira comunidade oficial nas américas quando houve o retorno da coroa de Portugal essas terras o pessoal foi se deslocando pro sertão porque se eles ficassem no litoral eles não poderiam mais professar a cultura e a religião deles então medida que eles iam pro sertão eles iam montando suas comunidades longe da metrópole longe dos olhos da coroa e da igreja e viraram aquilo que chamam de criptojudeus, eles mantinham as tradições ali na comunidade dentro de sua casa mas quando chegava algum de fora ia e eles não aqui a gente é católico como diz só de fachada.

6. Influência do judaísmo no interior do Nordeste?

Eu vou lhe dar uma sugestão que talvez você tiver como anotar você dá uma pesquisada cidade de Boa Vista, coloca assim o logo da cidade, o brasão, quando você abrir o brasão pra quem conhece o pouco dessa tradição vai bater o olho e vai ver o brasão dela é cheio de símbolos judaicos tem uma *menorah* lá feita com um cacto mas na realidade é uma *menorah*, tem a estrela de Davi tem um sol tem vários elementos que são que assim eles estão codificados ali mas são bem claros pra quem conhece um pouco da tradição e basicamente o Nordeste o Nordeste da gente o sertão ele tem muitos elementos e esses elementos acabam por confundindo com a igreja católica, só que não são elementos específicos da igreja católica, são elementos que foram incorporados por exemplo essa reza das seis horas inclusive a música ai de Luiz Gonzaga fala sobre isso “quando bate as seis hora, de joelhos sobre o chão” não é uma tradição católica é

uma tradição católica do nordeste, porque foi influenciado justamente por essa cultura a questão de determinado dias da semana então meus tios meus avos sempre comentavam que meus bisavós na sexta feira já não tomava banho só tomava banho na noite do dia seguinte não penteava o cabelo tinha um bocado desses negócios, e perguntavam porque isso não porque “são religiosos” mas tudo foi consequência dessa tradição que vieram antes deles, e isso aí você não encontra na igreja católica em outro lugar no mundo só encontra aqui no nordeste e principalmente no povo sertanejo.

7. Quantos anussins fazem parte da sua comunidade? Segundos os relatos como descobriram essa origem?

A comunidade é pequena então ela foi montada há pouco tempo então de anussins temos 4 fora os que não são anussins que não são descendentes não fizeram a pesquisa genealógica, os que fizeram pesquisa genealógica e que tem realmente a descendência nós temos 4 eu estou dando esse dado por pessoas que comprovadamente entendeu? Os outros não fizeram ainda então não dá para é uma incógnita.

E as histórias são as mais diversas possíveis então como essa no meu caso eu acabei descobrindo porque um professor meu comentou então eu sai pesquisando e fui atrás já pros outros acabaram que escutavam sempre alguém da família comentando alguma coisa e dizia olha pessoal os antepassados da gente tinham uma religião diferente ou veio de fora e tinha algum costume diferentes e acabava que quando essa pessoa tinha curiosidade de pesquisar e ir atrás descobria justamente essa esses detalhes nesse sentido essas pessoas que são comprovadamente anussim na comunidade tinha a mesma história.

8. Você acha importante a proposta de um centro cultural judaico? Como ele pode ser?

Ela resgata toda memória desse povo porque essa memória ela foi jogada pra debaixo da cama, debaixo do tapete, ninguém visse, mas ela continua incomodando por assim dizer, por você chega no sertão pessoas antigas que tem essa simbologia, você através da cultura do povo, muitos desses símbolos e o próprio corpo o próprio rosto é quando você olha pra um sertanejo a primeira coisa que você vê é o nariz mais avantajado que é uma das características do semita então eu consegui nascer sem esse nariz avantajado mas se você pegar meu irmão meus primos meus tios tudinho tem um pouco dificuldade de sugar ar.

Eu acho que as documentações que estão disponíveis lá na torre do tombo pelo menos as cópias delas elas são fáceis a maioria estão digitalizadas então dá pra você ter acesso porque elas de certa forma elas contam bastante essa história então você através desses documentos você conhece um pouco sobre a trajetória de Branca Dias você consegue, Branca Dias em si foi um símbolo ficou como um símbolo dos judeus que foram perseguido justamente por sua

tradição então está bem exposto lá está bem documenta a situação dela tanto a vida dela antes da prisão quanto a vida posa prisão e ela ser levada lá para Portugal esses documentos são bens fariam a diferença.

APÊNDICE C – ENTREVISTA COM MONALIZA GEOVANA

Data da realização da entrevista: 11/08/2022 às 12:55h.

1. Quanto tempo é adepto da religião?

Assim, o judaísmo de fato né, desde meus 12 anos, dos 5 aos 12 nós não vivemos nenhuma religião de fato meu pai estava estudando muito a bíblia e aos 12 anos nos fomos para o judaísmo.

2. Descobriu descendência? Se sim como?

Eu fui para o judaísmo por conta da fé, certo? a fé monoteísta e tudo mais, mas um pouco mais do meu *gyiur*, que é a conversão certo nos conversamos com várias outras pessoas começamos a ver que nossas famílias tinha muitos costumes judaicos e as famílias tinham muitas coisas em comum entre elas tipo a gente “a minha vó não deixa a gente varrer pra fora ou na sexta feira ascendia uma vela” na minha família tinha minha trisavó ela vendia doces e tem um doce chamado espéce não sei se você conhece, e ela fazia o chouriço pra vender sendo que ela não vendia o chourisso que é o sangue do porco porque ela dizia que era carregado que não fazia bem ela comia só o de espece e ela não explicava o porquê só comia o daquele ela também tinha um sitio é porque nesse sitio quando meu primo descobriu que eu estava investigando sobre o judaísmo ele meio que vetou sabe? Mas nesse sitio tem um lugar que ele dizia que as pessoas tomavam banho pra tipo se purificar principalmente as mulheres depois né do seu tempo menstrual ai assim algumas mulheres da minha família cobriam a cabeça se vestiam de forma amais recatada guardavam o tempo menstrual tinha um tempo, a quarentena que fica depois que a criança nasce também meu pai conta uma história que tinha é uma oratório no caso minha bisavó dele avó dele tinha oratório com um *shin* gravado ele até perguntava o vó esse garfo ai é para que? Por que esse garfo? Ai ela: “oxe menino não se meta em negócio de adulto não isso não é de sua conta não”, ela não dizia o porquê hoje se sabe, mas no tempo não, conversando com meus amigos escutando as histórias que veio esse resgate, mas eu não fui para o judaísmo pelas minhas raízes, eu encontrei minhas raízes no judaísmo.

3. Qual a cidade de origem da sua família?

Maternas: santa luzia São José do Sabugi sítios que ficam ao redor certo? E do meu pai é.... eles vieram lá de Pernambuco São Caetano, aí vieram aqui para Campina Grande, ele já cresceu aqui em Campina, mas minha vó e minha bisavó tudo de lá

4. Que costumes judaicos praticados entre gerações permaneceram em sua família?

Como nós somos praticantes do judaísmo né? tem a questão das mulheres no seu resguardo menstrual, temos as questões das velas, na minha família nós não identificamos a separação de

carne com o leite claramente mas também nos fazemos isso pelo judaísmo só, tem muitas coisas que nós fazemos hoje por conta do judaísmo mas não por que por resgatar, minha mãe até hoje fica com agonia se eu varrer pra fora, ela acha tipo tivesse xingando a família dela, _risos_ ai mas assim eu acho ... sim na minha família do sertão tem a questão da agua do pote que fica sendo trocada quando alguém morre e também cobrir os espelhos quando alguém morre também esses costumes tem bem lá e casamento entre primos ainda hoje a galera do nordeste do interior eles ainda casam entre com a mesma família no caso, entre eles e tal,

5. Quais regiões da paraíba receberam mais imigrantes?

Assim, é eu sei que nos arredores de Santa Luzia, Santa Luzia foi fundada por judeus, é, e os arredores certo agora com precisão as cidadãs eu não tenho em mente não.

6. Quantos anussins fazem parte da sua comunidade? Segundos os relatos como descobriram essa origem?

É eu tenho, deixe eu ver, tem a família de Cicero que ela é lá de Juru que eles carrega a questão da separação de carne com leite na mesma cozinha, na cozinha a avó dele ou é a bisavó tem utensílios de carne e utensílios de leite e até hoje ela não come por dizer que faz mal também o eles pegavam o cordão umbilical da criança e colocava enterrava debaixo de uma árvore ai tem uma explicação que eu não lembro, tem a família dela, tem a família de Magda de Juru que mais assim ela ainda está como a minha certo, fica meio confuso as vezes mas tem algumas coisas pontuais como acendimento de velas e tudo mais, também de juru tem a família de Sergio que tem muitos costumes igual minha família inclusive descobrimos que somos família um pouco longe nos carregamos o mesmo sobrenome que é o Moraes que quando a gente bateu eles também tem na família a questão feminina de resguardo tanto pra grávidas quanto na menstruação a questão de vela a questão de ter um dia na semana a sexta feira que não fazia nada da sexta pro sábado, tudo isso entre nossas famílias tem. Ai deixe eu ver tem a família dos ribeiros que é muito forte aqui em Campina Grande eles relatam até que é uma bisavó falava aquela sequência de tem uma brincadeira pra crianças é uma cantilão que é uma sequência que memória que vai aumentando progressivamente e quando eles eram criança a bisavó deles cantavam pra eles sem saber que era alguma coisa, e ela não explicava muitos costumes por medo ai assim é tinha a galera de Recife também não sei se vai cair na sua pesquisa, tem a família de Hugo Borges também tem costumes na família assim cerca de 80% 90 % das pessoas que fazem parte do judaísmo aqui na Paraíba que eu conheço tem essa ancestralidade independente se veio por ela ou não.

Assim, é uma pergunta meio complicada, é vou lhe explicar por conta de pandemia e questões específicas de grupos alguns grupos se separaram, então assim tem vários povos

várias casa várias famílias que fazem seu *shabat* suas festas entre amigos mas comunidade de fato temos 2 ou 3, é o seguinte acho que, eu hoje faço parte do sinagoga sem fronteiras, sinagoga sem fronteiras ele está ai 10 anos 10 15 anos já estava procurando essa questão da ascendência eles começaram com contato lá com seu Joao lá do rio grande do norte e vieram pra cá certo começaram um movimento com as pessoas que eram judias e estavam ente aspas isoladas esse movimento veio pro nordeste e irradiou pra todo o Brasil mas aqui em Campina Grande o grupo mais antigo no caso tem a *Magen David* tem família dos ribeiros eu já participei da *Magen David* tem a família dos ribeiros que também é do sinagoga sem fronteiras e também tem a família, esqueci o sobrenome deles, já falei dos ribeiros... é da família ramos que também é minha família, desde que quando eu (era) sou criança eles já praticavam o judaísmo de fato é como eu lhe disse tem várias famílias, elas já faziam seu judaísmo e não sabiam e foram aprimorando ao longo do tempo certo?

7. Você acha importante a proposta de um centro cultural judaico? Como ele pode ser?

Seria muito bom e até é algo que dona Jacque que foi a pessoa que eu lhe indiquei ela já começou a fazer isso, que é dados que a pessoa que tivesse tal sobrenome tal origem pudesse ver se tinha alguma conexão pra facilitar justamente essa identificação então uma rede de dados uma ficha com nomes uma ficha documental também uma facilitação pra acesso a documentos pois sabemos que a igreja tem um poder muito grande em cima desses documentos então se tivesse como o centro tivesse algumas vias desses documentos afim de preservar pra preservar a história seria muito bom eu não sei se você teve essa dificuldade mas eu tive algumas igrejas quando a gente chega pra falar sobre judaísmo eles vetam eles não deixam, eles dizem que o documento não está lá ,enfim horrível.

Acho muito bom o resgate de documento, relatos, fotos, materiais que a família mesmo construa, tem famílias que produziram suas próprias *mezuzot*, dados que retratam vamos dizer... pessoas mais importantes mais influentes,

Também temos que sempre preservar uma mentalidade de saber que aquela história é viva porque, assim a gente sempre remete sempre cultural quando algo parada isolada morta, mas nessa questão é algo que ainda estava sendo que é vivo a verdade é que tentaram extirpar todas as árvores, mas as sementes estavam brotando, estamos voltando com tudo, que essas sementes tenham espaço para falar para aprender que é ideia de dona Jacque do rabino. Sempre as portas para que as pessoas possam se conhecer mais sobre si mesmas sobre sua história e se encontrar na verdade.

APÊNDICE D – ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM RABINO OFIR DI VAVOHO

- 1- Como ocorreu, e quais motivos levaram, a vinda dos judeus para o Brasil no período colonial?
- 2- O que levou a comunidade daquela época a procurar refúgio nos interiores do Nordeste?
- 3- História dos judeus na paraíba, quando e como surgiu a comunidade judaica da Paraíba?
- 4- Em se falando de Paraíba, como a comunidade judaica foi influenciada e como ela influenciou os povos e a cultura desta localidade?
- 5- Características dos b'nei anussim, como os identificar?
- 6- Em quais costumes do Nordeste brasileiro é possível verificar elementos da cultura judaica?

- 7- Quais os principais elementos da cultura judaica? (Festas, alimentação, costumes)
- 8- Quais os principais símbolos da religião judaica? (Ritualísticos e os que são carregados no corpo, algum destes é considerado o mais sagrado?)
- 9- Quais as diferenças judaísmo histórico, religioso, cultural, regional, assimilado e comunitário?

APÊNDICE E –ENTREVISTA COM RABINO OFIR DI VAVOHO.

Data da realização da entrevista: 17/08/2022 às 19:00h.

1. Como ocorreu, e quais motivos levaram, a vinda dos judeus para o Brasil no período colonial?

No período colonial, não sei citar datas, sociais e políticas, a questão do nosso povo na Europa foi em relação a diversos fatores tanto sociais como econômicos e culturais porque existe a expressão inquisição como um controle superficial da igreja católica sobre o domínio do povo colonizado então Portugal Espanha foram os dois países que mais tiveram influência na santa fé o que acontece os judeus saem para o mundo todo na diáspora teve a ramificação judaica em diversos locais do mundo uns foram Europa outro pro oriente médio outros para ocidente vários continentes assim dentro da comunidade judaica nos temos um costumes muito forte uma tradição muito assídua que passa se passa de geração em geração essa situação todos.

os povos sejam eles em qualquer continente tiveram uma manifestação judaica muito forte, muito enraizada, passando de geração em geração, tanto *tanach*, *torah*, *talmud* esses livros ajudam a assessorar a liturgia e o conhecimento de toda tradição judaica dentro daquela família isso posto todas as pessoas que chegaram na situação ser considerados, pela igreja católica, de hereges foram perseguidos, existe um fato muito interessante um rabino na Espanha ele dizia “todos nós temos que...inaudível...” pois a igreja católica em si estava totalmente voltada ao domínio do povo usando todas as atribuições dos fatos cristãos oriundos judaísmo não se pode negar

Na realidade não foi só por questões territoriais e financeiras foi por questões o fato é: um povo está localizado em seu país e vem outro povo domina aquele povo absorve a religião nasce dentro desta forma de domínio uma nova forma de visionar a deus, ou forma de intelectualidade entre deus e o homem, e cria a religião católica após todos os conceitos alicerçar base da igreja todo um conjunto de *sefarin*, livros, pra compor a bíblia daí essa correlação no mundo todo de um forma forte intensiva e quem fosse contra quem fosse atrapalhar esses planos teria de sumir, então o fato mais natural da perseguição do nosso povo, não só do nosso povo mas de outras etnias voltadas contra a igreja católica.

o maior fato foi o atrapalho o embaraço, a questão do medo daquilo não se propagar porque pegaram nossos livros como acontece hoje, pegaram nossas tradições criaram uma nova religião, nós fomos impedidos de requerer a autoria e o domínio desse material fato é que quando a evolução dos judeus nas questões financeiras, de ensino, de instruções religiosas foi uma ameaça pra o domínio da igreja católica eles pensaram “nós temos que aniquilar esse povo, nós

temos que fazer com que eles entrem na nossa religião para que favoreça e testifique que nós estamos certos em relação a deus e o homem entoa o que mais levou a inquisição ao nosso povo foi nossa perseverança a nossa, nossa forma de viver o judaísmo forte vivo.

o fato é esse somos uma ameaça aos planos católicos então se chega ao um ser humano individuo o conhecimento vocês estão falando em suas bíblias em suas tradições em um povo esse povo existe esse povo não morreu então vamos procurar esse povo para saber o que realmente está inscrito na *torah*, na bíblia, e ameaçaram a formação da igreja católica, as vezes fantasiam “por causa de dinheiro, por causa de terras”, não, foi por uma ameaça a consolidação do catolicismo no mundo, então no momento que a religião se sentiu ameaçada, na questão de vamos procurar esse povo para saber o que realmente está inscrito na bíblia sagrada e toda a verdade vai aparecer e o mérito vai sair de nós e nós vamos perder o domínio do mundo e assim foi a igreja católica nos anos anteriores houve toda um coerção, ou aceita católico ou vira *goy*, morre na inquisição, é herege, então o maior fato que fez com que existisse a perseguição dos judeus em qualquer lugar do mundo, não so da Europa, foi simplesmente a teologia da fé judaica e a verdade da *torah* transmitida de forma errada, todo o planeta usa esse livro independente de religião, e o maior fato é dizer que uma pessoa que não tinha nada a ver com nosso povo, não tem raiz judaica, ensinamento e tradição vem ensinar pra nós as coisas que estão na bíblia, que são pertencente ao nosso povo, então o maior fato o maior força que foi o motim pra perseguição do nosso povo no mundo foi nossa e fé e nossa verdade.

2. O que levou a comunidade daquela época a procurar refúgio nos interiores do Nordeste?

No brasil todos os descendentes de judeus que vieram na colonização já vieram no sentimento de refúgio o sentimento de encontrar uma nova oportunidade sem perseguição mas infelizmente não foi isso que aconteceu, nós temos uma questão de genéticas envolvida de etimologia de ascendência territorial, o que isso significa rabino?, significa que você vivendo uma questão que de alto valor oriente médio e toda uma demanda de situações territoriais que favorece nossa saída para o sertão nordestino, fugir pra aquele lugar, na perseguição, mas eu não esperei aquela área, não tem nada de uma questão de beleza, estou numa região e estou tentando encontrar uma nova vida e esse local que eu cheguei já estão proliferando a inquisição eu vou procurar o que vai favorecer o meu status de ambiente, que é o sertão, o oriente médio é quente, o sertão é quente, estarmos lá trabalhar no deserto, trabalhar no que aparecer a caatinga a as matas os animais e poder sobreviver nessa forma de fugir da inquisição, então são fatos reais, o ambiente favoreceu e quanto mais longe da inquisição melhor pro nosso povo.

3. História dos judeus na paraíba, quando e como surgiu a comunidade judaica da Paraíba?

Hoje em dia existe muitas formas de se vê o judaísmo eu posso dizer que o judaísmo surgiu na paraíba quando uma pessoa duas ou três das quais trazendo uma bagagem do oriente médio da Europa para o brasil na colonização trouxe as questões das tradições judaicas e ramificações judaicas a gente não pode dizer que o mesmo judeu que estava em Recife tinham as mesmas tradições dos judeus que estavam aqui na paraíba, existe uma análise, essa questão de diferenças de comunidade ela existe, é um fato real, não se pode esconder isso, então o que acontece as primeiras comunidades que surgiram no brasil são oriundas de pessoas que chegaram nas caravanas, que chegaram com essas tradições, que até traziam posses, diamantes, traziam ouro escondido, e aqui tiveram condição de proliferar a forma de vida sem contar com o judaísmo.

Judaísmo é uma coisa interna, se você falar para mim rabino quando foi que começou a comunidade aqui na paraíba? Na colonização ponto final agora claro durante os séculos, os anos passando, a tradição morrendo, a tradição muito debilitada, a tradição sendo miscigenada, isso vai morrendo e hoje existe esse povo aí espalhado pelo brasil, que são descendentes do nosso povo, reivindicando judaicidade, reivindicado vida judaica sem entender que o judaísmo está dentro de cada um de nós, a comunidade que tem atual que tem aqui ela tem uma forma de enxergar e ver o judaísmo pelo modo do mundo em que ela vive, o ambiente, se você disser assim rabino vamos reunir todos os paraibanos que são descendentes de judeus, vamos trazer um rabino ortodoxo pra cá, ele não vai aguentar, ele não vai suportar, porque o rabino ortodoxo deve seguir as *mitzvot*, deve exigir a *halacha* dentro da comunidade e o judaísmo não são só as 613 *mitzvot*, judaísmo envolve tudo na vida do ser humano.

Então dizer quando começou a comunidade no passado, a atual, sempre existiu judeu aqui, desde o tempo da colonização, as comunidades foram miscigenadas “foram pinceladas” uma aqui outra ali agora por outro lado existe a *halacha* judaica, existe a *torah* que regeu todo esse povo independente de achar que podia seguir *mitzvot* ou não podia fazer *yom kipur* ou não podia trabalhar no *shabat* ou não, judaísmo sempre existiu agora as formas de aparecer são as que comentei agora, não posso dizer que a comunidade surgiu em mil seiscentos e pouco, oitocentos e pouco, seria mentira... existe desde tempos anteriores para não jogar na mídia uma forma que não é verdade, então respondendo à pergunta desde o tempo da colonização existe comunidades e essas comunidades aqui na Paraíba, no alto sertão, minas gerais... não há época para que o judaísmo tenha aparecido no brasil existe a colonização? Existe a descoberta do brasil? Existe, mas já havia descendentes de judeus há muito mais anos.

4. Em se falando de Paraíba, como a comunidade judaica foi influenciada e como ela influenciou os povos e a cultura desta localidade?

Muito bem, vamos falar de influência, a influência tem de ser da seguinte forma de raciocínio, uma comunidade chega com sua tradição, uma comunidade chega com sua forma de viver bem no início dos percalços da inquisição quais são as dificuldades a tradição vai ter nesse período dentro desse pensamento vamos dizer o que significa influencia, ele está rezando no alto sertão com seus *peiot*, ele está fazendo todas as *brahat shacharit* nossas rezas elas são cantadas elas não são ... são músicas são rezas, alguém vê... gosta da melodia e criam uma versão disso e aparece de repente, aparece outra forma musical modificada e ai essa é a influência “a gostei disso vou fazer igual” porque esse povo faz assim ,faz assado? Existe muitas culturas, existe muitas tradições, dizer “ah minha família era judia porque varria a casa assim... porque fazia isso no *shabat* não quer dizer nada”, a gente não pode dizer que uma pessoa é judia porque fala que isso e isso, judaísmo está no coração de cada um a mais fácil a gente ter influenciado o povo sem querer sem intenção.

O povo chega... chegou... um povo aqui! Mas quem não era estranho no Brasil? Dizer que trouxe tradições ancestrais dizer que só foi o judaísmo que influenciou o brasil no Nordeste, nessa região, principalmente na paraíba não é fato, existe culturas orientais, existe culturas africanas, então não é só essa maneira judaica de produzir que influenciou essa região há uma miscigenação de porquês de pensamentos de raças, alguns pensamentos parecidos com os nossos, então a influência foi indireta e imperceptível e aos poucos foi forçada.

Agora, se você trata de forma isolada de uma comunidade judaica que está envolvida com outras comunidades que não são judeus mas que faz... existe a questão do trabalho... existe a questão da amizade... do casamento das histórias... do social então relaciona com a cultura da gente principalmente quando se observa a questão da fé dizer que nosso povo influenciou diretamente porque o povo achou bonitinho não é um fato... a maioria das pessoas tem o judaísmo como se fosse uma varinha de condão... eu vou ser judeu virei “Harry potter vou mudar minha vida, vou ter status de judeu Israel vai me dar isso, vai me dar aquilo, vou ter como viajar, vou possuir isso e aquilo... e no fim cade o judaísmo? Cadê do homem para Deus?” Isso vale para uma rabino e qualquer outra forma se está de acordo com deus e isso levou a muitas questões de perseguições na história do nosso povo, então dizer que nos influenciemos diretamente e indiretamente é verdade, mas não de uma forma querendo, de uma forma discriminada, de uma forma projetada, é fato, exemplo você é judeu e eu não sou eu sou um goy as vezes você chega em sua casa você está varrendo assim “oxe porque você varre assim?” ah porque é tradição porque, a forma de pensar na questão de influência é muito deturpada por isso iniciei com você uma conversa sobre o que é influenciar algo, influenciar alguém é dar coisas que uma pessoa acha que vai se beneficiar e vai ser bom pra vida dela e elas vão executar

então dizer que houve influência judaica é um fato agora dizer que foi uma forma direta que os judeus influenciaram diretamente o povo da paraíba e do resto do mundo isso não é verdade existe muitos pormenores por trás disto, de uma possível influência de uma razão ou vontade de ser influenciado.

5. Características dos b'nei anussim, como os identificar?

Essa questão anussim vou falar de uma forma que venho falando sempre, o que é anussim, as pessoas que são consideradas anussins existe em várias categorias uma pessoa que simpatiza com o judaísmo, tem a que o nome em raiz, que é um nome tradicional, das pessoas que mudavam o nome aqui que vieram de outros países pra cá de nome pereira ferreiras oliveira continuo o judaísmo sem ter outra religião o pai e a mãe muitas vezes nem sabe o que pode me garantir que esse indivíduo que a raiz dessa família é uma raiz tradicional judaica ou uma família que foi influenciada há 200 ou 300 anos atrás que hoje pratica uma forma de viver judaica por influência ou por benevolência por que acha bonito etc... por que passou de geração em geração então muitas vezes dizem “rabino esse cara assim” certo meu filho você é anussim? É por que você acha que você é anussim? Ah porque meus avos varriam a casa assim, minha mãe fazia assim... a maior prova que pode ter até 1800 para cá século 19 ... século 18 é a documentação.

A documentação e a maior prova que você tem se é uma família tradicional, organizada, que tem valores, que guarda documentos, que tem uma organização social e política bem forte, que guarda documentos, registro tudo escondido aí o descendente vai ter a prova de 1800 pra cá é mais difícil provar quem é e quem não é anussim, vai do indivíduo “eu sou anussim” por que você anussim? Porque eu sou judeu, pornto ta ótimo, agora para provar mesmo que você é anussim tirando a questão de documento existe um programa de percepção, nos rabinos temos uma forma de enxergar o ser humano, como um raio x, o cara chegar para mim e dizer “rabino eu quero me converter” o que você responderia? “eu me sinto assim essa forma...” muitos anussins até aqueles que conseguiram provar foram pra *herets* em Israel e quebrou a cora pois não conseguiu acordo com a tradição o povo quer ir pra Israel mas n tem preparo n tem intimidade então o anussim pode ser reconhecido através da questão da personalidade dele e da força da alma a força da alma vai dizer se você é judeu, se é anussim, cabe ao rabino coerente conciso com a forma de saber dele dizer eu vou aceitar a sua verdade do judaísmo ei você é abraçado e vai lutar por sua causa até chegar ao *beit dim* em Israel isso é uma forma a outra é documento.

Outra é amor ao povo judeu a simpatia e a quarta e o sensacionalismo você sabe que existe rabino “povo judeu tem dinheiro, povo judeu tem... todo judeu é isso”, mas nem todos dizem

que “muito judeu morreu, muito judeu foi caçado, ” se tiver uma inquisição hoje, quem quer ser judeu? Muito pouco quer ser judeu, mas pra essa pergunta vou responder com toda força da *shechirat* anussim existe e eles estão vivos cabe a eles perseguir a adoração a YAH e ver o judaísmo o fundo do coração e o resto deus toma conta, qual o pai que não toma conta do filho? Então se você é um judeu se se sente um judeu, entrei em uma religião entrei em outra isso aquilo... no judaísmo eu encontrei... vive o que o *hashem* está mandando, então identificar um anussim não é uma forma muito fácil, tem documentação? Não então vamos ver sua alma, não é o corpo que interessa é a alma *nefesh*, interessa ao criador você morre hoje acreditamos na reencarnação você sabe disso, morre hoje, nasce em outra família em outro tempo a alma esta perpetuando, e ela que interessa, ela que é anussim, ela que é um marrano, identificar um anussim não é fácil, mas não é impossível.

6. Em quais costumes do Nordeste brasileiro é possível verificar elementos da cultura judaica?

Você chegar em cada região desse país e dizer nosso aquele povo é judeu aquele povo tem costume judaico é muito complicado não é um carimbo você não pode entender isso como um carimbo, já falei anteriormente na primeira pergunta sobre a influência de outras raças etnias no Brasil agora a tradição observada por uma pessoa experiente no judaísmo vou dar um exemplo estava viajando em um ônibus para Recife para qualquer lugar do país você vê comportamento judaicos nítidos fortes e ainda mais a devoção, a devoção é uma das maiores formas do judaísmo então você vê maneira de viver, maneira de arrumar o prato, maneira de varrer a casa maneiras aquilo e aquilo outro são costumes que... inaudível... então essas formas de pensamento essas formas de ver a origem.. Esses é judeu e esse não é incompleto, mas são esses resquícios que encontramos na sociedade a maneira de vida... você vê muitos barões aqui do Brasil eram judeus, mas ninguém sabia, que ele tinha raiz judaica e o comportamento do cara era como qualquer outro você vê que sempre é essa conversa eu sou judeu porque meu pai fazia isso, mas isso não garante nada, a vida dele comunidade tradição costume e *havoda* reverencia a deus então muitas pessoas sente ainda ...inaudível... Não há uma forma fixa.

7. Quais os principais elementos da cultura judaica? (Festas, alimentação, costumes)

Como lhe falei em uma comunidade judia, qualquer raça etnia ela se mantém e reconhecida o carimbo da comunidade como ela se permanece por meio tradições e costumes, nossas festas *pesach* nossas festas, *yom kipur*, *pesach*, festas íntimas do nosso povo são questões que fazem com que aquela tradição se mantenha e elas são fortes no nosso mundo porque são coisas que nós temos que fazer porque são ordens de *hashem* nós temos que fazer *yom kipur*, nós temos que fazer *shacarit*, temos que fazer as 613 *mitzvot*, então tudo isso é o fortalecimento que deus

mandou e escolheu para melhor fortalecer o povo, se deus quisesse que nos fossemos um grupo de pessoas de judeus nordestinos e o povo gosta de carnaval que celebrassem o carnaval, deus ia estabelecer rezas que favorecesse essa cultura, então quando ele estabelece o *shabbat* que está muito mais além de pensamento estabelece as regras e o ... do nosso povo isso é uma percepção..... Deus de toda forma e dimensão ele entende que nós somos falhos, entende que nós somos pessoas que tendemos a esquecer as coisas até um pouco de preguiça um pouco de desleixo, desta percepção divina ele estabelece *mitzvot* para fortalecer a união congregação e a vivência da cultura e tradição do nosso povo, em *mitzvot* não tem como discutir que aquele povo ou é uma família um povo judeu, “não existe torah sem pão nem pão sem torah” existe várias interpretações mas a Nazebi diz você trabalha duro, exige seu espaço tradicional até sexta feira guarde seu *shabat* e deus vai lhe abençoar, você está lutando pra isso, agora, vou viver o mundo judaico para guardar o *shabat* não, ser humano tem que ter dinheiro, não tem como parar de trabalhar, você chega pra *hashem* divina *hashem* eu quero guardar seu *shabat* então ele vai dentro do seu coração, da sua percepção, da sua capacidade, te favorecer para você guardar seu *shabat*, você não consegue, não é fácil comunidade, muitos já saíram por guardar o *shabat* quer então segue o que *hashem* manda

8. Quais os principais símbolos da religião judaica? (Ritualísticos e os que são carregados no corpo, algum destes é considerado o mais sagrado?)

Olha só, eu estou falando uma tradição primitiva de um povo, vamos dizer assim acessórios judaicos fazem parte da liturgia acessórios judaicos que *hashem* manda como lembrança de ser judeu, você não quer dizer que você usa a *magen david* grande em seu peito e deus está feliz com isso ou que você usa a *magen david* tamanho de uma formiga e deus está feliz com isso deus não está interessado no que você vai usar ele quer que seu corpo seja preservado, seja puro *casher*, está em ligação com ele, não porque ele está te obrigando, a conexão com deus é algo muito forte é uma força uma energia as vezes sua energia está descontrolada, não vais ser bom pra sua saúde pra sua vida então essas questões de ornamento *menorah* pequena *mezuzah* brinco judaico *magen david* não influencia em nada na religião é uma mania ou não de judeus.

Agora as ordens divinas, são acessórios que vão fortalecer com ao *menorah*, a *menorah* foi estabelecida por *hashem*, com sete braços, 3 3 e um 7, mas o porquê assim por que por trás da *menorah* existe uma energia e outra energia e outra energia que enche de fogo, favorecer todo um ambiente, nada no judaísmo quer dizer de uma forma real não é bonitinho não é simbolismo então você chega em um ambiente... *menora*, *mezuzah*, *hamsa*, *quipa tzi tzi*, *talit* tudo isso tem uma tradição um motivo, perguntam por usam quipá? Usa quipá por motivos espirituais de energia, existe nosso corpo nos somos energia a quipá pra *hashem* você usa ela *brachot* energia

usa ela na cabeça e existe uma força luz na sua cabeça enxergando, tudo no judaísmo em relação ao simbolismo tem um motivo.

O símbolo que mais representa nosso povo a *menorah tzitzit tefilin talit hamsa* são adornos corporais fora isso existe coisas que lá fora pessoas não conhecem do mundo judaico existem amuletos de proteção *hashedim* contra demônios, que se usa no judaísmo existe amuletos de proteção que não se usam pois não existe conhecimento o povo que veio pra cá na inquisição não pode ter tanto assim judaicas coisas que ficaram lá fora muita coisa se perdeu no judaísmo, porque o judeu ortodoxo usa preto? Temos um motivo porém tudo que se usa no mundo de judeu não se tem nem ideia do pertencimento a cultura judaica quipá velas santa ceia *kidush*, pegaram nosso *kidush* e mudaram o nome para santa ceia, o rabino Ibrhaim fala que o judaísmo não seria conhecido se não fosse a igreja católica no mundo todas pegaram nosso livro fizeram um só e espalharam pelo mundo

9. Quais as diferenças judaísmo histórico, religioso, cultural, regional, assimilado e comunitário?

Judaísmo histórico é o judaísmo que você escuta percebe existe as investigações existe as documentações existe as provas e fatos ocorridos no mundo judaico e eu tenho que deixar bem claro aqui pra você entender o judaísmo no mundo do povo de Israel dos filhos de Israel judaísmo ganhou essa terminologia devido a tribo de Judá no tempo de Moises não existia judaísmo no Egito não existia o judaísmo o tempo de Abraão não existia o judaísmo Isaac e Jacó ,adão ,Noé não existia judaísmo existia um povo do qual nasceu Abraão o pai das nações e daí se ramifica esse povo e *hashem* vai dividindo o povo por melhor genética, cognição para nascer uma nação um povo chamado Israel Jacob deserto fugido, recebe a tora no monte Sinai conquista nossa área, divide o territorial para eles, israelitas, preparação das tribos tribo de Judá e Israel, por que é chamado Israel de israelita e judeu porque o povo de Israel Perdido no mundo todo.... Daí então se tornou uma coisa o povo de Israel é o povo de Judá ... dessa gama de informações existe documentações como a bíblia a *torah*, associado a arqueologia e tecnologias.

O judaísmo o religioso é aquele judaísmo que realmente viva e pratica a religião judaica simbologias santidades ordenação *hashem*, *faz mitzot shabat yom kipur*, e todas as fés judaicas que também tem influência no mundo judaico toda questão mística judaísmo é só observar bíblia você tem que entender o porquê de cada lei porque foi estabelecida, o que acontece quando guarda cada lei, quando uma *mitzot* quando você congrega uma *mitzvot* isso tem forças as *mitzvot* não foram criadas porque deus achou bonito foi por um motivo todas essas questões

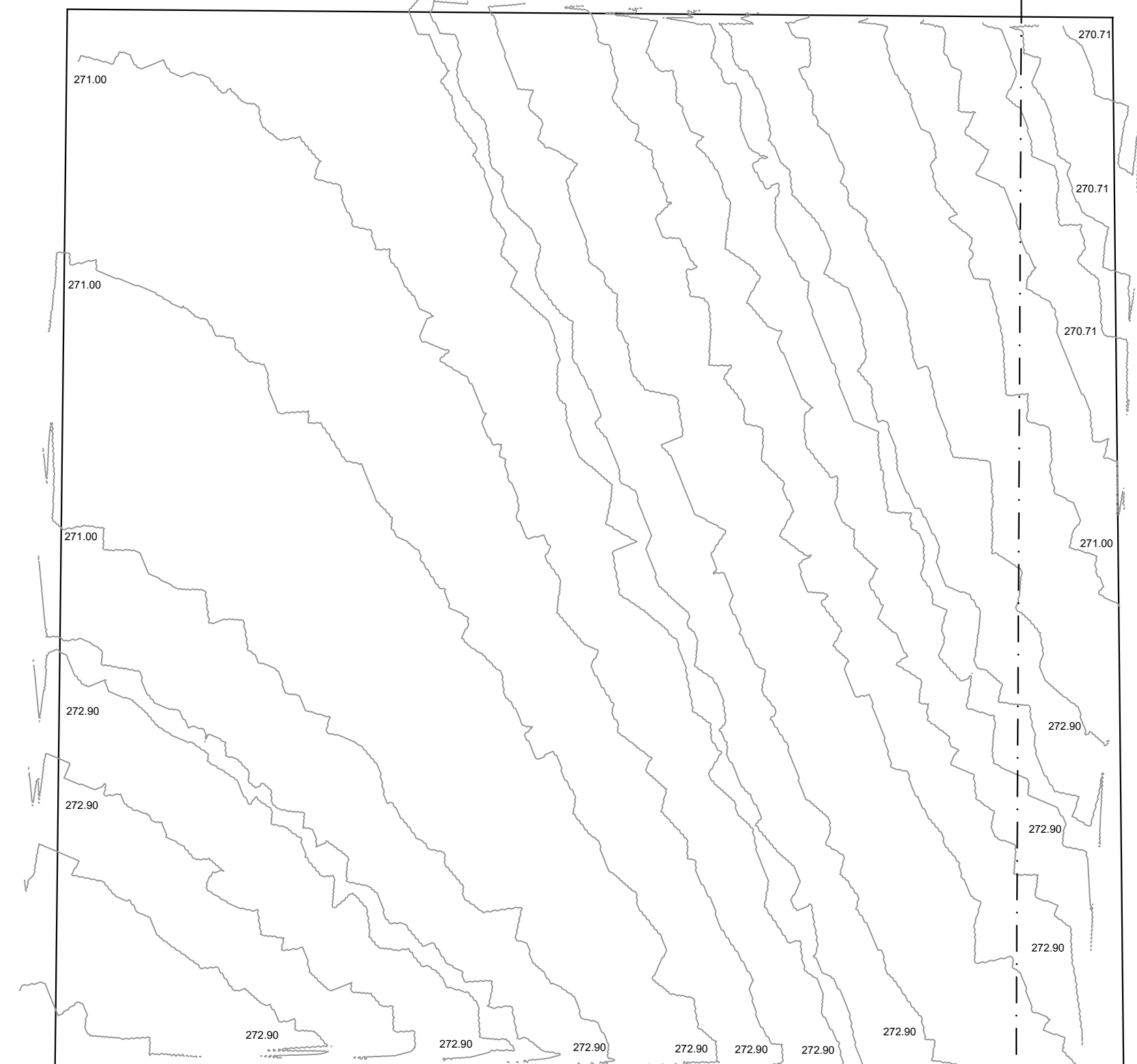
de atitudes judaicas no mundo judeu guardas dos preceitos de toda lei judaica variam por comunidades

Cultural o que é cultura, cultura é a prática de uma informação familiar, grupal tribal, que você vai absorvendo quando criança e vai desenvolvendo, quer dizer que você vai viver aquilo para sempre? Não existe pessoas que vivem a cultura judaica por ter ancestralidade, mas não vive o judaísmo, a cultura tem envolvida ética dignidade próximo visão do mundo querer bem querer fazer feliz se fazer feliz cultura de dizer que são pinceladas da *torah* no mundo do judeu tem comunidade que guarda cultura mas não a tradição tem comunidade que guarda tradição e cultura mas não guarda o religioso a cultura está em todo local do mundo do judeu, a não ser que ele seja um cara que não vive na religião, cultura é uma coisa forte.

Assimilado é aquele judaísmo que um judeu vem de uma etnia judaica carregada de *mitzvot* de tradição de isso tudo mas por causa do ambiente que nasceu viveu sai daquele espaço pra outro ambiente totalmente longe outra comunidade que tem uma tradição diferente uma forma de viver diferente ele se assimila aquela daí o judaísmo dele muda não muda a *torah* ao muda o *talmud* não muda o *siduh* que é nosso livro de orientação reza não muda disso mas muda isso é um judeu assimilado não é um judeu que vem da raiz de família e permaneceu ate hj naquela tradição muitas comunidades judaicas hoje são assimiladas por outras falando de judaísmo então a comunidade, a comunidade daqui foi influenciada pela comunidade de recife, porem a comunidade de recife não tem similaridade com São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais por que são categorias de pensamento judaicos diferentes exemplo: houve um problema em uma sinagoga e precisa de um novo rabino, ao ligar pra Israel pede-se um rabino ortodoxo, voltar raiz, quando este vim tentar pôr ordem na casa ninguém vai gostar manda o cara embora ai fica sem rabino



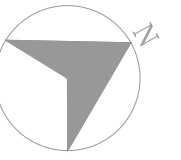
1 PLANTA DE LOCALIZAÇÃO
Escala: 1:500



2 PLANTA TOPOGRÁFICA
Escala: 1:300

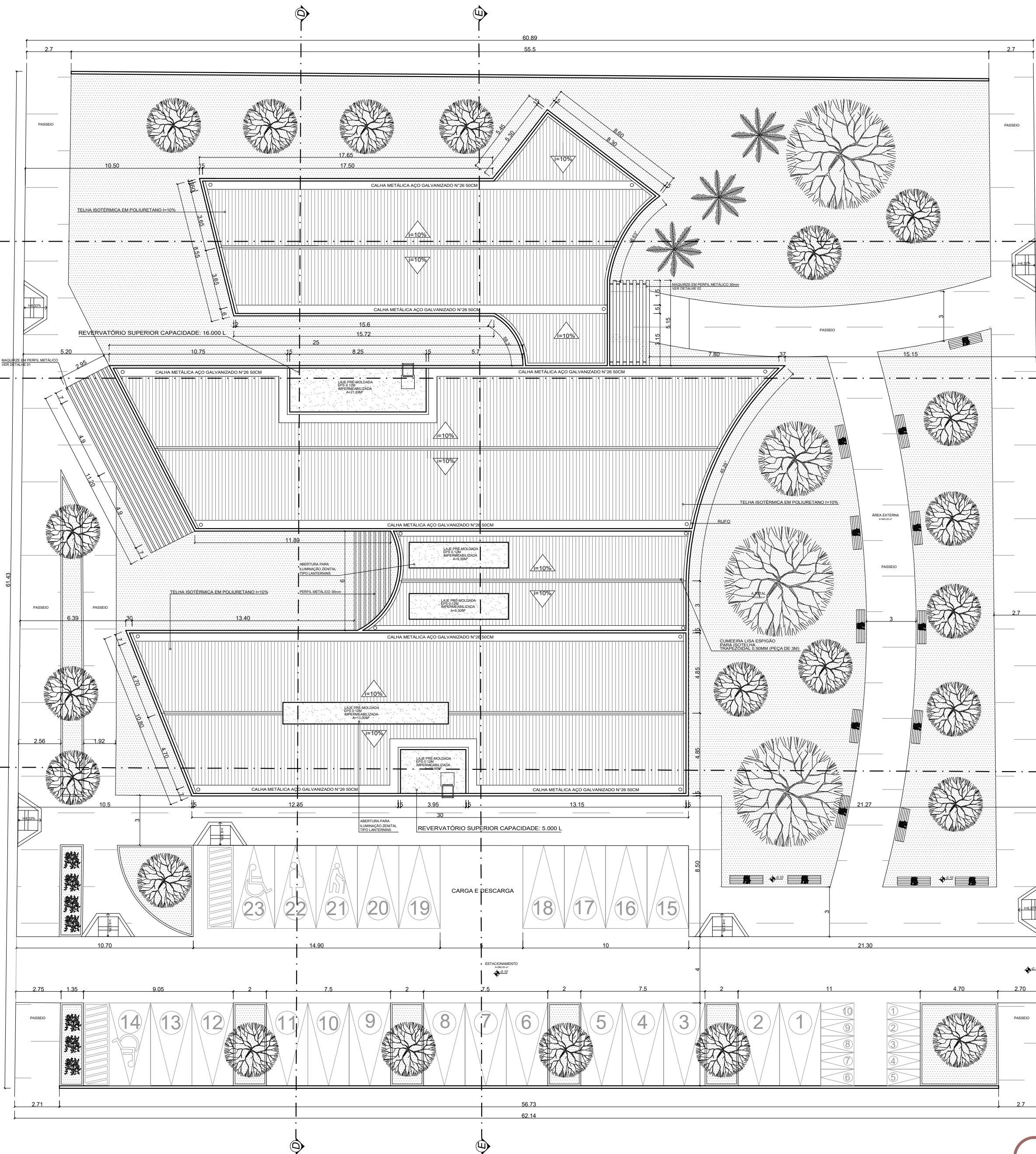


3 PERFIL TOPOGRÁFICO (P-T)
Escala: 1:200

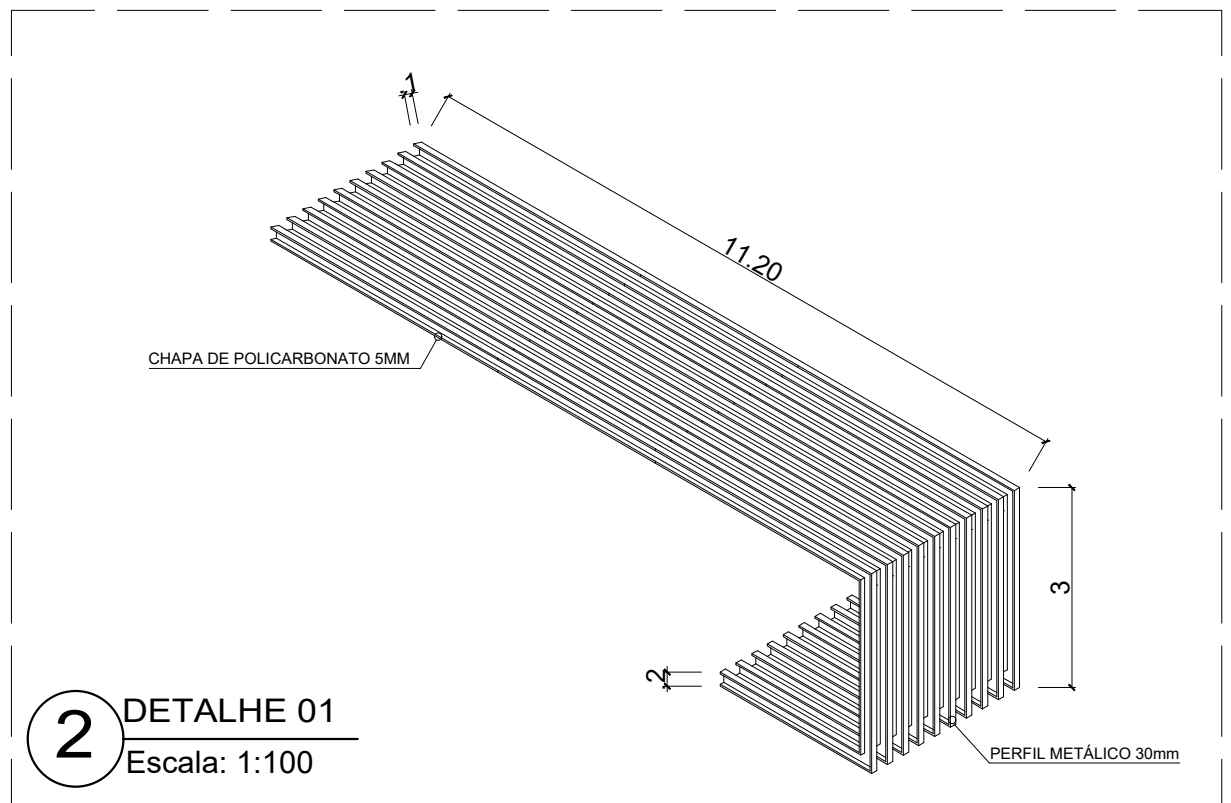


RUA EDENIDA CAVALCANTE

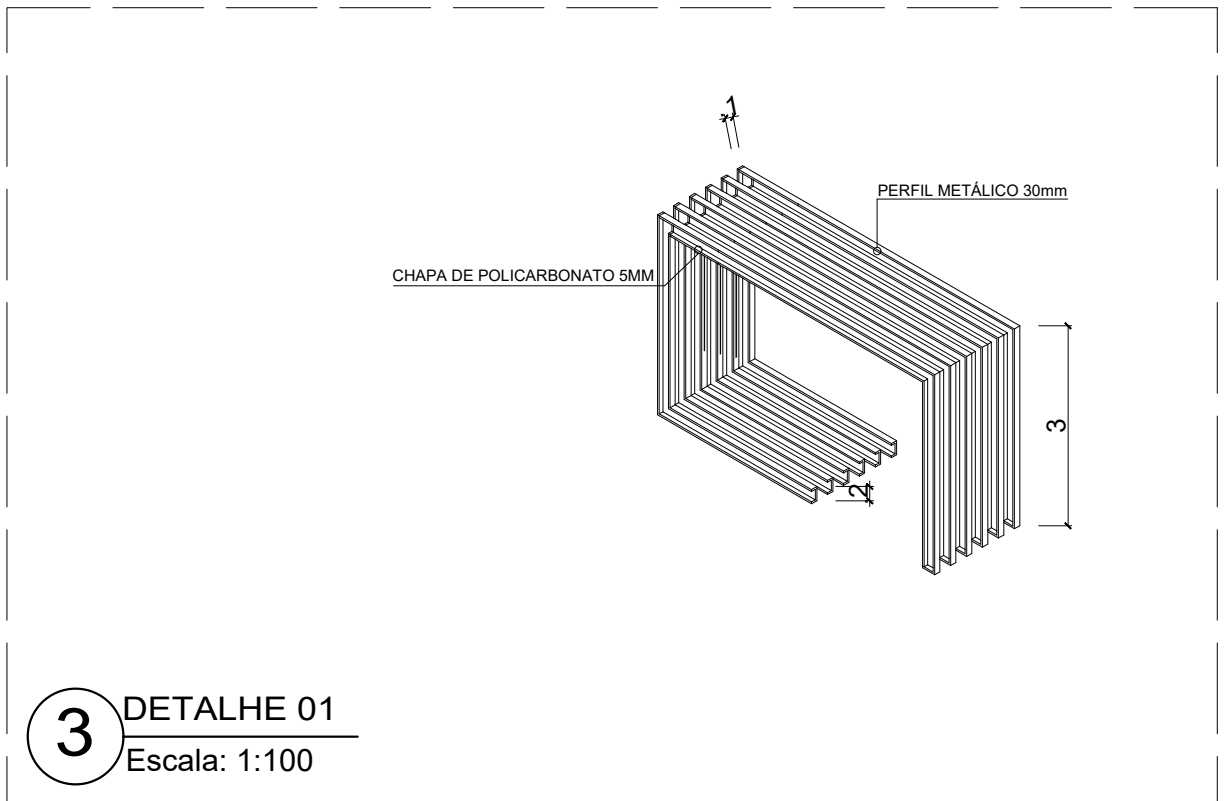
RUA MONSENHOR CONSTANTINO



1 PLANTA DE IMPLANTAÇÃO GERAL E COBERTURA
Escala: 1:200



2 DETALHE 01
Escala: 1:100



3 DETALHE 01
Escala: 1:100

TABELA DE ÁREAS

ÁREA	ÁREA (m²)
ÁREA DO TERRENO	3.764,36
ÁREA DA EDIFICAÇÃO	924,48
ÁREA LIVRE	2.839,88

TABELA DE RECUOS

ÁREA	DISTÂNCIA (m)
TIPO DE EDIFICAÇÃO	TÉRREA
FRONTAL	5.00
LATERAL	1.50
POSTERIOR	1.50
LEI N°964/2004 - CATOLÉ DO ROCHA - PB	

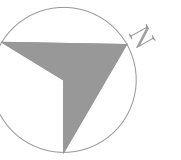


TABELA DE ESQUADRIAS

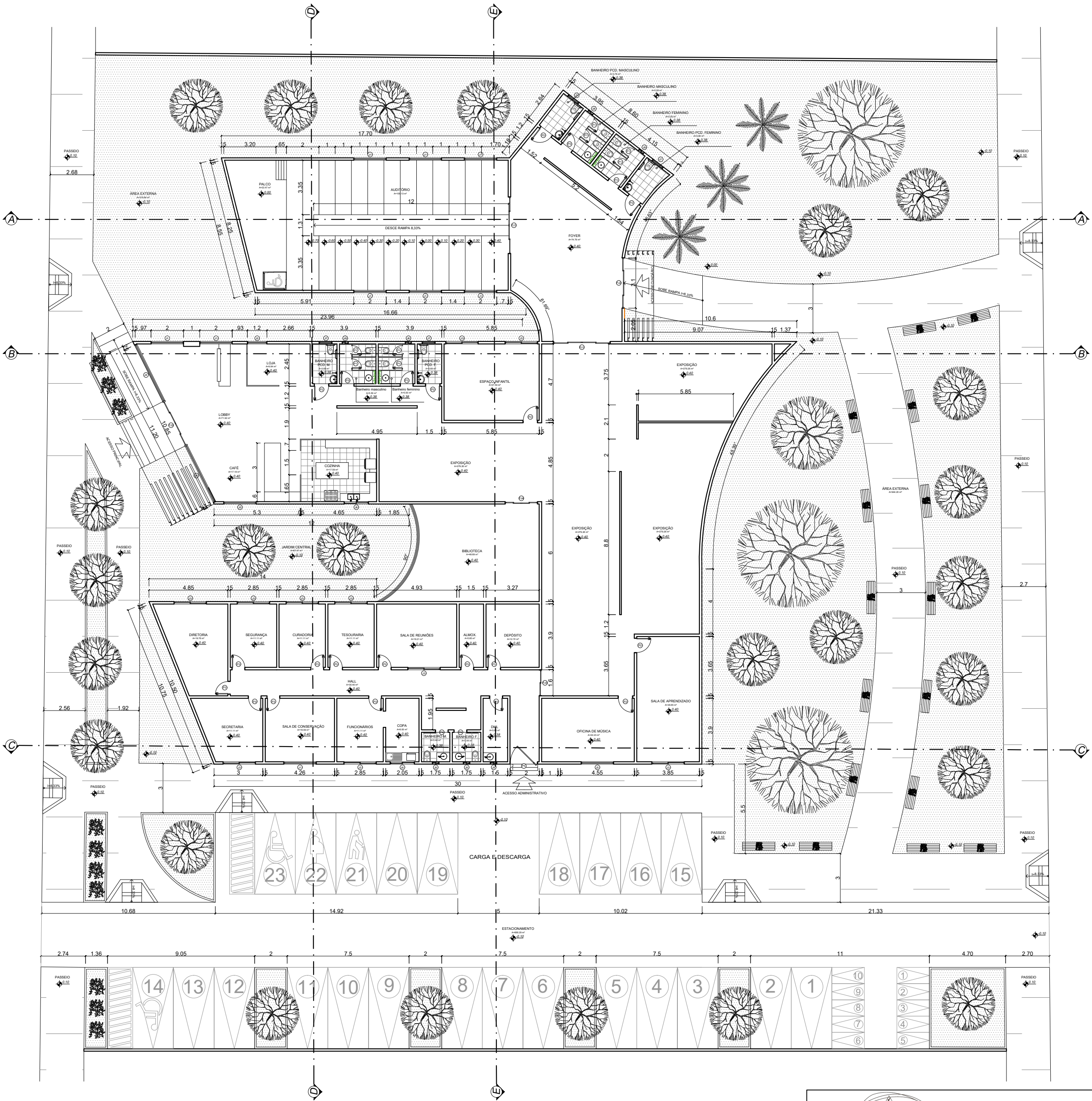
COD	TIPO	LARGURA	ALTURA	PARAPEITO	MATERIAL	QTD	ÁREA (m²)
J1	Janela fixa	200	300	-	Vidro	9	2.40
J2	Janela fixa	120	300	-	Vidro	1	1.44
J3	Janela de correr 2 folhas	200	120	90	Vidro	10	2.40
J4	Janela fixa	392	300	-	Vidro	2	4.70
J5	Janela fixa	200	120	90	Madeira	2	2.40
J6	Janela de correr 2 folhas	150	120	90	Vidro	2	1.80
J7	Janela basculante	80	40	170	Vidro	4	0.32
J8	Janela de correr 2 folhas	40	40	170	Vidro	7	0.16
P1	Porta de abrir	60	210	-	Madeira	8	1.26
P2	Porta de abrir	90	210	-	Madeira	7	1.89
P3	Porta de abrir	80	210	-	Madeira	15	1.68
P4	Porta de correr externa	80	210	-	Madeira	2	1.68
P5	Porta pivotante	170	210	-	Vidro	1	3.57
PJ1	Porta-janela 4 folhas	350	210	-	Vidro	2	7.35
PJ2	Porta-janela 4 folhas	310	210	-	Vidro	1	6.51
PJ3	Porta-janela 4 folhas	300	210	-	Vidro	1	6.30
PJ4	Porta-janela 4 folhas	200	210	-	Vidro	1	4.20
PJ5	Porta-janela 2 folhas	160	210	-	Vidro	1	3.36

TABELA DE ÁREAS

ÁREA	ÁREA (m²)
ÁREA DO TERRENO	3.764,36
ÁREA DA EDIFICAÇÃO	924,48
ÁREA LIVRE	2.839,88

TABELA DE RECUOS

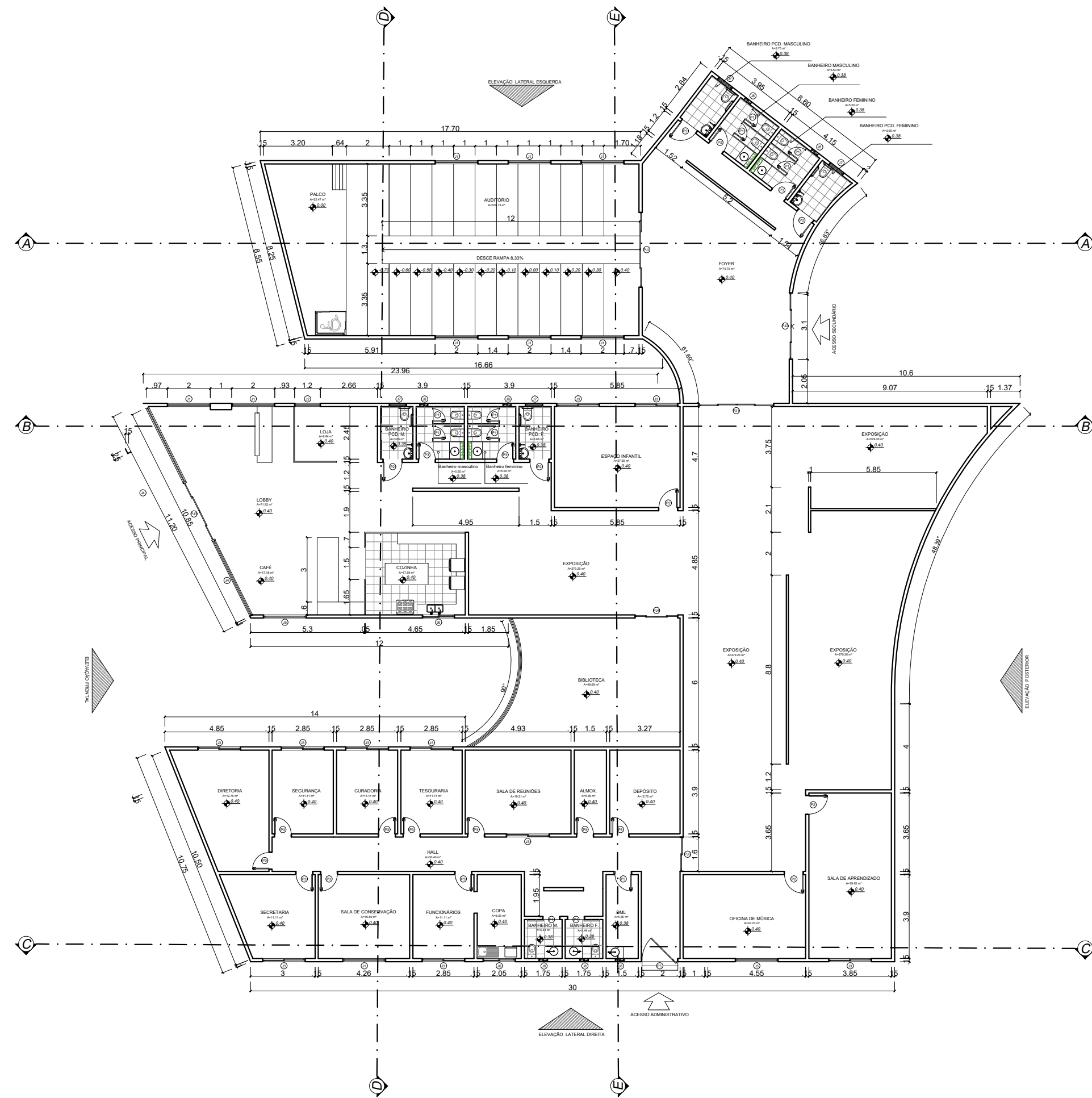
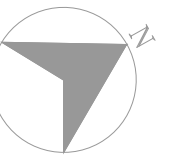
ÁREA	DISTÂNCIA (m)
TIPO DE EDIFICAÇÃO	TÉRREA
FRONTAL	5,00
LATERAL	1,50
POSTERIOR	1,50
LEI N°964/2004 - CATOLÉ DO ROCHA - PB	



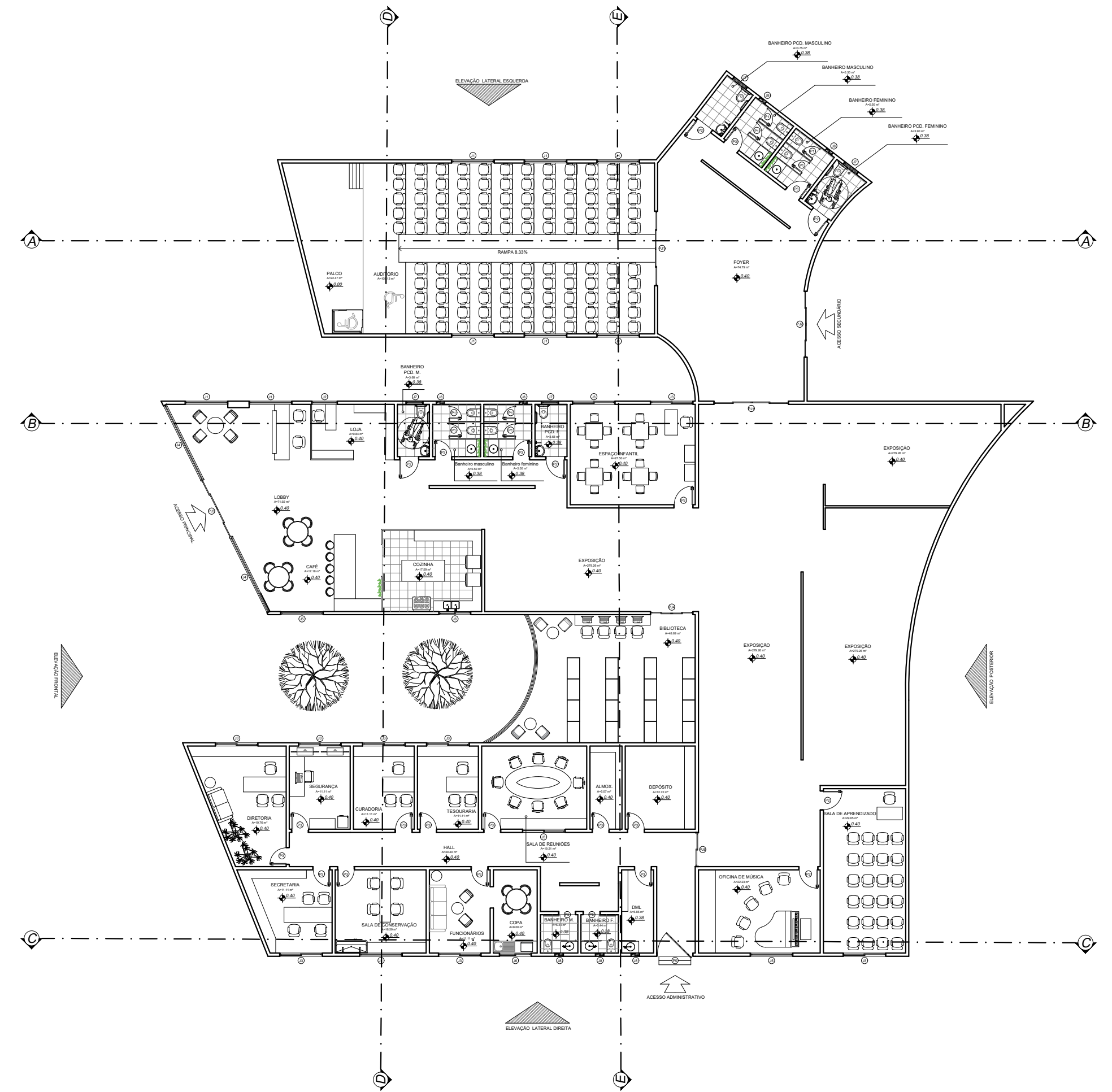
1 PLANTA BAIXA GERAL DO CENTRO CULTURAL
Escala: 1:200



CHAI - CENTRO CULTURAL DE HISTÓRIA JUDAICA	
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO	
INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO	
ALUNO: NELTER TALISON CARDOSO DE AZEVEDO	
CONTEÚDO: PLANTA BAIXA GERAL DO CENTRO CULTURAL	
ORIENTADORA: PROFA. DRA. ANNA CRISTINA ANDRADE FERREIRA	
DATA: 05/11/2022	ESCALA: 1:200



1 PLANTA BAIXA DO CENTRO CULTURAL
Escala: 1:200



2 LAYOUT DO CENTRO CULTURAL
Escala: 1:200

TABELA DE ESQUADRIAS

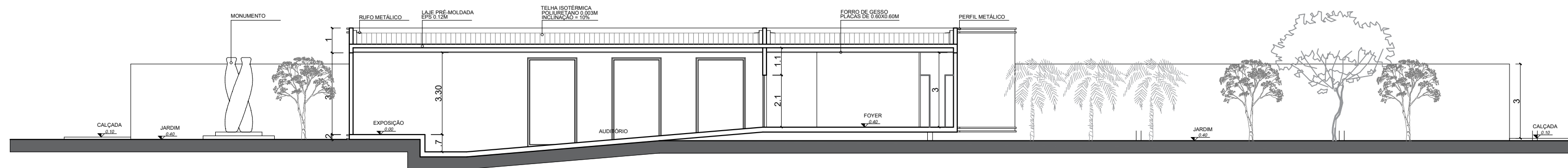
COD	TIPO	LARGURA	ALTURA	PARAPEITO	MATERIAL	QTD	ÁREA (m²)
J1	Janela fixa	200	300	-	Vidro	9	2.40
J2	Janela fixa	120	300	-	Vidro	1	1.44
J3	Janela de correr 2 folhas	200	120	90	Vidro	10	2.40
J4	Janela fixa	392	300	-	Vidro	2	4.70
J5	Janela fixa	200	120	90	Madeira	2	2.40
J6	Janela de correr 2 folhas	150	120	90	Vidro	2	1.80
J7	Janela basculante	80	40	170	Vidro	7	0.32
J8	Janela de correr 2 folhas	40	40	170	Vidro	4	0.16
P1	Porta de abrir	60	210	-	Madeira	8	1.26
P2	Porta de abrir	90	210	-	Madeira	7	1.89
P3	Porta de abrir	80	210	-	Madeira	15	1.68
P4	Porta de correr externa	80	210	-	Madeira	2	1.68
P5	Porta pivotante	170	210	-	Vidro	1	3.57
PJ1	Porta-janela 4 folhas	350	210	-	Vidro	2	7.35
PJ2	Porta-janela 4 folhas	310	210	-	Vidro	1	6.51
PJ3	Porta-janela 4 folhas	300	210	-	Vidro	1	6.30
PJ4	Porta-janela 4 folhas	200	210	-	Vidro	1	4.20
PJ5	Porta-janela 2 folhas	160	210	-	Vidro	1	3.36

TABELA DE ÁREAS

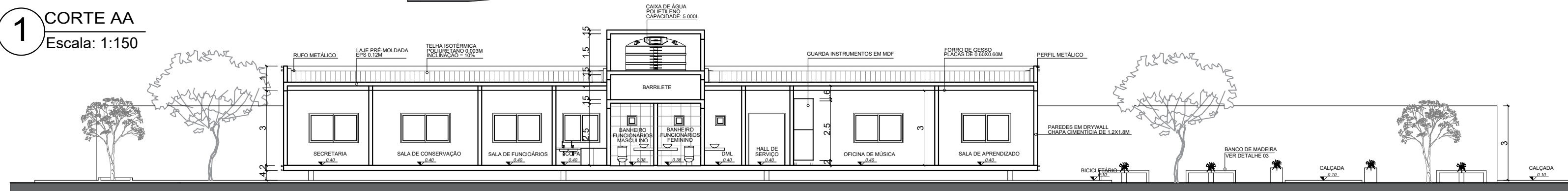
ÁREA	ÁREA (m²)
ÁREA DO TERRENO	3.764,36
ÁREA DA EDIFICAÇÃO	992,68
ÁREA LIVRE	2.771,68



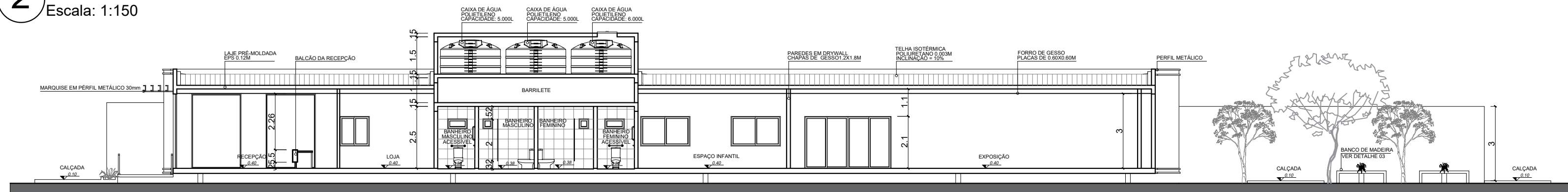
		CHAI - CENTRO CULTURAL DE HISTÓRIA JUDAICA	
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO			
INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO			
ALUNO: NELTER TALISON CARDOSO DE AZEVEDO			
CONTEÚDO: PLANTA BAIXA DO CENTRO CULTURAL LAYOUT DO CENTRO CULTURAL			
ORIENTADORA: PROFA. DRA. ANNA CRISTINA ANDRADE FERREIRA			
DATA: 05/11/2022		FOLHA: 4/8 ESCALA: 1:200	



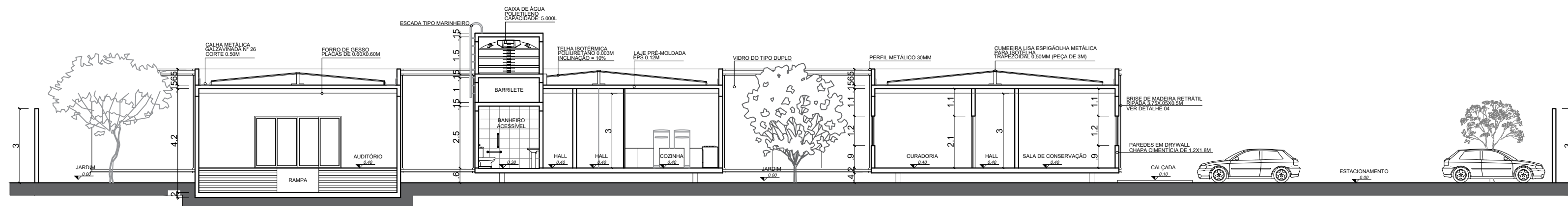
1 CORTE AA
Escala: 1:150



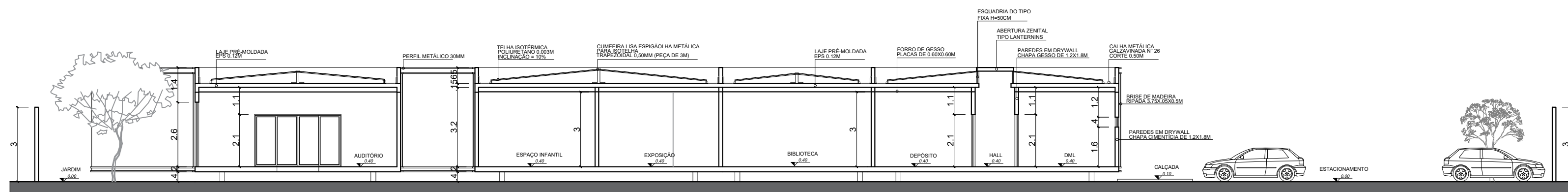
2 CORTE BB
Escala: 1:150



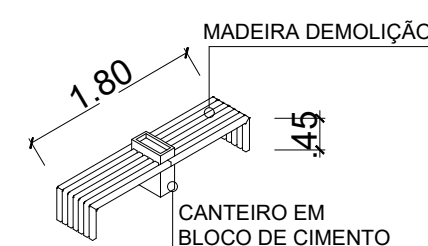
3 CORTE CC
Escala: 1:150



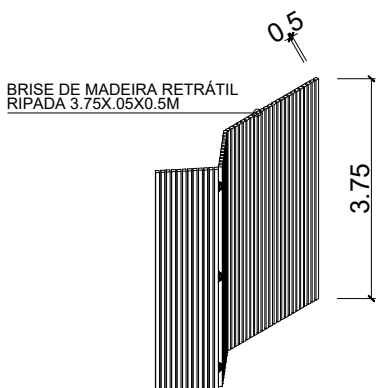
4 CORTE DD
Escala: 1:150



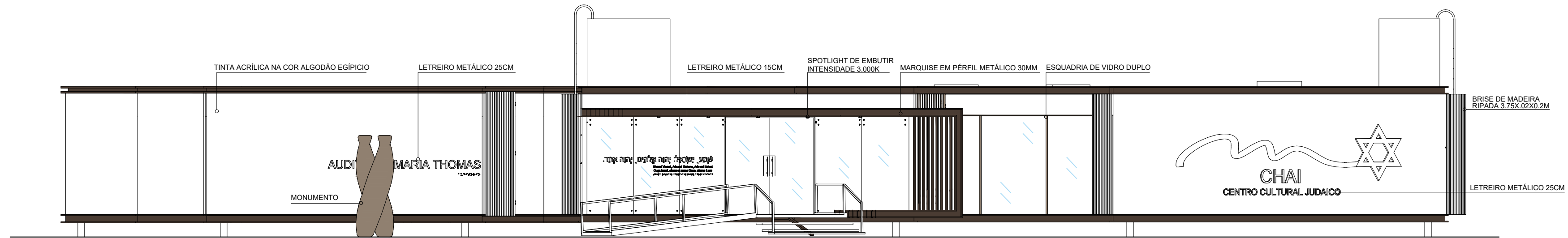
5 CORTE EE
Escala: 1:150



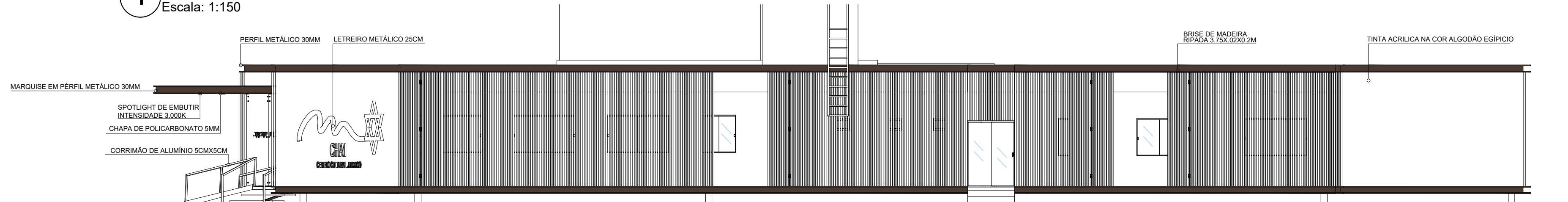
6 DETALHE 03
Escala: 1:100



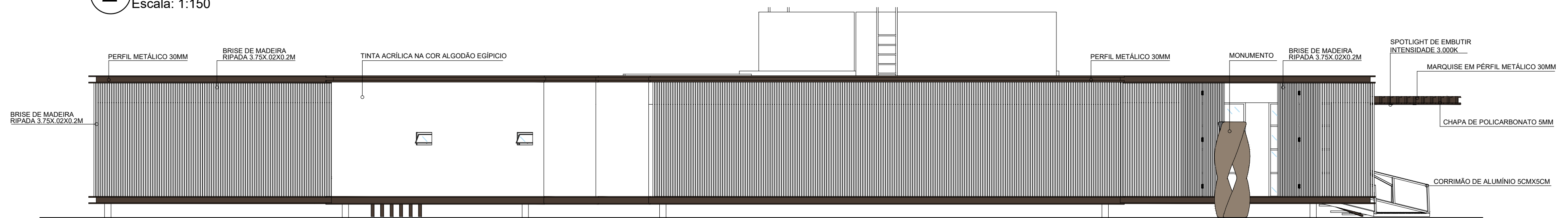
7 DETALHE 04
Escala: 1:100



1 ELEVÇÃO FRONTAL
Escala: 1:150



2 ELEVÇÃO LATERAL DIREITA
Escala: 1:150



3 ELEVÇÃO LATERAL ESQUERDA
Escala: 1:150



4 ELEVÇÃO POSTERIOR
Escala: 1:150



IMAGEM 01- VISTA DA FACHADA PRINCIPAL



IMAGEM 02- VISTA DA BIBLIOTECA



IMAGEM 03- VISTA PARA O AUDITÓRIO



IMAGEM 04- VISTA PARA LETREIRO



IMAGEM 05- VISTA PARA O BLOCO ADMINISTRATIVO



IMAGEM 06- VISTA PARA O ESTACIONAMENTO



IMAGEM 07- VISTA PARA ÁREA EXTERNA



IMAGEM 08- VISTA PARA ENTRADA SECUNDÁRIA DO AUDITÓRIO



IMAGEM 09- VISTA PARA A COBERTURA



IMAGEM 01- VISTA EXEMPLAR DE EXPOSIÇÃO



IMAGEM 02- VISTA EXEMPLAR DE EXPOSIÇÃO AUDIOVISUAL



IMAGEM 03- VISTA EXEMPLAR DE EXPOSIÇÃO DINÂMICA



IMAGEM 04- VISTA EXEMPLAR DE EXPOSIÇÃO



IMAGEM 05- VISTA EXEMPLAR DE EXPOSIÇÃO



IMAGEM 06- DESTAQUE PARA EXPOSITORES COM TOTEM EM BRAILE



IMAGEM 07- VISTA EXEMPLAR DE EXPOSIÇÃO



IMAGEM 08- VISTA EXEMPLAR DE EXPOSIÇÃO